

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

GÁLATAS A FILEMOM

9

AS EPÍSTOLAS PASTORAIS

A Primeira e a Segunda Epístolas a

TIMÓTEO

A Epístola a

TITO

J. Glenn Gould

Introdução

A PRIMEIRA E A SEGUNDA EPÍSTOLAS A TIMÓTEO E A EPÍSTOLA A TITO

A. Epístolas Pastorais

Estes escritos conhecidos por “Epístolas Pastorais”, compreendendo a Primeira e a Segunda Epístola a Timóteo e a Epístola a Tito, diferem consideravelmente dos outros escritos atribuídos a Paulo em dois pontos: os destinatários são pessoas e o estilo é predominantemente pastoral. Todas as outras epístolas de Paulo, com exceção da Epístola a Filemom, são dirigidas a igrejas e, na maioria dos casos, são exemplos do trabalho do pastor-presidente em aconselhar, exortar e disciplinar o rebanho sobre o qual tem supervisão. Mas as Epístolas Pastorais são dirigidas a pessoas que são pastores. Estas cartas são exemplos do trabalho supervisor do pastor-presidente que se dirige aos que são pastores-assistentes. Esta distinção é fator básico para determinar as características das Epístolas Pastorais, ação que tem provocado muito debate entre os estudiosos e levantado a idéia de que estas cartas não são da lavra de Paulo.

A designação “pastorais”, apesar de sua conveniência óbvia, não foi aplicada a estas cartas desde tempos imemoriais, mas é de origem relativamente recente. É verdade que Tomás de Aquino (século XIII) foi o primeiro a mencionar esse termo denominativo, mas foi só no início do século XVIII que as cartas receberam o nome de “Epístolas Pastorais”. Esta maneira de referir-se a elas tornou-se habitual quando esta designação foi adotada pelo afamado comentarista Dean Alford, em 1849.

O nome apelativo “pastorais” é apropriado dentro de certos limites. O tema central das cartas é o que veio ser chamado “cura das almas”, visto que era esse ministério que estava sendo feito em Éfeso e Creta por, respectivamente, Timóteo e Tito. Paulo está aconselhando, avisando, exortando e incentivando seus filhos no evangelho, os quais agora são seus assistentes no pastoreio das igrejas. Pela riqueza do seu conhecimento da fé e por sua experiência em lidar com pessoas e igrejas de tipos diversos, ele dá a estes jovens ministros advertências e orientações. Mas as Epístolas Pastorais possuem a limitação de não serem “manuais de teologia pastoral”, para usar a frase de Donald Guthrie.¹ Muitos dos tópicos essenciais a tais manuais estão omitidos destas cartas. Elas lidam vigorosamente apenas com alguns dos assuntos enfrentados por um pastor — assuntos que eram de suma importância para essas igrejas em particular, e nada mais. Na verdade, estas cartas visam, com toda a probabilidade, apenas complementar a instrução oral do apóstolo dada a estes jovens ministros. Este fato deve ser mantido em mente ao lermos qualquer uma das cartas de Paulo, sobretudo às dirigidas a igrejas que o próprio Paulo fundou. Por trás da instrução teológica e religiosa nas epístolas há a pregação extensa do apóstolo, e por trás de muitas análises aparentemente incompletas nas epístolas devemos presumir que houve um conjunto de ensino coerente dado pelo apóstolo em discurso oral.

Embora as Epístolas Pastorais sejam limitadas na área que abrangem, resta o fato de que o conteúdo ajusta-se perfeitamente ao campo da teologia pastoral, tornando adequada a designação “pastorais”.

B. Autoria

1. *A Interpretação Tradicional*

A interpretação de que Paulo é o autor destas epístolas não deve ser empurrada para o lado como algo insignificante. As epístolas reivindicam a autora paulina, fato declarado abertamente na saudação de cada carta; e apesar da tendência atual de desconsiderar tal evidência, o ônus da prova ainda fica com os que menosprezam essa informação. No lado da autenticidade destas epístolas está o fato de que, desde os dias mais antigos da igreja, elas são reputadas obra de Paulo. Alfred Plummer coloca a idéia objetivamente com estas palavras: “As evidências concernentes à aceitação geral de que elas são da autoria de Paulo são abundantes e positivas, e vêm desde os tempos antigos”.² É significativo que a autoria paulina começou a ser questionada somente no início do século XVII. Guthrie foi extraordinariamente objetivo quando disse: “Se a base da objeção [à autoria paulina] é tão forte quanto afirmam [seus proponentes], tem de haver alguma razão adequada para explicar a falta extraordinária de discernimento por parte dos estudiosos cristãos no transcurso de um período tão longo”.³

2. *O Ataque à Autoria Paulina*

Apesar da força convincente das evidências que indica a autoria paulina destas cartas, certos expositores insistem em provar que estas evidências não são dignas de confiança. O ataque na autenticidade das Epístolas Pastorais é efetivado em, pelo menos, quatro frentes: 1) A dificuldade em ajustá-las à carreira de Paulo conforme nos mostram a literatura do Novo Testamento; 2) a incompatibilidade dessas cartas com a organização das igrejas segundo se acredita ter existido durante a vida de Paulo; 3) os temas doutrinários das Epístolas Pastorais que, dizem, diferem radicalmente dos ensinamentos nas outras epístolas de Paulo; e 4) as supostas diferenças de vocabulário existentes entre as Epístolas Pastorais e as cartas de Paulo às igrejas.

a) O primeiro ataque é o problema histórico: Como estas cartas se ajustam ao que conhecemos da carreira de Paulo? Nosso conhecimento dessa carreira baseia-se em grande parte em Atos dos Apóstolos, com material suplementar valioso derivado dos próprios escritos de Paulo. Não nos esqueçamos, porém, que Atos não afirma ser uma biografia de Paulo. Na verdade, Saulo de Tarso (como era inicialmente conhecido em Atos) só é mencionado depois de Atos 7.58. A história da sua surpreendente conversão a Cristo é narrada no capítulo 9; e sua plena aceitação como líder cristão não ocorre até os capítulos 11 e 13. Não há a mínima tentativa de informar o leitor sobre sua infância e mocidade. Sua presença proeminente em cena durante o desenrolar de Atos deve-se ao fato de que o seu ministério era o mais excelente de qualquer um dos apóstolos e de que Lucas, o autor de Atos, era participante de grande parte da atividade de Paulo. Lucas conclui sua narrativa de Paulo quase tão abruptamente quanto a começou, deixando o apóstolo na decisão de sua primeira prisão em Roma — encarceramento que terminou com sua absolvição. Não há evidência em Atos de que a morte de Paulo tenha ocorrido logo depois dos acontecimentos ali narrados.

Os oponentes da autoria paulina das Epístolas Pastorais argumentam que “é impossível encaixar estas epístolas na estrutura da história de Atos”.⁴ Se houvesse evidências

de que os acontecimentos finais relatados em Atos coincidissem com os acontecimentos finais da vida de Paulo, esta seria realmente uma objeção fatal. Mas não há tais evidências e basear argumentos somente no silêncio de Atos sobre os anos finais da vida do apóstolo é construir argumentações em fundamentação arenosa.

É muito provável que o apóstolo foi absolvido e liberto da primeira prisão em Roma e desfrutou alguns anos de liberdade e liderança cristã. E há motivos para crer que, em suas novas atividades, ele tenha realizado o grande desejo de visitar a Espanha (Rm 15.28). W. J. Lowstuter resume o assunto: “Não há razão válida que negue a libertação e não existe prova que a conteste. As Epístolas Pastorais pressupõem uma libertação. Isto nos permite manusear muito razoavelmente as diversas referências históricas que, do contrário, seriam muito difíceis de explicar. Em liberdade, ele visitou suas antigas igrejas, renovou contatos com antigos trabalhos, abriu novos trabalhos em Creta, Dalmácia e Gália, planejou passar o inverno em Nicópolis, deixou a capa e livros em Trôade [ver Mapa 1] para lhe serem enviados pouco tempo depois ao ser lançado novamente na prisão, e de um segundo aprisionamento em Roma escrever que sua carreira estava completa e o seu caso não tinha esperança segundo os tribunais imperiais”.⁵

b) O segundo ataque à autenticidade das Epístolas Pastorais se prende ao problema eclesiástico: a pretensa incompatibilidade destas epístolas com a organização da igreja do século I. Dizem que as Epístolas Pastorais exprimem um estado organizacional avançado na igreja que, por definição, só poderia existir em meado do século II. As orientações dadas nestas epístolas concernentes à nomeação de bispos e diáconos e as qualificações estabelecidas para estes ofícios, a autoridade que Timóteo e Tito tinham para designar tais obreiros eclesiásticos, e o destaque que os anciãos (presbíteros) têm como guardiões e portadores da tradição são fatores, conforme argumentam, que indicam um período consideravelmente mais tardio que a época de Paulo. Além disso, as heresias contra as quais soam notas de advertência são, ao que parece, heresias gnósticas que se tornaram verdadeiramente ameaçadoras apenas no século II.

Em resposta ao ataque, destaquemos que desde o mais antigo período do seu ministério Paulo se preocupava com a decência e a ordem nas igrejas que ele fundara. Lucas relata esse fato já na primeira viagem missionária, quando escreve que Paulo e Barnabé “[elegeram] anciãos em cada igreja” (At 14.23). Ao escrever a saudação aos crentes filipenses, Paulo a endereça “a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos” (Fp 1.1). A preocupação de Paulo com as diversas ordens ministeriais é muito evidente em passagens como Efésios 4.11,12.

O Novo Testamento dá impressionante testemunho do fato de que anciãos, bispos e diáconos estavam entre os mais antigos obreiros da igreja infante. Edwin Hatch entende que a organização das igrejas primitivas seguiu padrões que se tornaram comuns na organização das sociedades seculares. Ele disse: “Cada uma das associações, quer política ou religiosa, que enxameava o império tinha seu comitê de oficiais. Era, portanto, antecedentemente provável [...] que quando os gentios aceitaram o cristianismo e passaram a ser suficientemente numerosos numa cidade, eles exigiram algum tipo de organização e que tal organização tomaria a forma que prevaleceu; essa organização não seria inteiramente (se é que seria) monárquica, nem inteiramente, embora essencialmente, democrática, mas haveria um executivo permanente composto de uma pluralidade de

peçoas”.⁶ Esta tendência evidencia-se na nomeação de Paulo de anciãos nas igrejas que ele organizou. Evidencia-se também no fato de que o presidente deste grupo de anciãos, o responsável financeiro e espiritual da igreja local, era conhecido em grego por *episcopos* (“bispo”). Seu dever, entre outros, era manter a integridade fiscal da igreja local. Considerando que a igreja tinha funções caridosas e religiosas, inclusive muitos em suas posições estavam em necessidade medonha, a custódia dos fundos benevolentes da igreja era uma responsabilidade majoritária; e tal responsabilidade era da alçada do bispo.

Para distribuir estes fundos aos necessitados, o bispo tinha ao seu lado um grupo de obreiros conhecido em grego por *diakonoi* (“diáconos”). O diaconato, que mais tarde foi estabelecido na igreja primitiva, foi claramente antecipado nos tempos do Novo Testamento quando os apóstolos em Jerusalém designaram “sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria”, cujo dever era cuidar do “ministério cotidiano” de ajudar os necessitados (At 6.1-3). No fim das contas, era a prática na igreja que a distribuição desta ajuda fosse tarefa dos diáconos, enquanto que a responsabilidade final pertencia ao bispo, que agia como presidente e agente do presbitério da igreja. É verdade que ao longo dos séculos II e III estes ofícios sofreram mudanças significativas na igreja. Mas permanece o fato de que tais ofícios existiam nos dias do Novo Testamento e que os deveres ligados a eles eram essencialmente iguais em épocas posteriores. Portanto, o tipo de organização eclesiástica que as Epístolas Pastorais exprimem não nos leva necessariamente para além do período de Paulo.

c) A terceira frente na qual os críticos atacam a autoria paulina é a doutrinária: Há diferenças doutrinárias radicais entre estas epístolas e os escritos mais antigos de Paulo, a ponto de tornar insustentável a interpretação de que as Epístolas Pastorais são obra de Paulo? Os que se apóiam nesse argumento para negar a autoria paulina citam o fato de que as doutrinas características do apóstolo, como “a paternidade de Deus” e “a união mística do crente com Cristo”, ou a expressão exclusiva do apóstolo “em Cristo”, não ocorrem nas Epístolas Pastorais. E o que aconteceu com o conceito paulino do Espírito Santo?, perguntam.

Para responder ao ataque, ressaltemos que o propósito do apóstolo ao escrever as Epístolas Pastorais difere do propósito em quaisquer dos seus escritos anteriores. Nas primeiras epístolas, ele escreve como evangelista e mestre, e também como pastor do rebanho. Seu método é, em alguns casos, teológico (como em Romanos), corretivo (como nas epístolas a Corinto), preocupado em remover concepções errôneas perigosas (como nas epístolas a Tessalônica) e sempre exortativo. Mas nas Epístolas Pastorais, ele está bem afastado da responsabilidade pastoral. São jovens que estão liderando as tropas de combate da fé, e o papel de Paulo acha-se mais no campo da estratégia e direção. É verdade que ele se preocupa com a integridade da doutrina, como convém a “Paulo, o velho”, quando escreve para homens de menos idade. É verdade que “a fé” veio a caracterizar a mensagem cristã e que declarações formalizadas de fé ocorrem nas Epístolas Pastorais com mais notabilidade do que nas cartas mais antigas de Paulo. Mas estas manifestam a situação variável nas igrejas e no empreendimento cristão total, bem como as mudanças psicológicas que acompanhavam o apóstolo à medida que avançava em anos. Em vista de todas estas considerações, é nada mais que implicância negar com base em diferenças doutrinárias a autoria do apóstolo destas cartas obviamente paulinas.

Mas devemos enfrentar a questão no que tange às heresias contra as quais as Epístolas Pastorais emitem um sinal de perigo: Estes falsos ensinamentos pertencem necessariamente, como alegam certos comentaristas, ao período do século II e não ao do século I? Alfred Plummer fez um estudo cuidadoso do ensino que Paulo procura refutar. É assim que ele analisa:

1) A heresia é de caráter *judaico*. Seus promotores '[querem] ser doutores da lei' (1 Tm 1.7). Entre eles há 'os da circuncisão' (Tt 1.10). Fundamentam-se em 'fábulas judaicas' (Tt 1.14). As questões que levantam são 'debates acerca da lei' (Tt 3.9). 2) A heresia também dá indicações de ser de caráter *gnóstico*. As passagens de 1 Timóteo 1.3,4 e Tito 1.14, 3.9 nos informam que são 'fábulas' e 'genealogias'. Tratam-se de 'vãs contendas' (1 Tm 1.6), 'contendas de palavras' (1 Tm 6.4) e 'clamores vãos' (1 Tm 6.20). Ela ensina um asceticismo antinatural e em desacordo com as Escrituras (1 Tm 4.3,8). É a 'falsamente chamada ciência [gnosis]' (1 Tm 6.20).⁷

Plummer cita Godet que observa que houve três fases distintas na relação entre o judaísmo e o cristianismo no século I. A primeira foi o período quando o judaísmo estava fora da igreja e lhe era oposto ao ponto de blasfêmia. A segunda fase foi o período quando o judaísmo procurou invadir a igreja, visando inserir a lei mosaica nela. A última fase foi o período quando o judaísmo se tornou uma heresia dentro da igreja. Neste terceiro período, declara Godet, "há revelações fingidas sobre nomes e genealogias de anjos; há o estabelecimento de regras ascéticas absurdas como deliberações de perfeição, ao mesmo tempo em que a imoralidade ousada deforma a vida real".⁸ É esta terceira fase que nos confronta nas Epístolas Pastorais, fase que obviamente ocorreu quando ainda o apóstolo estava vivo. Só nos resta concluir que, quaisquer que tenham sido as mudanças ocorridas na heresia gnóstica em anos subseqüentes, vemos essa heresia claramente prenunciada nos anos finais da vida do apóstolo e claramente desmascarada por ele nas Epístolas Pastorais.

d) A quarta e última frente na qual a batalha se deu é a lingüística: As diferenças de vocabulário existentes entre as Epístolas Pastorais e as cartas de Paulo às igrejas são suficientes para enfraquecer a tese de que as Epístolas Pastorais são de origem paulina? Aqui o assunto gira em torno da ocorrência de uns 175 hápax (palavras que aparecem pela primeira vez na obra de um autor) nas três Epístolas Pastorais. Os críticos alegam que estas palavras são próprias do século II; caso esta alegação se comprove, mostra que a autoria é posterior aos dias de Paulo.

A pesquisa descobriu que a linguagem das Epístolas Pastorais não contém nenhuma palavra que não ocorra em outro lugar na literatura cristã e secular de meado do século I; e quase a metade das palavras supostamente novas consta na Septuaginta (c. 200 a.C.). Estas alegações e outras semelhantes se baseiam na opinião de que a capacidade mental de Paulo não lhe dá nenhum crédito. Sua personalidade era fundamental e imaginativa, em concordância com as mudanças inerentes à influência crescente do cristianismo que invadia o mundo gentio, e inteiramente ciente dos perigos para a fé que tomava parte nessas mudanças. Falando objetivamente, N. J. D. White observa que "é provável que alguém assim sofra mudanças de perspectiva mental e seja possuído por novos ideais e concepções a ponto de desnortear as pessoas de mentes menos ágeis. E é

lógico que isso exige novos pensamentos para a expressão de palavras e frases para as quais ninguém antes tivera uso. No caso de Paulo, esta não é suposição imaginária. A diferença entre o Paulo de Filipenses e o Paulo de 1 Timóteo não é maior que, talvez não tão grande quanto, entre o Paulo de Tessalonicenses e o Paulo de Efésios”.⁹

Isto não dizer que o apóstolo foi pessoalmente responsável por cada palavra empregada nestas epístolas ou, no que toca ao assunto, em qualquer uma de suas epístolas. J. N. D. Kelly¹⁰ sugeriu que o fato de Paulo depender de um amanuense pode ter sido consideravelmente bem maior nas circunstâncias sob as quais as Epístolas Pastorais foram produzidas, e que isto explica facilmente as variações de estilo e vocabulário que os críticos crêem terem descoberto. Mas aceitar essa idéia de modo nenhum põe em dúvida a autenticidade destas epístolas.

Esta rápida revisão das evidências pertinentes à autoria das Epístolas Pastorais deflagra a conclusão de que estas cartas são realmente da lavra de Paulo. O autor é um Paulo idoso e que enfrenta perigo mortal, inteiramente convicto de que o seu ministério se aproxima do fim e de que a tocha deve ser passada para mãos mais jovens e mais robustas. Mas a sua visão da meta do cristianismo não está de forma alguma obscurecida e o seu compromisso com a tarefa cristã não diminuiu.

C. Destinatário e Propósito

O fato de as Epístolas Pastorais serem dirigidas a indivíduos e não a uma igreja ou grupo de igrejas as distingue de modo exclusivo nos escritos paulinos. Timóteo e Tito eram jovens que mantinham lugar de extrema comunhão e ternura na confiança e sentimento do apóstolo. Paulo os colocara, respectivamente, em Éfeso e Creta (ver Mapa 1), onde estavam assumindo a pesada responsabilidade de dirigir estas igrejas cristãs. Em ambas as situações, a igreja era uma pequena ilha de cristãos transformados cercada por vasto oceano de paganismo e corrupção moral. Manter a integridade do movimento cristão no meio desses ambientes era tarefa colossal. Paulo não conseguiu liberar a mente e o coração dos acontecimentos que estavam ocorrendo nestes campos de batalha. Seu plano era uma viagem que o pusesse ao alcance destes dois pastores-assistentes a fim de vê-los para motivá-los e aconselhá-los. Mas algumas questões eram muito urgentes para esperar entrevistas pessoais e sobre estes assuntos ele dá conselhos escritos. Há bispos e diáconos a serem nomeados, os quais devem ser homens de integridade peculiar. Há falsos ensinos que ameaçam a unidade da fé, e o apóstolo se empenha em fazer o que puder para manter a visão dos seus jovens assistentes em foco nítido. Na segunda carta a Timóteo ele enfrenta o fato de que lhe resta pouco tempo de vida. Ele deixa com Timóteo a confissão final de sua firme confiança em Cristo e a certeza de que, mesmo que o estado lhe destrua o corpo, não lhe debilitará a visão do futuro glorioso.

D. Data Provável

Estas epístolas foram escritas depois da libertação de Paulo da primeira prisão em Roma, libertação que provavelmente se deu em 61 ou 62 d.C. A tradição afirma que o

apóstolo foi martirizado em 67 ou 68 d.C. As datas terminais desse período final na vida de Paulo são, assim, estabelecidas com um grau justo de certeza. Durante este período foram escritas as Epístolas Pastorais nesta ordem: 1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo. A despeito de certa discordância entre os peritos, esta é a seqüência provável.

Logo após ser liberto, Paulo voltou a fazer campanhas por seu Cristo, embora só possamos conjecturar suas idas e vindas. É claro que Timóteo e Tito foram comissionados a servir na função de pastores, um em Éfeso e o outro em Creta. Entre suas novas responsabilidades incluíam-se a seleção e nomeação de ministros para essas igrejas, o desmascaramento e erradicação das tendências heréticas, a direção e disciplina da fé e a conduta destes novos cristãos. As cartas de 1 Timóteo e Tito foram escritas durante o intervalo de liberdade que Paulo desfrutou entre as duas prisões romanas, talvez em 63 e 64 d.C., respectivamente. A carta de 2 Timóteo foi escrita durante a prisão final do apóstolo, cujo resultado ficava cada vez mais nítido, desta forma fixando a data em 66 ou 67 d.C. Temos aqui o que diríamos adequadamente que é a última vontade e testamento do grande apóstolo, o homem a quem Deissmann descreve como “o primeiro depois de Cristo” no começo da igreja cristã.

Esboço

A PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

I. SAUDAÇÃO, 1.1,2

- A. A Autoridade do Apóstolo, 1.1
- B. Deus, Nosso Salvador, e Cristo, Nossa Esperança, 1.1
- C. A Timóteo, 1.2
- D. Graça, Misericórdia e Paz, 1.2

II. PAULO E TIMÓTEO, 1.3-20

- A. A Tarefa de Timóteo em Éfeso, 1.3-7
- B. A Função da Lei na Vida Cristã, 1.8-11
- C. A Misericórdia de Cristo na Vida do Apóstolo, 1.12-17
- D. A Incumbência de Paulo a Timóteo, 1.18-20

III. PREOCUPAÇÕES PELA ORDEM NA IGREJA, 2.1-15

- A. Ordem no Culto a Deus, 2.1-7
- B. Reverência no Culto Público, 2.8-15

IV. QUALIFICAÇÕES DOS MINISTROS CRISTÃOS, 3.1-13

- A. O Caráter dos Bispos, 3.1-7
- B. O Caráter dos Diáconos, 3.8-13

V. PAULO DEFINE A IGREJA, 3.14-16

- A. A Casa de Deus, 3.14,15
- B. O Mistério da Piedade, 3.15,16

VI. AMEAÇAS À INTEGRIDADE DA IGREJA, 4.1-16

- A. O Perigo do Asceticismo Descomedido, 4.1-5
- B. A Estatura do Bom Ministro de Cristo, 4.6-10
- C. O Ministro como Exemplo, 4.11-16

VII. A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA, 5.1-25

- A. A Mocidade deve Respeitar a Velhice, 5.1,2
- B. A Responsabilidade pelas Viúvas Dependentes, 5.3-16
- C. A Honra Devida ao Pastor, 5.17-25

VIII. INSTRUÇÕES DIVERSAS, 6.1-19

- A. Escravos Cristãos e Senhores Cristãos, 6.1,2
- B. Conseqüências do Ensino Falho, 6.3-5
- C. Os Perigos das Riquezas, 6.6-10
- D. Metas e Recompensas da Vida Piedosa, 6.11-16
- E. A Administração Adequada das Riquezas, 6.17-19

IX. APELO FINAL DE PAULO, 6.20,21

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

1 Timóteo 1.1,2

Em comum com a maioria das cartas gregas do século I, esta epístola começa identificando o remetente — **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo** — e o destinatário — **Timóteo, meu verdadeiro filho na fé** (1,2). Apesar do fato de que a carta é uma correspondência entre os mais queridos amigos, ela não deixa de utilizar esta saudação formal e digna. Como observa adequadamente João Wesley: “A familiaridade deve ser posta de lado quando tratamos as coisas de Deus”.¹

A. A AUTORIDADE DO APÓSTOLO, 1.1

Na maioria das cartas de Paulo, ele se identifica por **apóstolo** (as únicas exceções são 1 e 2 Tessalonicenses, Filipenses e Filemom). Esta palavra era o termo grego habitual para referir-se a mensageiro, a pessoa encarregada com a tarefa de transmitir informação importante. O termo, assim que foi adotado pela igreja cristã primitiva, veio a designar um cargo de grande distinção e importância na liderança do movimento. Quando chegamos à última data desta primeira carta a Timóteo (c. 63 d.C.), o termo **apóstolo** atingira “significação oficial; indica *status*, uma posição de autoridade primária na igreja. Paulo, na função de apóstolo, tem o direito de comandar e ser obedecido. Em suas igrejas ele é o primeiro, depois de Deus”.²

Mas este não era cargo oficial no qual Paulo arriscaria afastar-se da clara direção de Deus. Ele declara que assume esta responsabilidade **segundo o mandado de Deus**,

nosso Salvador (1). Em outros contextos, ele afirma que é chamado “pela vontade de Deus” (2 Co 1.1) para desempenhar essa incumbência. É verdade que quando o apostolado é criticado pelos inimigos judaizantes na igreja, ele defende com extremo vigor a autenticidade de sua nomeação divina; contudo o desempenho de suas funções sempre é com espírito de humildade como convém ao escravo de Cristo. É prática antiga na igreja que os ministros da Palavra sejam recrutados pelo chamado de Deus, e que um senso claro desta incumbência divina seja a condição imprescindível para aquele que ousa pregar o evangelho. É questão de profundo pesar que a convicção na indispensabilidade de tal chamado se mostre hoje consideravelmente menos firme que em outros dias. Se isto for realmente verdade, então devemos nos empenhar intensamente para a igreja recuperar esta fé importantíssima na vocação divina. Todo aquele que entra na tarefa ministerial cristã, quer seja pastor, evangelista, superintendente distrital ou bispo, deve estar pronto a dizer com Paulo de todo o coração: “Ai de mim se não anunciar o evangelho!” (1 Co 9.16).

B. DEUS, NOSSO SALVADOR, E CRISTO, NOSSA ESPERANÇA, 1.1

Deus, nosso Salvador, é variante notável de nossa maneira usual de falar da salvação por Cristo. É costumeiro os cristãos falarem de “Cristo, nosso Salvador”. Há autoridade considerável nos escritos paulinos, e particularmente nas Epístolas Pastorais, para esta variação (cf. 2.3; 4.10; Tt 1.3; 2.10; 3.4). Isto não quer dizer que Cristo não seja **nosso Salvador**, mas enfatiza a participação das três Pessoas da Trindade santa na obra de redenção humana. O Pai como também o Filho e, em sentido muito real, o Espírito Santo estavam todos engajados na tarefa que, de certo ponto de vista mais rigoroso, foi confiada principalmente ao Filho encarnado. Temos de ressaltar que a Trindade divina também é uma Unidade santa, e que nossa salvação humana é possibilitada pela vontade e sacrifício infinito da deidade.

N. J. D. White sugeriu que “há, no texto, uma antítese entre os ofícios de Deus, *nosso Salvador*, e de Jesus Cristo, *nostra esperança*”.³ A primeira expressão olha para o passado, recordando a obra acabada de Deus em Cristo, quando no Calvário nosso Senhor se entregou por nós. Paulo fala sobre este evento quando diz que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19). Mas a expressão **Cristo, esperança nossa**, olha para o futuro, com sua plenitude e consumação do que agora só é parcial e incompleto. O apóstolo alcançara o estágio em seu serviço por Cristo quando a força física começara a enfraquecer. Ele havia provado algo do custo implacável de uma lealdade total a Cristo. Talvez houvesse em sua alma o desejo crescente pelo momento quando a carreira estaria terminada e a guirlanda imarcescível seria colocada em sua cabeça. A promessa do futuro que se mostrou em expressão tão eloqüente em 4.6-8 já estava começando a possuir seu espírito. O Salvador era para ele e pode ser para todos nós **Cristo, esperança nossa**.

C. A TIMÓTEO, 1.2

Timóteo, meu verdadeiro filho na fé (2) é a distinção que o apóstolo dá a este jovem. Esta versão bíblica traduz a expressão de modo comovente: Meu “filho verda-

deiramente nascido na fé” (NEB). A saudação em 2 Timóteo é ainda mais afetuosa: “Meu amado filho”.

No texto do Novo Testamento, **Timóteo** surge pela primeira vez em Atos 16.1. Esse capítulo narra a segunda visita de Paulo a Derbe e Listra, na ocasião de sua segunda viagem missionária. **Timóteo** era filho de pai grego e de mãe judia. É legítimo presumir que a mãe (Eunice) e a avó (Lóide) de **Timóteo** (2 Tm 1.5) foram alcançadas pelo evangelho durante a primeira visita de Paulo a essa região. Foi em Listra que Paulo sofreu perseguição tremendamente violenta; e não é descabido conjecturar que em suas feridas ele foi cuidado na casa de Eunice. É devidamente provável que **Timóteo** se tornou cristão na ocasião da primeira visita do apóstolo. Plummer⁴ estima que a conversão ocorreu em 45 d.C., ao passo que a segunda visita do apóstolo a Listra ocorreu “seis ou sete anos” depois. Ele calcula que **Timóteo** “provavelmente ainda não tinha 35 anos de idade quando Paulo escreveu a primeira epístola para ele”. Presumindo que tivesse 35 anos em 63 d.C., ele teria uns 17 anos quando se converteu, e 23 ou 24 na ocasião da segunda visita de Paulo a Listra. O apóstolo persuadiu que este jovem promissor “fosse com ele” (At 16.3) e se tornasse companheiro de viagens e trabalhos. Paulo também fez com que **Timóteo** se submetesse ao rito da circuncisão, mas apenas para antecipar e impedir o surgimento de obstáculos ao ministério do jovem nas sinagogas judaicas da Dispersão. Estas sinagogas eram “portas de entrada” inestimáveis para o evangelho nas comunidades judaicas do mundo gentio. É provável que o apóstolo tenha agido assim para separar **Timóteo** para a obra do ministério mediante algum processo de ordenação que envolvesse a imposição de mãos. Pelo visto, esta cerimônia é mencionada em 4.14: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério”.

Paulo e seu companheiro de viagem Silas, agora acompanhados por **Timóteo**, continuaram viajando, indo logo a Trôade (ver Mapa 1), onde Lucas se uniu a eles (At 16.8-10). O grupo prosseguiu indo a Filipos, Tessalônica e Beréia, proclamando a mensagem que “Jesus é o Cristo”, e encontrando oposição crescente. Paulo dirigiu-se para Atenas; mas Silas e **Timóteo** permaneceram em Beréia para consolidar os ganhos obtidos (At 17.14,15). De Atenas, Paulo viajou a Corinto, onde Silas e **Timóteo** se reuniram a ele. A preocupação pelo trabalho tão bem iniciado em Tessalônica instigou o apóstolo a mandar **Timóteo** de volta aos crentes tessalonicenses para confortá-los e exortá-los acerca da fé. A alta estima que o apóstolo fazia do valor de **Timóteo** já se revela no elogio que Paulo faz: “Nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo” (1 Ts 3.2).

As duas epístolas aos irmãos tessalonicenses incluem em suas saudações o nome de **Timóteo** junto com os de Paulo e Silas. Encontramos **Timóteo** e Silas em Corinto, sustentando as mãos do apóstolo e ajudando-o na tarefa evangelística. Pelos próximos poucos anos as referências a **Timóteo** são escassas, embora indubitavelmente ele tenha continuado como ajudante fiel de Paulo. Em 55 ou 56 d.C., data provável da composição da Primeira Epístola aos Coríntios, encontramos o apóstolo enviando **Timóteo** como seu representante à difícil igreja em Corinto. Sua tarefa era chamar de volta os crentes coríntios a serem de novo leais à verdade que Paulo já havia proclamado entre eles. O apóstolo o recomenda nos termos mais calorosos: “É meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo” (1 Co 4.17). Mas quando a Segunda Epístola aos Coríntios foi escrita, talvez um ano depois, **Timóteo** estava novamente ao

lado do apóstolo e faz parte da saudação com ele. Em 56 d.C., quando Paulo escreveu a carta aos crentes romanos, **Timóteo** estava entre as pessoas que enviavam saudações aos crentes em Roma (Rm 16.21). E quando o apóstolo percorria a Macedônia em direção a Jerusalém, onde “prisões e tribulações” o esperavam, o nome de **Timóteo** aparece como membro do grupo (At 20.4,23).

Durante os dois anos em que Paulo ficou encarcerado em Cesaréia (ver Mapa 2) o registro nada menciona acerca de **Timóteo**. Mas durante a primeira prisão do apóstolo em Roma encontramos **Timóteo** novamente ao seu lado e incluso nas saudações das cartas de Paulo aos Filipenses, Colossenses e Filemom — todas estas denominadas “Epístolas da Prisão”. No decorrer desse período, **Timóteo** fez uma viagem como representante de Paulo à igreja em Filipos. E mais uma vez temos a mais reconhecedora avaliação do valor do jovem: “E espero, no Senhor Jesus, que em breve vos mandarei Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo dos vossos negócios. Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado; porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus. Mas bem sabeis qual a sua experiência [de Timóteo], e que serviu comigo no evangelho, como filho ao pai” (Fp 2.19-22).

Quaisquer outras informações que conheçamos de **Timóteo** em sua relação com Paulo devem provir destas duas epístolas enviadas pelo apóstolo ao seu ajudante estimado. O registro revela a preocupação profunda e paternal de Paulo pelos seus distintíssimos convertidos e por seu assistente no trabalho do evangelho. Mostra também a dedicação filial que caracterizava a lealdade abnegada de **Timóteo** ao apóstolo que era seu pai espiritual.

D. GRAÇA, MISERICÓRDIA E PAZ, 1.2

A bênção de Paulo dirigida a Timóteo é extraordinária, porque a **misericórdia** está junto da **graça** e da **paz**. Wesley observa que “Paulo deseja *graça* e *paz* nas epístolas endereçadas às igrejas. A Timóteo ele acrescenta *misericórdia*, a graça mais tenra para aqueles que careciam dela”. E, complementa Wesley, “experimentar isso prepara o homem para ser ministro do evangelho”.⁵ É verdadeiramente questão de extrema importância que aqueles que são chamados para lidar com os mistérios divinos sejam pessoas que estejam plenamente cientes não só da necessidade da **misericórdia** de Deus, mas também do fato dessa **misericórdia**. Ninguém jamais é digno dessa responsabilidade; sempre temos de estar ativamente cônscios de que “pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Co 15.10).

SEÇÃO II

PAULO E TIMÓTEO

1 Timóteo 1.3-20

A. A TAREFA DE TIMÓTEO EM ÉFESO, 1.3-7

1. Fique em Éfeso (1.3)

“Fique onde você está”, é, segundo a tradução vigorosa de Moffatt, a advertência de Paulo a Timóteo: **Como te roguei, quando parti para a Macedônia, que ficasses em Éfeso** (3). Podemos apenas deduzir com dificuldade, por meio destas Epístolas Pastorais, os acontecimentos da vida de Paulo durante estes breves anos finais. Pelo visto, Paulo se sentia urgentemente atraído a ir para a Macedônia, e Timóteo desejava muito acompanhá-lo. Seria fácil racionalizar tal procedimento, pois Timóteo fora o ajudante mais capaz do apóstolo em muitas dessas viagens. O próprio Paulo, caso estivesse em posição de consultar somente suas próprias preferências, teria privilegiado a companhia de Timóteo na viagem. Mas outras e mais urgentes considerações tinham de prevalecer. A liderança e direção de Timóteo eram necessárias em Éfeso, e o dever tem de preceder as preferências pessoais.

Há muitas ocasiões na vida quando é muito mais fácil mudar do que permanecer numa situação difícil. O instinto de fuga da responsabilidade onerosa, de fugir quando as coisas ficam difíceis, é uma realidade de todos nós e deve ser resistida com firme determinação. A saída fácil, que segue a linha da menor resistência, a tendência de deixar-se levar pela correnteza em lugar de enfrentá-la com coragem e firmeza — estas alternativas tornam-se, por vezes, tentações atrozes. Escapular de uma situação irritante, começar de novo em outro lugar, onde a grama seja mais verde e os prospectos

mais convidativos, é um curso de ação no qual o tentador pode se disfarçar tão inteiramente de modo a termos a impressão que é a vontade de Deus. Mas quando Deus diz: “Fique onde você está”, é atitude covarde e pecadora abandonar as responsabilidades por algo que parece mais atraente. Claro que há ocasiões em que a palavra de Deus é: “Vá”, e não: “Fique”. Mas seja qual for, devemos ter a certeza de que nosso procedimento é de obediência imediata.

2. A Tarefa de Timóteo (1.3,4)

A responsabilidade imediata de Timóteo era esta: **Para advertires a alguns que não ensinem outra doutrina** (3). O apóstolo não nos informa a quem ele se referia quando emitiu esta ordem; Timóteo provavelmente já sabia muito bem quem eram os envolvidos. Paulo usa termos vagos para descrever a natureza destas heresias: **Fábulas ou... genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que edificação de Deus, que consiste na fé** (4).

Mesmo que seja impossível concluir com plena certeza quais eram estes ensinamentos que o apóstolo percebia que estavam minando a fé dos cristãos efésios, não é forçar a interpretação sugerir que se tratava de um começo de gnosticismo. A heresia conhecida por gnosticismo, que no século II se tornou ameaça séria à integridade do ensino cristão, tinha raízes judaicas e gentias. Houve três fases sucessivas da influência judaica na igreja primitiva (ver Introdução). A segunda era a fase judaizante que Paulo combateu com tanta eficácia na Epístola aos Gálatas. É sobre a terceira fase, em que havia “revelações fingidas sobre nomes e genealogias de anjos”, que o apóstolo procura avisar Timóteo na passagem sob análise.

A falácia básica do gnosticismo era o posicionamento de um dualismo fundamental entre o espírito e a matéria, entre o bem e o mal. Reconhecidamente, Deus era bom, mas o mundo era essencialmente mau. Diante disso, como explicar que o bom Deus criou um mundo mau? Isto era realizado pelo conceito de um demiurgo — uma espécie de “semideus” suficientemente afastado do Deus santo a ponto de este não ser responsabilizado pela criação do mundo mau. Entendemos prontamente o fato de Paulo caracterizar essas especulações por **fábulas** (ou “mitos intermináveis”, NEB; cf. CH, NVI), e por que havia **genealogias intermináveis**. Esta última expressão refere-se à importância que o judaísmo dá a **genealogias**.

Quaisquer que tenham sido estes ensinamentos, eles não tinham o mínimo de algo que edificasse o povo de Deus; pelo contrário, era muito grande a probabilidade de arruinar a fé dos crentes. **Que mais produzem questões** (4) seria “que dão origem a mera especulação” (NASB; CH). Isto já seria razão suficiente para Paulo insistir que tais ensinamentos especulativos não devem ser tolerados. A última frase do versículo 4 é difícil, podendo ser traduzida assim: “Não podem tornar o plano de Deus conhecido para nós, o qual opera pela fé” (NEB).

3. O Amor Fraternal tem de ser Preservado (1.5-7)

Outro fator, igual em seriedade ao primeiro, era este: estes ensinamentos tolerados na igreja não poderiam deixar de destruir o espírito do amor cristão, o qual é certo em identificar o grupo dos remidos. **Ora, o fim do mandamento é a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, BAB, NVI) **de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé**

não fingida (5). Esta não é a primeira vez que Paulo ressalta que o amor é a essência da vida e experiência cristã. Ao longo dos seus escritos, mas particularmente em Romanos 13.8-10, o amor é para o apóstolo um resumo da totalidade da religião. Este é o seu desafio para os cristãos: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros” (Rm 13.8). O amor é uma dívida que nunca pode ser quitada. Ele resume a ênfase social que há nos Dez Mandamentos com a ordem, tantas vezes acentuada pelo Mestre: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Rm 13.9). O apóstolo caracteriza o amor e as atitudes compassivas que emanam dessa ordem dizendo que são “o cumprimento da lei” (Rm 13.10). E em cada vez o termo empregado para referir-se ao amor é a palavra grega *agape*, ou uma de suas formas. Este é termo que raramente ocorre no grego secular, e nunca no sentido em que é empregado no Novo Testamento. Nas mãos dos escritores inspirados o termo mostra o tipo de amor que Deus esbanjou exclusivamente em um mundo perdido e pecador. O apóstolo compendia este significado nas excelentes palavras registradas em Romanos 5.8: “Deus prova o seu amor [*agape*] para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”.

Mas aqui Paulo vai mais longe; ele usa este mesmo termo singular para descrever a resposta do amor que emana do coração dos remidos ao reagirem ao amor de Deus por nós (amor antecedente ao nosso). Há uma passagem que ilustra estes dois usos do termo: “Nisto está a caridade [o amor]: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros” (1 Jo 4.10,11). Cada ocorrência da palavra “amor” nesta passagem em Timóteo é uma forma da palavra grega *agape*. Mas não presumamos que esta resposta de *agape* do coração do povo de Deus seja algo originado em nós mesmos. O milagre da graça é tamanho que pessoas que só conheceram ganância e luxúria podem ser transformadas pelo poder de Deus e, assim, capacitadas divinamente para darem esta resposta de *agape*.

Quando o apóstolo lamenta os efeitos trágicos que ocorreram em resultado das atividades destes falsos mestres em Éfeso, é porque esta atmosfera essencial da igreja cristã — a atmosfera do amor *agape* — foi destruída. A verdadeira atmosfera da igreja de Cristo é “o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera” (5, BAB, NTLH).

No ministério evangélico inicial de João Wesley, a sociedade em Fetter Lane, Londres, foi despedaçada pelo ensino quietista do líder morávio Molther. Wesley esforçou-se virilmente e por muito tempo para trazer paz e entendimento. Mas, no fim, convenceu-se de que os fomentadores da discórdia tinham ido longe demais, a ponto de acabar com toda a esperança de voltarem a ter comunhão genuína. Por conseguinte, ele retirou seus seguidores da sociedade em Fetter Lane e fundou uma nova sociedade em A Fundação, um edifício antigo que ficou famoso por 40 anos como centro do metodismo em Londres. Wesley deixou claro que esta divisão não ocorreu por causa de interpretações peculiares de pessoas que diferiram dele, mas porque insistiam que todos deveriam ter as mesmas opiniões. Wesley era muito tolerante com diferenças de opinião teológica, contanto que os que defendiam tais pontos de vista os guardassem para si. Tentar impingir tais opiniões nos outros só destruiria a atmosfera de amor que era tão essencial numa sociedade verdadeiramente cristã. A regra cristã sempre deve ser: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, diversidade; e em todas as coisas, caridade”.

B. A FUNÇÃO DA LEI NA VIDA CRISTÃ, 1.8-11

Aqui em Éfeso, **desviando-se alguns, se entregaram a vãs contendias** (6; “a um deserto de palavras”, NEB). Eles desejavam **ser doutores da lei** (7; “mestres da lei”, ACF, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA), mas eram totalmente ignorantes de sua interpretação cristã. A atmosfera essencial de amor não sobrevive por muito tempo em tal situação.

O apóstolo está transportando sua acusação do gnosticismo incipiente, que tinha aparecido em Éfeso, para esta avaliação adicional da função da lei. É verdade que os deturpadores do caminho cristão contra quem ele está advertindo desejam ser mestres da lei — lei cujo significado eles torcem para servir aos seus propósitos nocivos. Não temos justificativa em repudiar a lei, porque uns poucos não a usam **legitimamente** (8). Paulo, que na controvérsia da “lei *versus* graça” tomou indiscutivelmente o lado da graça, deixou claro que há uma função válida e permanente a ser exercida pela lei, sobretudo a lei moral exarada nos Dez Mandamentos. Nos versículos 9 e 10, há uma referência consciente e óbvia à denominada “segunda tábua” do Decálogo (cf. Êx 20.12-17).

O que devemos entender pelas palavras: **A lei não é feita para o justo** (9)? Lógico que não significa que o **justo** não é mais susceptível à lei moral que o Decálogo enuncia de forma tão clara e perene. Crer de outra maneira seria entregar-se ao antinomianismo. Essa lei foi nossa “professora” para levar-nos a Cristo. Mas conhecer Cristo como Salvador e Senhor é ter essa lei inscrita em nosso coração. Falando dos dias do novo concerto, Jeremias profetizou: “Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Jr 31.33). **Mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores** (9) e para todos os outros transgressores na lista de malfetores do apóstolo, a lei profere estrondosamente o seu “não”. Na descrição de Phillips, **os profanos e irreligiosos** são os “que não têm escrúpulos nem reverência” (CH).

Para estes e todos os outros que basicamente carecem de integridade moral, a lei pronuncia sua terrível palavra de julgamento. Este é o julgamento que o apóstolo indica claramente que aguarda os que desejam ser mestre da lei, mas que são tão estranhos à sua mensagem essencial que não entendem “nem o que dizem nem o que afirmam” (7). Esta nota de julgamento do pecado, que W. M. Clow denomina “o lado escuro da face de Deus”, é o elemento negativo, mas fundamental, no **evangelho da glória do Deus bem-aventurado** (11). E cremos que este **evangelho** foi entregue a Paulo, em sua geração, e a nós, na nossa.

É difícil imaginar uma mensagem mais espantosa que este **evangelho** glorioso. Esta tradução mostra indistintamente o significado desse **evangelho**: “O evangelho que fala da glória de Deus em sua felicidade eterna” (11, NEB). Não devemos entender que agora, depois de tanto tempo, foi dada uma resposta afirmativa às perguntas de Zofar, o naamatita: “Porventura, alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?” (Jó 11.7). É certo que o Deus poderoso nunca pode ser capturado por nossas definições. Mas se haverá um dia em que a “glória de Deus em sua felicidade eterna” será vista brevemente pelo homem mortal, será no contexto de nossa redenção por Cristo. Nós o conheceremos, se é que vamos conhecê-lo, na oferta da sua misericórdia salvadora que de Cristo flui para os homens pelo Espírito revelador e interpretador. E ser os portadores de tal mensagem é suficiente para atordoar a mente e o coração mais robustos.

C. A MISERICÓRDIA DE CRISTO NA VIDA DO APÓSTOLO, 1.12-17

1. *Um Homem Chamado por Deus* (1.12)

Ninguém na história do ministério cristão esteve mais claramente ciente que Paulo da nomeação divina para esta tarefa. Ao escrever aos crentes da Galácia, ele conta que desde o nascimento e até antes, no que diz respeito à vontade de Deus, ele foi destinado ao trabalho de apóstolo (Gl 1.15). Havia pouca evidência deste propósito divino durante os dias em que Paulo agredia furiosamente a igreja; mas mesmo então, vendo em retrospectiva, percebemos que por formação e educação ele estava sendo preparado para esta responsabilidade solene. Assim que Cristo ganhou Saulo, a espera terminara. Lemos em Atos: “E logo, nas sinagogas, pregava a Jesus, que este era o Filho de Deus” (At 9.20). Se Horace Bushnell tiver razão (e acredito que tem) no grandioso sermão que pregou “A Vida de Cada Pessoa é um Plano de Deus”, então esta era a “planta” divina para Saulo de Tarso. E ele afirma diante de Agripa: “Não fui desobediente à visão celestial” (At 26.19).

Mas sua declaração de fidelidade é ainda mais franca, misturada com ação de graças, na passagem sob estudo: **E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério** (12). Este é o testemunho do servo de **Cristo**, que envelheceu servindo ao seu Senhor. Não se trata de vanglória; na verdade, nem devemos considerar vanglória em qualquer sentido. É mais exatamente a declaração de alguém que, como o salmista, se gloria “no SENHOR”, sendo perfeitamente apropriado acrescentar, com o salmista: “Os mansos o ouvirão e se alegrarão” (Sl 34.2). Foi pela graça e força de **Cristo Jesus** que o registro surpreendente da vida “em Cristo” de Paulo atingira esse ponto.

2. *O Passado Vergonhoso do Apóstolo* (1.13,14)

O apóstolo estava plenamente ciente de sua indignidade da mínima misericórdia de Deus. Embora os pecados daqueles anos em que ele empreendeu sua guerra fútil contra Cristo e a igreja tivessem há muito sido perdoados, a memória remanescente lhe dilacerava a alma e o induzia a um interminável sentimento de tristeza. Paulo não se poupava ao mencionar este passado vergonhoso. Falando perante o rei Agripa, ele admitiu sem rodeios sua ostensiva oposição a Cristo, o saque dos seguidores de Cristo e até afirmou tacitamente sua cumplicidade na morte deles. Em 1 Coríntios 15.9, ele confessou envergonhado: “Não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus”. Lemos em Gálatas 1.13 ele reconhecer que “perseguiu [sobremaneira] a igreja de Deus e a assolava”. Mas na passagem sob análise, a confissão do seu remorso infindo vai muito além de qualquer outra encontrada em seus escritos. Em sua descrição, ele diz que **dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor** (13). Plummer mostra que “há [...] um movimento ascendente na iniquidade que o apóstolo confessa. Ele não só blasfemou o próprio nome divino, mas se empenhou em compelir os outros a fazer o mesmo!”¹

É a terceira palavra neste “movimento ascendente de autocondenação”, que é a mais violenta e vergonhosa de todas. O termo **opressor** não transmite o significado do original grego, e achar um equivalente adequado em nosso idioma não é fácil. As opções tradutórias são: “insolente” (BAB, BJ, NVI, RA); “insolente nas afrontações” (Weymouth); “afrontador” (RSV); “injuriador” (AEC; cf. ACF); “insultado” (CH, NTLH). Tal é o pecado

perdoado que o apóstolo recorda com vergonha e pesar. Não é para se gloriar no passado pecador que ele cita estes eventos, mas para magnificar a graça de Deus que é muito maior que o pecado abundante de sua mocidade.

Paulo dá a entender que a ignorância que lhe cegou os olhos e lhe imbuíu o coração de preconceito foi um fator no milagre do perdão de Deus. Na maioria dos casos de pecado perdoado a ignorância é, de fato, um fator contribuinte. Nenhum indivíduo, caso tivesse plena consciência da pecaminosidade do seu pecado e de suas conseqüências inevitáveis e contínuas, seria culpado da loucura insana de desafiar o Deus Todo-poderoso. Os homens são enganados primeiramente pelo tentador e, depois, são persuadidos a cometer essa loucura. Mas a verdade alvissareira é que, a despeito da magnitude de nosso pecado humano, a graça de Deus é mais que suficiente, e todo aquele que se volta a Cristo obtém misericórdia. Como testemunhou o apóstolo de forma tão eloqüente: **A graça de nosso Senhor superabundou** (14). Esta verdade da qual Paulo testifica é uma realidade gloriosa, cujo significado percebemos no linguajar vigoroso desta versão bíblica: “A graça de nosso Senhor foi esbanjada em mim, com a fé e o amor que são nossos em Cristo Jesus” (NEB).

3. *Cristo veio para Salvar* (1.15)

Movido por este profundo senso de gratidão a Deus em virtude de sua misericórdia infinita, Paulo é levado a proferir uma de suas mais comoventes declarações acerca do propósito salvador de Deus no dom redentor de seu Filho. A declaração peculiar está expressa em palavras bem conhecidas: **Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores** (15). Mas as palavras são prefaciadas por uma expressão, cujo desígnio é ressaltar sua importância como resumo da mensagem cristã essencial: **Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação**. Os estudiosos do Novo Testamento, em sua maioria, entendem que esta declaração relativa ao propósito da vinda de **Cristo** é citação de uma fonte que estava em vigor na igreja na época de Paulo e que era bastante conhecida entre os cristãos a quem Timóteo ministrava. A fonte poderia ter sido uma declaração de credo, uma fórmula batismal ou o fragmento de um antigo hino da igreja. Mas qualquer que tenha sido a fonte, e mesmo que a citação seja breve, é tão precisa e tão conclusiva quanto a possuir valor permanente. O apóstolo deixa claro que esta declaração acerca do lugar exclusivo de nosso Senhor na história de salvação é totalmente digna de confiança.

O interesse de Cristo é pela salvação dos pecadores. Vem-nos à lembrança a própria declaração de Jesus: “[Eu] vim [...] chamar [...] os pecadores [...] ao arrependimento” (Mt 9.13). Junto com a outra declaração proferida na véspera do seu sofrimento: “O Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lc 19.10), e temos da boca de nosso Senhor uma declaração quase idêntica à de Paulo.

4. *O Principal dos Pecadores* (1.15,16)

O apóstolo acrescenta a essa declaração um toque que é caracteristicamente paulino, quando complementa a palavra **pecadores** com a frase **dos quais eu sou o principal** (15). Expressões de remorso contínuo pelos pecados do passado não são incomuns na boca de Paulo. O que ele quer dizer quando designa que é o **principal** dos **pecadores**? É difícil acreditar que, por mais manchada e criminosa que tenha sido a ficha de Saulo de Tarso,

ele seja considerado em qualquer sentido absoluto o pior de todos os possíveis **pecadores**. O que ele está dizendo é que seu pecado contra Deus foi tão grande e o seu sentimento de culpa tão tirânico que ele sentia que era o maior pecador de todos os tempos. E quem de nós ousaria se voltar a Deus em qualquer outro espírito que não neste? Somente quando somos tomados pelo sentimento de vergonha por nossos pecados e ficamos completamente mudos, sem nada a pleitear diante do Deus contra quem pecamos, é que podemos esperar por misericórdia e perdão. Cada um de nós tem de repetir de todo o coração este grito do apóstolo: **“dos quais eu sou o principal”**! Por isso Carlos Wesley cantou:

*Misericórdia grandiosíssima! Será que ainda
Resta misericórdia para mim?
O meu Deus conseguirá conter sua ira?
E poupar a mim, o principal dos pecadores?**

No versículo 16, Paulo avança um pouco mais em seus esforços em entender o milagre da misericórdia que tão grandemente lhe mudara a vida. Ele havia acabado de citar (13) o fato de sua ignorância ser um atenuante na oposição pecadora a Cristo. Mas agora ele afirma: **Alcansei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade** (16). Não há nada que mostre mais eloquentemente a bondade e graça de Deus do que alguns exemplos extraordinários do poder redentor de Cristo. E claro que não há milagre da graça em toda a história cristã que fale com mais persuasão sobre o poder salvador e transformador de Cristo do que a vida totalmente mudada de Saulo de Tarso. Falando sobre a maneira em que a notícia de sua conversão a Cristo afetou as igrejas na Judéia, ele afirma: “Mas somente tinham ouvido dizer: Aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, destruí. E glorificavam a Deus a respeito de mim” (Cl 1.23,24).

5. A Deus Seja a Glória (1.17)

A essa altura, não ficamos nem um pouco admirados de o versículo 17 ser uma doxologia de louvor a Deus. Esta é uma das duas doxologias constantes na Primeira Epístola a Timóteo (a segunda ocorre em 6.15,16). Esta primeira doxologia brota espontaneamente do coração do apóstolo, comovido pela memória de sua libertação maravilhosa: **Ora, ao Rei... ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre. Amém.** Nesta descrição, Paulo diz que Deus é o **Rei dos séculos** (ou “Rei eterno”, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA), **imortal** (ou, como está exarado na segunda doxologia: “aquele que tem, ele só, a imortalidade”), **invisível** (o Deus **invisível**, cuja imagem é vista em Jesus Cristo, Cl 1.15), o **único Deus** (como na maioria das versões recentes; ou “único Deus sábio”, ACF). Esta é, obviamente, linguagem litúrgica e tentativa de descrever o ser de Deus, cuja grandeza sempre desafiará nossos esforços descritivos.

Nos versículos 12 a 17, o grande apóstolo presta seu testemunho de adoração da misericórdia, graça e poder recriador de Deus em sua vida. Se for verdade que pregar é essencialmente testemunhar, então estes versículos são pregação da mais alta ordem.

* Depth of mercy! Can there be / Mercy still reserved for me? / Can my God His wrath forbear? / Me, the chief of sinners, spare? (N. do T.)

D. A INCUMBÊNCIA DE PAULO A TIMÓTEO, 1.18-20

1. *A Ordenação de Timóteo* (1.18,19)

Nesta subdivisão, o apóstolo volta a falar da comissão solene que foi posta no jovem Timóteo em consequência de sua ordenação ao ministério cristão. A linguagem que antecipa esta comissão aparece no versículo 3, enquanto que no versículo 5 uma de suas metas é enunciada claramente. Aqui, o apóstolo repete a comissão, dirigindo-se ao jovem em termos afetuosos: **Este mandamento te dou, meu filho Timóteo** (18). Toda preocupação amorosa de um pai está implícita neste tratamento. Tendo repetido a incumbência, Paulo passa a ampliar imediatamente sua significação, aludindo às circunstâncias em que ocorreu a ordenação de Timóteo ao ministério. **Segundo as profecias que houve acerca de ti** (18) pode ser traduzido por “segundo as profecias que anteriormente houve sobre ti” (BAB; cf. BJ, NTLH, NVI, RA). A menção dessas profecias lança uma nesga de luz em duas referências subseqüentes à ordenação do jovem. Uma está em 4.14: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério”; e a outra está em 2 Timóteo 1.6: “Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos”.

Timóteo fora separado para o ministério numa cerimônia solene, a qual foi presidida pelo próprio apóstolo e auxiliada por outros ministros da igreja. Não é necessário, como tentam certos intérpretes, vermos na frase **profecias que houve acerca de ti** (18) as atividades especiais de alguma ordem de profetas da igreja primitiva. Este tipo de ministério teve seu lugar na igreja. Mas ser separado para a obra do ministério pela imposição das mãos de Paulo e ouvir de sua boca as palavras de ordenação seriam uma situação que só poderia ser descrita como “profética”. Mesmo hoje, não há experiência que se compare em solenidade e magnificência profética ao momento em que a pessoa sente na cabeça o peso das mãos do presbitério e ouve as palavras fatídicas: “Toma a autoridade como ministro na igreja de Cristo”. Somente quem recebeu tal incumbência sabe apreciar a significação desta experiência essencialmente indescritível. Não há momento que seja mais profético que este.

O jovem Timóteo vivera tal momento sagrado, e o apóstolo o considerou como indicação à posição de liderança no exército do Rei Jesus. A figura militar **milites a boa milícia** (18) é uma das que Paulo usa freqüentemente, sobretudo quando lida com Timóteo. O jovem pregador é comandante de batalhão, lutando na vanguarda da batalha por Cristo e pela verdade em Éfeso. Paulo sugere que ele se apodere firmemente da **fé** e da **boa consciência** (19) como armas perfeitamente adequadas ao seu propósito. Esta tradução coloca essa idéia de forma bem clara: “Assim combate bravamente, armado com a fé e a boa consciência” (18,19, NEB).

2. *Fé e Consciência* (1.19)

A importância deste armamento espiritual é sublime, especialmente o apoio que uma **boa consciência** oferece à nossa **fé** em Deus. Imediatamente, Paulo pensa num exemplo trágico de derrota: **Rejeitando a qual** (a consciência boa) **alguns fizeram naufrágio na fé** (19). Esta tradução não dá margens a incertezas de sentido: “Alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé” (RA; cf. BJ). Esta é metáfora vívida que torna visual o desastre espiritual que colhe aquele que ignora a **consciência** (cf. NTLH). Conservamos a **fé** em Cristo somente à medida que mantemos uma **boa consciência**.

Naufrágio indica a magnitude da tragédia moral sobre a qual Paulo avisa. Os críticos que se preocupam em questionar a autoria paulina desta Primeira Epístola a Timóteo ressaltam que o apóstolo não emprega esta metáfora em nenhuma outra parte. Mas que outra ilustração seria mais provável de lhe ocorrer que esta? Ele mesmo havia tido a experiência de naufrágio na primeira viagem a Roma, cujo horror deve ter-lhe ficado estampado indelevelmente na memória. Só conservando a **boa** e sensível **consciência** é que a tragédia espiritual é evitada. Este aviso é muito oportuno para os cristãos em nossos dias difíceis. Temos de ouvir o conselho sábio que Susana Wesley escreveu ao seu filho João durante os dias em ele esteve em Oxford. “Siga esta regra”, determina ela: “Tudo que enfraquecer sua razão, prejudicar a sensibilidade de sua consciência, obscurecer seu senso de Deus ou lhe tirar a satisfação das coisas espirituais; em suma, tudo que aumenta a força e autoridade do corpo sobre a mente; essa coisa é pecado para você, por mais inocente que seja.”²

3. *Dois Homens que Fracassaram* (1.20)

Neste versículo, o apóstolo fala o nome de dois indivíduos — **Himeneu e Alexandre** —, sobre os quais ele afirma que fracassaram na fé. É praticamente impossível estabelecer a identidade precisa destes dois indivíduos. **Alexandre** é nome que ocorre em Atos 19.33 na história inicial da igreja em Éfeso. Era alguém que na época mantinha lugar de destaque na comunidade cristã. Mas não temos garantia alguma que o **Alexandre** designado aqui seja o mesmo mencionado em Atos. Por ser nome comum, podia ter havido várias pessoas com esse nome na igreja efésia. Também não há como identificá-lo positivamente com “Alexandre, o latoeiro”, acerca do qual o apóstolo disse que lhe causara muitos males (2 Tm 4.14).

O outro homem nomeado na acusação de Paulo é **Himeneu**. Ele também é citado em 2 Timóteo 2.17, onde está ao lado de Fileto na defesa da noção errônea de que “a ressurreição já ocorreu” — ensino que teve efeito desestabilizador nos crentes. É possível que tal ensino tenha ocasionado a reprimenda severa do apóstolo registrada aqui; pelo menos, foi um ensino que na sua opinião representava blasfêmia.

4. *Disciplina na Igreja* (1.20)

O texto não é explícito quanto à exata penalidade que Paulo pronuncia a esses transgressores. O que significam as palavras: Eu os **entreguei a Satanás**? Certos expositores entendem que é um tipo de exclusão radical da comunhão cristã, descrito corretamente por excomunhão, ao passo que outros defendem que era algo mais drástico. Seja qual for a interpretação que aceitemos, está muito claro que a penalidade visava ter efeito medicinal: **Para que aprendam a não blasfemar** (20). Wesley vê este propósito no julgamento do apóstolo: “Para que, pelo que eles sofrerem, eles sejam de certo modo contidos, caso não se arrependam”.³

Há instrução decididamente perturbadora para nós nesta demonstração do apóstolo exercendo disciplina na igreja efésia. A conscientização da necessidade de disciplina na comunidade cristã tem tudo menos desaparecido de nosso pensamento hoje em dia. Nossos padrões aceitos de vida não sofreram mudança em seu rigor inicial, mas é freqüente serem honrados após a contravenção do que serem observados desde o início. E tal desconsideração da conduta cristã básica permanece sem reprimenda. Parte de nossa

comissão divina é redargüir, repreender e exortar com toda a longanimidade e doutrina (2 Tm 4.2). Não há necessidade de muita coragem para denunciar de púlpito os pecados da congregação; mas requer verdadeira fortaleza encarar o pecador como indivíduo e reprovar-lhe o pecado em espírito de mansidão e amor. Como destacou J. H. Jowett: “Ter medo de *um homem* é algo muito mais sutil do que ter medo de *homens*”.⁴

SEÇÃO III

PREOCUPAÇÕES PELA ORDEM NA IGREJA

1 Timóteo 2.1-15

A. ORDEM NO CULTO A DEUS, 2.1-7

1. A Importância da Ordem na Igreja (2.1)

Com o começo do segundo capítulo, o apóstolo chega à questão que o levou a escrever a Timóteo — a preocupação pela devida ordem na igreja efésia. A prioridade que Paulo deu a este tema mostra-se na frase de abertura: **Admoesto-te, pois, antes de tudo**. Há certa adequação que deve caracterizar o culto público a Deus. Lógico que não é formalismo censurável preocupar-se pelos segmentos sequenciais adequados e próprios a serem observados quando os cristãos se reúnem para cultuar. O apóstolo exorta o tipo de oração que deve fazer parte de todo culto dessa categoria: **Admoesto-te... que se façam deprecações** (“súplicas”, AEC, BAB, CH, NVI, RA), **orações, intercessões e ações de graças por todos os homens** (1). Não há dever cristão para com nossos semelhantes que se compare em importância com o dever de orar por eles. S. D. Gordon ressaltou que o crente não pode fazer algo para ajudar as pessoas se, em primeiro lugar, não orar por elas. Depois de orar, há muitas coisas que ele pode fazer; mas até que ore, não há nada a fazer, exceto orar.

Não há, ao que parece, significação particular ligada à ordem na qual se apresentam os termos **deprecações, orações, intercessões e ações de graças**. Destes quatro, o segundo termo é o mais amplo e, de certo modo, inclui os outros três. O que Paulo quer dizer é que todas as formas de oração devem ocupar o lugar central no culto de adoração na igreja. Também não deve ser discriminado em seu campo de ação, pois inclui **todos os homens**. A oferta que Deus faz da misericórdia em Cristo estende-se a todos igual-

mente. Não há uns poucos favorecidos que fazem parte exclusiva dos eleitos de Deus. Ele deseja e fez provisão para a salvação de todo aquele que se render à misericórdia salvadora revelada em Cristo. Temos de orar em espírito de intercessão, para que a extensão da operação redentora do evangelho seja tão ampla quanto possível.

2. *Aqueles por quem Devemos Orar* (2.2-4)

Agora o apóstolo fica mais explícito, declarando expressamente que a oração deve feita **pelos reis e por todos os que estão em eminência** (2). Temos de entender que a alusão é aos governantes civis do mundo antigo em todos os níveis de autoridade. Quando lembramos que, na ocasião em que Paulo escreveu, os governantes, em sua maioria, eram inimigos da fé cristã, e que em uma década o apóstolo perderia a vida sob as ordens deles, esta exortação à oração torna-se exemplo esplêndido de magnanimidade cristã. A primeira razão para tal oração é que os **reis e todos os que estão em eminência** (“posição de autoridade”, BAB; cf. ACF, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) também são homens — homens por quem Cristo morreu — e que estão dentro do campo de ação do evangelho. Mas a segunda razão para tal oração é indicada vagamente pelas palavras: **Para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade** (2). Orar fervorosamente por quem estava em posição de autoridade colocava nas mãos de Deus o meio para afastar o mal e propósitos mal orientados dessas pessoas que tinham autoridade posicional para prejudicar a igreja de Cristo.

É realmente difícil sobreestimar o poder da oração conjunta da igreja. E. K. Simpson está correto quando, fazendo um comentário sobre este versículo, escreveu: “Não há cristão ensinado pela Bíblia que conteste a eficácia na oração crédula pertinente aos eventos públicos e seus supervisores. Mais coisas são realizadas por esse meio do que este mundo supõe. A súplica de intercessores fiéis pelo bem-estar público põe restrições invisíveis nos poderes das trevas e em suas ferramentas e dá reforço a governantes honestos proveniente do Governador entre as nações (Sl 22.28)”.¹

Os versículos 3 e 4 deixam claro que a primeira destas duas razões para semelhante oração é de importância capital: **Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade**. O texto declara francamente o desejo universal de Deus para o gênero humano — desejo que só pode ser frustrado pela resistência livre do homem ao propósito salvador de Deus. O apóstolo ousou crer que o Espírito fiel de Deus estava em ação no coração e vida de todos os homens e que poderia salvar as pessoas que estivessem em alta posição de maneira tão plena e imediata quanto as pessoas de posição social mais baixa. Para sua total satisfação, este fato já se comprovara durante o primeiro aprisionamento em Roma. Em Filipenses 1.13, escrevendo da prisão romana, ele fala: “As minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana e por todos os demais lugares”. Pelo que parece, seu testemunho não fora em vão, pois em Filipenses 4.22, nas saudações finais, ele afirma: “Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que são da casa de César”. De forma nenhuma era inútil, então, orar pelos reis e outras pessoas em posição de autoridade.

3. *Dando Prioridade às Coisas Prioritárias* (2.4)

Notemos no versículo 4 a ordem em que aparecem as duas caracterizações da graça salvadora de Deus. A primeira é **se salvem**, e a segunda **venham ao conhecimento da**

verdade. Há intérpretes que entendem que estas duas expressões têm o lugar correto na ordem inversa. Mas a apresentação de Paulo do assunto se ajusta perfeitamente ao ensino do Senhor Jesus, quando, em João 7.17, ele disse: “Quem quiser fazer a vontade de Deus conhecerá se o meu ensino vem de Deus ou se falo com a minha própria autoridade” (RSV; cf. NTLH). Quando se trata de conhecer as coisas de Deus, a obediência sempre precede mais conhecimento.

4. *Divagação Magnífica* (2.5,6)

É comum os comentaristas ressaltarem que os versículos 3 a 7 formam uma divagação do tema central deste segundo capítulo. O assunto principal é o lugar da oração no culto cristão; depois de interromper este assunto com a divagação mencionada, Paulo volta, no versículo 8, ao tema central. Mas se esta é uma divagação, que magnífica é! Esta exploração de panoramas convidativos é uma das características mais interessantes do estilo literário do apóstolo. Outros exemplos de divagação são a esplêndida revelação sobre a igreja registrada em Efésios 5.25-27, e a famosa passagem do “kenose” em Filipenses 2.6-11.

A divagação sob análise é uma perfeita pedra preciosa de discernimento cristológico: **Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem** (5). Nunca conseguiremos exaurir a riqueza de significação que percorre estas palavras. A forma literária nos diz que o trecho faz parte de uma declaração de credo, ou de uma fórmula batismal ou de um hino da igreja primitiva. A ênfase em **um só Deus** é parte da herança que o cristianismo recebeu do judaísmo, ênfase que nosso Senhor reafirma muitas vezes. A revelação neotestamentária de pluralidade no ser de Deus de modo algum degrada o entendimento fundamental da unidade divina.

A posição de **Cristo** como **um só mediador entre Deus e os homens** não é declarada desta forma em nenhuma outra passagem dos escritos paulinos. O texto de Gálatas 3.19,20 dá indícios desta idéia, embora ali não esteja desenvolvido como ofício de **Cristo**. É lógico que a Epístola aos Hebreus trata freqüentemente deste conceito. Identificamos idéia paralela em 1 João 2.1, que associa Cristo como nosso “Advogado para com o Pai”. Aqui, na passagem sob estudo, este ministério exclusivo de nosso Senhor é enunciado sem rodeios e de forma clara. Em um sermonário de G. Campbell Morgan,² há um sermão sobre o tema: “O Clamor por um Árbitro”. O primeiro dos dois textos que ele emprega é Jó 9.33: “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos”. O segundo texto é esta passagem que estudamos: **Há... um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem**. Ser árbitro é ser juiz, alguém que aprecia ou julga algo, intermediário, alguém que faz intercessão a nosso favor; em uma palavra: **mediador**. Há muitas relações na vida em que os serviços de um **mediador** tornam-se importantíssimos. Que alegria saber que na relação que nos é mais importante na vida — a relação entre Deus e nós — temos tão sublime Mediador!

5. *A Humanidade Essencial de Cristo* (2.6)

O apóstolo acentua um fator que é supremamente relevante nesta relação mediadora que Cristo exerce para o seu povo — o fator da humanidade essencial de Cristo Jesus nosso Senhor. Desde toda a eternidade, ele é um com o Pai, mas quando graciosamente se encarnou ele também se tornou um com nossa raça pecadora. Nunca conseguiremos

definir adequadamente o mistério de sua personalidade única. Mas o fato é que a Palavra de Deus é clara em ensinar o conceito do Deus-homem. Nossa tendência é lembrar sua deidade e esquecer ou não perceber com clareza sua humanidade essencial. Precisamos recuperar urgentemente a compreensão do fato de que Jesus era o Filho do Homem da mesma maneira que ele realmente era o Filho de Deus. Ele é “Jesus Cristo, homem” (5).

O versículo 6 acrescenta uma verdade importante: esse ofício de mediador, o qual ele exerce atualmente, origina-se do fato de que ele **se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo**. Há continuidade óbvia entre sua função como nosso advogado no alto e sua entrega voluntária na cruz; juntas (função e entrega) formam uma empresa unida de redenção dedicada à tarefa de “[trazer] muitos filhos à glória” (Hb 2.10). D. M. Baillie declara com grande poder de convicção a demonstração da misericórdia de Deus revelada neste evento-Cristo, quando escreve: “‘É tudo de Deus’: o desejo de perdoar e reconciliar, a designação do método, a provisão da vítima como se fosse do próprio seio a custo infinito. Tudo acontece dentro da própria vida do próprio Deus: pois, se tomarmos a cristologia do Novo Testamento em seu ponto mais elevado, só nos resta dizer que ‘Deus estava em Cristo’ naquele grande sacrifício expiatório, e que até o sacerdote e a vítima eram nada mais que Deus”.³ **Para servir de testemunho a seu tempo** significa “testemunho que se deve prestar em tempos oportunos” (BAB, RA).

6. A Comissão de Paulo (2.7)

O apóstolo afirma que ele foi **constituído pregador e apóstolo** para proclamar essa mensagem. A palavra grega traduzida por **pregador** (*keryx*) significa, segundo define C. H. Dodd, “pregoeiro público, leiloeiro, arauto, anunciador ou alguém que ergue a voz e chama a atenção pública para algo definido que ele tem a anunciar”.⁴ Este era o significado original de pregar. O outro termo pelo qual Paulo se designa é **apóstolo**, que quer dizer “mensageiro”, mas com autoridade para agir em determinada questão em nome da pessoa que o envia. Paulo une estes dois termos, como descrição adicional do trabalho ao qual ele se sentia chamado por Deus, qual seja, **doutor** (“mestre”, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA) **dos gentios, na fé e na verdade**. É desta forma que Phillips interpreta o significado: “Ensinar [...] o mundo gentio a crer e conhecer a verdade” (CH; cf. BV). A afirmação parentética — **digo a verdade em Cristo, não minto** — é tipicamente paulina. Encontramo-la em Romanos 9.1, 2 Coríntios 11.31 e novamente em Gálatas 1.20. Ninguém jamais viveu com o mais profundo senso de missão que Paulo.

B. REVERÊNCIA NO CULTO PÚBLICO, 2:8-15

1. Mais sobre a Ordem na Igreja (2.8)

Voltando da divagação dos versículos 3 a 7, o apóstolo retoma suas instruções relativas à ordem no culto a Deus. Não há dúvida de que ele está falando com a plena autoridade do seu ofício apostólico: **Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda** (8). A palavra **quero** não transmite aos leitores de hoje a totalidade do tom de comando que há no termo grego original. O verbo grego *boulamai* (**quero**) é termo que, de acordo com J. N. D. Kelly,

“transmite no judaísmo helenístico a nota de comando autorizado”.⁵ “É isto que eu ordeno”, é o que Paulo está dizendo, **que os homens orem em todo o lugar**.

Devemos entender esta ordem no contexto do culto público. O apóstolo está determinando o princípio de que, onde quer que os cristãos se reúnam para cultuar, os homens da congregação têm de dirigir a oração pública. Isto comprova o fato de que neste começo da igreja a conduta do culto público não estava exclusivamente nas mãos do clero superiormente ao laicato. Havia um ministério designado, e esta epístola preocupa-se em grande parte com o estabelecimento de padrões que o caracterizarão. Mas a conduta do culto público não era delegada exclusivamente a esse ministério. Neste ponto da história da igreja primitiva vemos nitidamente a participação plena dos leigos na obra de Deus. Tempos depois, Lutero a denominou de “o sacerdócio de todos os crentes”.

É igualmente claro que a conduta da pregação pública tinha de ser feita por homens e não por mulheres. O versículo 12 apresenta nitidamente a censura severa que Paulo impõe aos membros femininos da congregação. Basta dizer aqui que eram os membros masculinos da igreja que tinham de conduzir a oração pública.

A estipulação adicional é que eles levantam **mãos santas, sem ira nem contenda** (8). Esta postura de oração era comum para os cristãos, como também para os judeus e pagãos. Mas claro que a postura física assumida é muito menos importante que o espírito de humildade e sinceridade, no qual a pessoa se chega a Deus. É injustificável defender uma postura em preferência de outra.

É importante que entendamos e aceitemos firmemente no coração a insistência do apóstolo em levantar **mãos santas**. Paulo não está enfatizando a adoção desta postura física tanto quanto a condição da mente e do coração simbolizada pelas **mãos santas**. As **mãos** não são inerentemente **santas** ou profanas; mas são tradicionalmente os instrumentos de nosso espírito. Elas serão **santas** se forem usadas para cumprir propósitos santos. A estipulação adicional **sem ira nem contenda** elucida a idéia. A intenção desta expressão fica lúcida nesta tradução: “Excluindo pensamentos irados e briguentos” (NEB). O apóstolo aqui ecoa um dos mandamentos básicos de nosso Senhor. Logo em seguida à versão de Mateus da Oração do Senhor, está registrada esta palavra adicional de Jesus: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6.14,15). Poderíamos citar muitas outras passagens nos Evangelhos que têm intenção semelhante. “O rancor e o receio concernentes aos outros”, diz Plummer, “são incompatíveis com a oração congregacional a nosso Pai comum. A atmosfera de controvérsia não é apropriada à devoção. O próprio Cristo nos mandou reconciliar com nosso irmão antes de pensarmos em oferecer nossa oferta no altar. Em espírito similar, Paulo orienta que os que forem dirigir o culto público no santuário que o façam isentos de sentimentos raivosos ou de desconfiança mútua.”⁶

2. A Ornamentação do Cristão (2.9,10)

Os ensinamentos do versículo 9 estão gramaticamente unidos com o versículo 8. **Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos**. À primeira vista, é outra orientação dada no contexto do culto público. Quando comparecem à casa de Deus, as mulheres devem se vestir com o devido recato. Guthrie entende que as pala-

vras gregas traduzidas por “*pudor* e *modéstia* podem ser traduzidas por ‘recato’ e ‘autocontrole’, indicando dignidade e seriedade de propósito ao invés de leviandade e frivolidade”⁷ (outras opções tradutórias são: ‘decência’ e ‘discrição’, NVI; ‘modéstia’ e ‘bom senso’, RA). Mas seria erro restringir esta deliberação ao culto público. É indubitável que o apóstolo queria que este mesmo recato caracterizasse o vestuário e a conduta das mulheres cristãs em qualquer ambiente.

O apóstolo não nos deixa em dúvida quanto a que tipo de ornamentação as mulheres cristãs devem evitar: **Não com tranças** (“penteados elaborados”, NEB; cf. CH, NTLH), **ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos** (9). Estas eram práticas convencionais entre as mulheres não-cristãs, e a abstinência de tais práticas caracterizaria as mulheres que professam a fé em Cristo. Este é o julgamento do apóstolo. Naturalmente, toda época tem suas marcas distintivas de mundanismo. Se Paulo compusesse uma lista de proibições hoje, ela possivelmente seria diferente em alguns aspectos da lista que consta aqui. Mas a ênfase não está inteiramente nas proibições; continuando a escrever, ele sugere positivamente que as mulheres cristãs se adornem (**como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus**) **com boas obras** (10). Pedro ressalta alternativa semelhante ao mundanismo em sua famosa advertência: “Sua beleza não deve depender de penteado sofisticado nem do uso de jóias ou de roupas finas, mas sim da personalidade interior — a amabilidade incansável de um espírito tranquilo e manso, algo muito precioso aos olhos de Deus” (1 Pe 3.3,4, CH). Os cristãos devem chamar a atenção não pelo estilo de roupa, mas pela qualidade do espírito que têm.

3. O Lugar das Mulheres na Igreja (2.11-14)

Mas o apóstolo apresenta outras prescrições relativas à conduta das mulheres que são membros da congregação. Diz ele: **A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição** (11). Ele faz observação semelhante em 1 Coríntios 14.34,35: “As mulheres estejam caladas nas igrejas. [...] E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos”. Acredita-se que esta restrição rigorosa foi ocasionada pelo fato de que muitos na igreja coríntia eram recém-convertidos do paganismo, e que a nova liberdade que desfrutavam em Cristo levava a certas extravagâncias que eram impróprias e irreverentes. Existe a possibilidade ínfima de que razão semelhante ensejou estas advertências a Timóteo, que pastoreava uma igreja que saiu do paganismo de Éfeso.

Não podemos aceitar a idéia de que mesmo em Corinto as estipulações citadas se aplicariam em todas as circunstâncias. Em outro texto, Paulo fala para os mesmos cren-tes coríntios: “Toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça” (1 Co 11.5). Esta passagem é, no mínimo, reconhecimento de que as mulheres de Corinto oravam em público e, em alguns casos, exerciam o dom de profecia; e que essa prática não tinha a desaprovação do apóstolo, contanto que as mulheres que a praticassem estivessem corretamente vestidas.

Portanto, não nos ficaria bem fundamentar nas observações de Paulo a Timóteo o ensino de que as mulheres devem ser excluídas de posições de liderança na igreja. Até o versículo 12: **Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio**, deve ser considerado como ordem imposta na igreja efésia por razões que nos são desconhecidas. Nenhum ensino universal, que prenderia a igreja de todas as épocas, pode ser fundamentado corretamente neste

texto. As razões que o apóstolo cita nos versículos 13 e 14 para estabelecer esta regra são insuficientes para validá-la como programa de ação para todas as gerações futuras de cristãos. O fato de Paulo reconhecer livremente sua dívida a um grupo considerável de mulheres que o ajudaram na obra da igreja de Cristo dá a entender que ele nem sempre estava preso a tais estipulações rígidas como as expressas a Timóteo.

4. *A Majestosa Graça da Maternidade* (2.15)

O apóstolo acrescenta uma palavra final cuja intenção é orientar as mulheres cristãs à sua esfera de serviço normal e apropriada: **Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, NTLH, NVI) **e na santificação** (15). À primeira vista, isto quer dizer, como observa Kelly, que “a fé [da mulher] para a salvação [...] consiste em aceitar o papel que lhe foi dado claramente em Gênesis 3.16 (‘com dor terás filhos’)”.⁸ Mas não é apenas por aceitar o papel da maternidade que ela será salva, pois este é o destino de todas as mulheres, quer cristãs ou não. O apóstolo deixa claro que ele está pensando na maternidade no contexto da fé cristã. A mãe cristã que possui as qualidades substanciais da “fé, e amor, e santificação, com bom senso” (RA; cf. BAB, NVI) faz contribuição inestimável para a obra de Cristo; e o casamento que é santificado por estas virtudes sagradas contribui com uma medida de força e saúde para a igreja, algo que é absolutamente essencial ao seu bem-estar.

SEÇÃO IV

QUALIFICAÇÕES DOS MINISTROS CRISTÃOS

1 Timóteo 3.1-13

A. O CARÁTER DOS BISPOS, 3.1-7

1. O Cargo de Bispo (3.1)

Esta é uma palavra fiel: Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja (1). À primeira vista, a observação com a qual apóstolo inicia esta seção da carta — **esta é uma palavra fiel** — é igual à declaração dita anteriormente em 1.15: “Esta é uma palavra fiel”. Mas a igualdade é meramente aparente. A primeira observação deu início a um ensino muito importante sobre a obra redentora de Cristo. Mas aqui não há tal declaração solene de fé. Ainda que os estudiosos não tenham chegado a um acordo quanto a este ponto, é provável que esta tradução seja a correta: “Há um dito popular que diz: ‘Aspirar à liderança é ambição honrosa’” (NEB; cf. AEC, BJ, BV).

A palavra **episcopado** é um tanto enganosa para os leitores de hoje, porque para nós o cargo de epíscopo ou bispo tem associações eclesiásticas. Desejar este cargo seria buscar promoção no ministério cristão. Estamos devidamente certos em reputar que tal ambição é indigna da pessoa cuja vida é dedicada ao serviço de Cristo. Como ressaltamos na Introdução, o termo “bispo”, tradução da palavra grega *episkopos*, veio originalmente da organização das sociedades seculares e tem o significado básico de “inspetor” ou “líder”. O apóstolo está dizendo que é uma ambição digna a pessoa desejar um lugar de serviço responsável entre o povo de Deus. A declaração que Paulo cita era um provérbio bem conhecido na época, o qual ele usava como introdução do assunto que desejava tratar.

2. *Qualificações do Bispo* (3.2)

Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar. No total, há 15 qualificações estipuladas pelo apóstolo, sete das quais ocorrem no versículo 2. É importante que a primeiríssima destas seja a irrepreensibilidade. O significado da palavra é “acima de repreensão”, “de reputação irrepreensível” (cf. CH), “de caráter impecável”, “que ninguém possa culpar de nada” (NTLH). Por qualquer método que avaliemos, esta é a virtude mais inclusiva que aparece na lista. Significa que o líder na igreja de Cristo não pode ter defeito óbvio de caráter e deve ser pessoa de reputação imaculada. Dificilmente se esperaria que não tivesse defeito, mas que fosse sem culpa. É apropriado que o ministro seja julgado por um padrão mais rígido que os membros leigos da igreja. Os leigos podem ser perdoados por defeitos e falhas que seriam totalmente fatais a um ministro. Há certas coisas que um Deus misericordioso perdoa em um homem, mas que a igreja não perdoa no ministério deste. A irrepreensibilidade do candidato é requisito no qual devemos ser insistentes hoje em dia, como o foi Paulo no século I.

O líder da igreja deve ser exemplar especialmente em assuntos relativos a sexo. Este é o destaque da segunda estipulação do apóstolo: **Marido de uma mulher** (2). Trata-se de precaução contra a poligamia, que gerava um problema sério para a igreja cujos membros eram ganhos para Cristo vindos de um paganismo que tolerava abertamente casamentos plurais. Em todo quesito que a igreja com seus altos padrões éticos relativos a casamento confrontar o paganismo de nossos dias, em regiões incivilizadas ou não, a insistência cristã na pureza deve ser enunciada de forma clara e seguida com todo o rigor.

Mas temos de perguntar: A intenção de Paulo era desaprovar o segundo casamento? Alguns dos manuscritos antigos requerem a tradução “casado apenas uma vez” (conforme nota de rodapé na NEB). “Sobre este assunto, como em muitos outros”, comenta Kelly, “a atitude que vigorava na antigüidade difere notadamente da que prevalece em grande parte dos círculos de hoje. Existem evidências abundantes provenientes da literatura e inscrições funerárias, tanto gentias quanto judaicas, que permanecer solteiro depois da morte do cônjuge ou depois do divórcio era considerado meritório, ao passo que casar-se outra vez era visto como sinal de satisfação excessiva dos próprios desejos”.¹ É óbvio que em alguns segmentos da igreja primitiva esta era a opinião prevalente, chegando ao extremo último da ordem de um ministério celibatário.

Mas esta não é a interpretação do ensino de Paulo que prevalece hoje. É bem conhecida sua própria preferência da vida solteira em comparação ao estado casado; e há passagens nos seus escritos em que ele recomenda este estado aos outros (e.g., 1 Co 7.39,40). Talvez o melhor resumo da intenção do apóstolo para os nossos dias seja a declaração de E. F. Scott: “O bispo tem de dar exemplo de moralidade rígida”.²

As próximas três especificações — **vigilante, sóbrio, honesto** (2) — têm relação próxima entre si e descrevem a vida cristã ordeira. Moffatt traduz estas qualidades pelas palavras: “temperado [NVI; cf. RA], mestre de si, calmo”. A temperança neste contexto transmite a idéia de autocontrole (cf. CH) ou autodisciplina.

O próximo quesito qualificador é apresentado pelo apóstolo na palavra descritiva **hospitaleiro** (2). Esta mesma característica é mais detalhada em Tito 1.8: “Dado à hospitalidade, amigo do bem”. Nesses primeiros dias da igreja, esta era uma virtude muito

importante. Havia poucos albergues no mundo do século I, e os apóstolos e evangelistas cristãos que eram enviados de lugar em lugar ficavam dependentes da hospitalidade de cristãos que tivessem um “quarto de profeta”, mantido com a finalidade de atender essas necessidades. Em nossos dias de hotéis, expressamos nossa hospitalidade cristã de modo diferente. Mas quando a igreja era jovem, essa hospitalidade era extremamente primordial. O dever e privilégio de ministrá-la recaíam naturalmente sobre o bispo ou pastor. O espírito essencial do ato é tão importante hoje como era outrora.

Igualmente essencial e até mais importante é a sétima qualidade que Paulo menciona: **Apto para ensinar** (2). Pelo visto, nem todos os pastores eram empregados no ministério de ensino. É o que mostra 5.17: “Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina”. Mas a aptidão para ensinar era rendimento certo para o ministro cristão. Era importante então como é hoje. Sempre haverá indivíduos que possuem maior capacidade nesta ou naquela área que outros, mas certa habilidade para ensinar é de extrema necessidade ao ministério completo e frutífero.

3. *Homens de Sobriedade* (3.3)

Este versículo contém mais seis especificações que devem caracterizar o líder cristão: **Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento** (3). Todos os quesitos, exceto um, são negativos, mas todos são importantes. O primeiro nos soa um tanto quanto estranho, sobretudo quando seu significado preciso é entendido com clareza. Temos estas opções de tradução: “Não deve ser indivíduo dado a beber” (NEB); “não pode ser chegado ao vinho”, (NTLH); “não deve ser apegado ao vinho” (NVI; cf. BAB); “não deve ter o vício da bebida” (BV); ou pelas palavras diretas: “Não bêbedo” (RSV). O ponto que confunde o leitor da atualidade é que tal estipulação fosse necessária. No pensamento da maioria dos evangélicos hoje em dia, a abstinência total de bebidas alcoólicas é elementar na vida cristã. E não é difícil perceber que o julgamento moral que determina a abstinência total para o cristão — leigo ou ministro — é a compreensão *básica* da ética cristã. Mas esta idéia, como o julgamento moral das trevas, não fora discernida claramente no século I. Temos de manter isso em mente para entendermos as alusões do apóstolo ao uso do **vinho** neste e em outros textos. Kelly observa que “hoje em dia, as pessoas por vezes se surpreendem que Paulo achasse necessário fazer tal determinação, mas o perigo era real na sociedade desinibida em que se situavam as congregações efésia e cretense”.³

Não espancador (3) é expressão que exige interpretação neste contexto. Significa, literalmente, “não doador de socos”. Kelly traduziu por “não dado à violência” (cf. BAB, BV, CH, NVI, RA). O homem de Deus deve ser caracterizado por amor e comedimento cristão.

Não há ambigüidade ligada à próxima estipulação de Paulo: **Não cobiçoso de torpe ganância** (3). Esta é advertência contra o amor do dinheiro que o apóstolo, mais adiante nesta mesma epístola (6.10), declara ser “a raiz de toda espécie de males”. Tal proibição tinha relevância imediata, pois fazia parte da responsabilidade do pastor cuidar dos bens e capitais da igreja. Esta seria fonte constante de tentação para o avarento. Somente aquele que desse toda prova de não ter espírito de cobiça pode ser separado com segurança para a obra do ministério.

Claro que é perfeitamente possível que ministros e leigos sejam enganados pelo que nosso Senhor chamou de “a sedução das riquezas” (Mt 13.22). A sutileza desta sedução é que a pessoa não precisa possuir riquezas para ser enganada por elas. Desejá-las ardentemente, permitir-se adotar atitudes calculistas na esperança de obter riquezas, ficar indevidamente interessado por salários e lucros deste mundo não podem deixar de empobrecer e, no final das contas, destruir o valor do próprio ministério. Tudo isso está implícito no aviso paulino do desejo controlador por dinheiro.

A única virtude positiva no versículo 3 é **moderado**. (“tranquilo”, CH; “cordato”, RA). Isto significa não tanto a capacidade de manter a calma sob controle quanto a capacidade de resistir sob pressão, com infalível espírito de bondade e paciência. Paulo exalta esta virtude em 1 Coríntios 13.4, quando nos assegura que o amor é sofredor e benigno — benigno mesmo no fim do sofrimento. As especificações adicionais — **não contencioso**, **não avarento** (5) — são repetições para enfatizar os quesitos já estipulados.

4. Bom Pai (3.4,5)

Este é ponto da mais grave importância: **Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia** (4). Como ressalta E. K. Simpson: “O ideal do celibato sacerdotal é tão totalmente estranho ao modelo primitivo, que se toma por certo que o candidato ao ministério já seja casado de idade madura. A disciplina paterna relaxada o desqualifica imediatamente para a posição de liderança na igreja”.⁴ Esta é a versão que Phillips fez do versículo 4: “Deve ter a devida autoridade em sua própria casa e ser capaz de controlar e exigir o respeito de seus filhos” (CH). Temos de admitir que, entre todos os padrões, este é um dos mais difíceis que Paulo estabeleceu. Mas como é importante! Muitos ministros têm tido sua utilidade limitada ou mesmo destruída por não exercerem a disciplina parental. É fácil ficarmos tão envolvidos em salvar os filhos dos outros que acabamos deixando os nossos próprios filhos escapulir de nosso controle. Chega o momento em que os filhos crescem e têm de assumir a direção da própria vida. Nessa hora, ninguém estará com eles ao tomarem decisões que julgarem acertadas. Mas a disciplina firme, cheia de amor e regada com oração durante os anos formativos da vida de nossas crianças é seguramente o poderoso fator determinante que possuirão quando tiverem de decidir sozinho o curso que seguirão na vida. Há, portanto, força convincente no fato de Paulo insistir no dever que o ministro tem de controlar a própria casa. E ninguém pode contradizer a verdade básica que está entre parênteses no versículo 5: **Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?**

5. Homem de Maturidade (3.6,7)

O versículo 6 oferece perspicácia muito interessante sobre a situação em Éfeso: **Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo** (6). Esta é advertência contra a promoção muito rápida à liderança de “recém-convertidos” ou pessoas “recentemente batizadas”. Embora a igreja efésia já tivesse muitos anos de existência e, provavelmente, não devesse ter carência de líderes maduros, havia indícios de que candidatos imaturos ao ministério estavam sendo postos em serviço. Paulo acreditava em maturidade e preparação de candidatos para este cargo santo, e por uma boa e suficiente razão. Existia o perigo de que, para alguém inadequada-

mente preparado, a tentação ao orgulho espiritual se tornasse grande demais para ser resistida. Isso é tragédia na certa, tragédia descrita pelo apóstolo nos seguintes termos: Cair **na condenação do diabo**. C. K. Barrett destaca que “o julgamento não é tramado pelo diabo, mas feito por Deus em rígido acordo com a verdade”.⁵ A tradução de Phillips expressa o que o apóstolo quis dizer: “Para que não se torne orgulhoso e participe da queda do diabo” (CH).

Esta determinação lembra uma situação nos procedimentos de nosso Senhor com seus seguidores, relatada em Lucas 10.17-20. Os setenta haviam acabado de voltar de sua missão designada e estavam exultantes com o fato de que “até os demônios se nos sujeitam”. Jesus não reprovou imediatamente o orgulho espiritual principiante, mas observou um tanto enigmaticamente: “Eu via Satanás, como raio, cair do céu”. E completou: “Eis que vos dou poder [...] [sobre] toda a força do Inimigo. [...] Mas não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos”. Foi o orgulho que custou a Lúcifer o seu lugar nas hostes celestes, e esta foi a **condenação do diabo**. O ministro cristão tem de estar atento para que o orgulho não o compila a participar desta **condenação**.

Resta ainda uma especificação final para aquele que deseja servir na posição de bispo ou líder: **Convém, também, que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta e no laço** (“armadilha”, NTLH) **do diabo** (7). O ministro cristão tem de inspirar o respeito e a confiança da comunidade fora da igreja, caso deseje ganhar as pessoas dessa comunidade para a igreja. É fácil dizer: “Não me importo com o que as pessoas pensem de mim”; e contanto que essa atitude seja devidamente planejada e corretamente compreendida, justifica-se. Mas ninguém deve ser indiferente à sua reputação na comunidade em que vive. Ele deve desejar veementemente que as pessoas o considerem inteiramente acima de repreensão. Ver a questão de outro modo, diz Paulo, é expor-se à mesma armadilha que aguarda o indivíduo cujo espírito está arruinado pelo orgulho espiritual.

B. O CARÁTER DOS DIÁCONOS, 3.8-13

1. O Cargo de Diácono (3.8)

Agora Paulo trata da ordem dos diáconos e delineia as qualificações que devem caracterizá-los. Quando se busca entender o diaconato na igreja primitiva, é comum reportar-se ao início dessa função na congregação em Jerusalém. Lá, conforme registrado em Atos 6.1-6, a igreja escolheu “sete varões” que deveriam “servir às mesas” para que os apóstolos não fossem forçados a “deixar a palavra de Deus”. Esta foi divisão clara de responsabilidades entre os apóstolos, que eram os líderes espirituais da igreja, e os “sete varões” (em nenhum texto bíblico eles são chamados *diáconos*), que eram os responsáveis em cuidar das necessidades temporais dos crentes. Não há como comprovar que a ordem dos diáconos encontrada nas igrejas paulinas (e.g., Fp 1.1) esteja em seqüência linear desta ação da igreja em Jerusalém. Mas pouca dúvida resta de que este precedente estabelecido em Jerusalém exerceu tremenda influência no desenvolvimento do diaconato mais tarde na igreja.

A função mais antiga dos diáconos era cuidar da distribuição dos fundos de caridade da igreja. Como ressalta B. S. Easton: “Ainda que o substantivo grego transliterado

por ‘diácono’ signifique ‘servo’ ou ‘assistente’, qualquer tradução é enganosa, porque os diáconos não eram assistentes dos administradores, mas despenseiros das obras de caridade da igreja; eles ‘serviam’ os pobres e os doentes”.⁶ O termo “diácono” que vigora na igreja de hoje perdeu grande parte de sua denotação original. Em certas igrejas, o diaconato é a ordem inicial do ministério ordenado, levando normalmente ao sacerdócio ou presbitério, ao passo que em outras, trata-se de um cargo ocupado por crentes leigos. Mas na igreja do século I, os diáconos mantinham lugar de dignidade e influência comparável à dos bispos, e vemos que as qualificações que Paulo detalha para este ofício não são menos exigentes.

2. *Diáconos Disciplinados* (3.8)

Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância (8). Identificamos aqui algumas expressões empregadas pelo apóstolo quando estabeleceu o padrão para os bispos: A mesma exigência de serem **honestos**, “homens de altos princípios” (NEB); o mesmo requisito de terem temperança autodisciplinada; a mesma advertência de **não** se deixarem ser corrompidos pela **ganância**. Mas nova nota é soada nas estipulações do apóstolo para os **diáconos** não se permitirem ser **de língua dobre**. Kelly traduz a palavra grega por “consistente com o que dizem”, e observa que esta expressão passou a “significar ‘não mexeriqueiro’, sendo referência às oportunidades de conversa fiada que os diáconos tinham em seu trabalho pastoral de casa em casa. Uma tradução literal seria ‘não usuários de frases de duplo sentido’, abrindo a probabilidade de que o verdadeiro sentido é ‘não dizer uma coisa enquanto se pensa em outra’ ou (mais provavelmente) ‘não dizer uma coisa a uma pessoa e uma coisa diferente à seguinte’”.⁷

Todos conhecemos o mal da “fofoca”, que tem a fácil propensão de se tornar boato maldoso. Em sua forma mais extrema, torna-se o ato ignóbil conhecido por difamação. Ninguém que se considera seguidor de Cristo se entregaria conscientemente à conduta que ocasionasse essa consequência. O tipo incoerente de fofoca que leva a tais resultados horríveis parece inofensivo e até agradável. Mas Paulo vê as coisas como elas são, e nos avisa solenemente acerca disso. Não fica bem os crentes, sem falar os crentes líderes, condescenderem com este passatempo “inocente”, mas mortal.

3. *Homens de Integridade Espiritual* (3.9)

A seguir, como qualificação para o cargo de diácono, o apóstolo estipula um quesito que não consta em suas exigências aos bispos: **Guardando o mistério da fé em uma pura consciência** (9). Em prol da imparcialidade, devemos destacar que em Tito 1.9 o apóstolo inclui nas qualificações aos bispos ou pastores uma especificação bem parecida com esta estipulada aos diáconos na passagem sob estudo. O que significa **mistério da fé**? “Mistério”, segundo Guthrie, “é uma expressão paulina que conota não o que está fora do conhecimento, mas o que, estando outrora escondido, agora é revelado às pessoas de discernimento espiritual.”⁸ Mais adiante, neste mesmo capítulo, o apóstolo faz um resumo mais interessante acerca do “mistério da piedade” (ver comentários no v. 16). Este é o âmago do ensino cristão, fora do qual não há como haver fé cristã distintiva. Os homens que ocupam o cargo de diácono têm de guardar a **fé em uma pura consciência**. Isto significa com sinceridade absoluta e sem reservas mentais.

4. *Homens de Valor Comprovado* (3.10)

O versículo 10 amplia a tendência paulina de entender que os candidatos ao cargo de diácono devem passar por escrutínio mais rigoroso que os bispos: **E também estes sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis** (10). Hoje em dia, poderíamos tratar como algo muito importante os discrepantes graus de rigor impostos nos candidatos para estes ofícios na igreja primitiva. De fato, as funções de ambas as categorias, seja bispado ou diaconato, estão incorporadas na obra do ministério para a igreja de hoje. Tudo que Paulo diz a esse respeito, quer dirigido a bispos ou a diáconos, está dizendo a todo aquele que se sente conduzido pelo Espírito para a obra do ministério. Hoje reconhecemos a necessidade de provar por testes práticos os homens que são candidatos à ordenação. Insistimos na maturidade espiritual e em qualificações educacionais; mas também insistimos que o homem deva ter exercido, com certa medida promissora de sucesso, alguma fase prática do ofício ministerial. E nenhum candidato deve receber a ordenação da igreja caso não seja, na palavra do apóstolo, *irrepreensível*.

5. *Esposa de Diácono — Ajudante Adequada* (3.11)

O versículo 11 apresenta certas dificuldades para extrairmos a interpretação correta: **Da mesma sorte as mulheres sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo** (11). A palavra grega traduzida por **mulheres** é a palavra geral para referir-se a “mulheres”, usado sem o artigo definido. Devemos entender como exortação geral dirigida às mulheres da congregação? Neste caso, encaixa-se estranhamente num capítulo dedicado às qualificações de ofício especial na igreja. As **mulheres** aqui tratadas são as esposas dos diáconos? Sendo assim, por que o apóstolo fala especialmente das esposas dos diáconos, quando nada diz em relação às esposas dos bispos? Ou será que Paulo tem em mente o correlativo feminino dos diáconos, ou seja, as diaconisas? A resposta a este problema talvez nunca venha a ser encontrada. Certas traduções interpretam que o apóstolo quis dizer as *esposas* dos diáconos (ACF, BV, CH, NTLH), ao passo que outras traduções julgam melhor não tomar partido específico (AEC, BAB, RA, RC). A Nova Versão Internacional diz “mulheres”, colocando em nota de rodapé duas opções: “ou *as esposas dos diáconos* ou *as diaconisas*”. A Bíblia de Jerusalém também diz “mulheres”, mas em nota de rodapé dá preferência a *diaconisas* e nega tratar-se das *esposas de diáconos*. Podemos afirmar com ampla segurança que as esposas dos bispos e diáconos do século I e as esposas dos ministros de hoje carregam um fardo de responsabilidade pelo sucesso dos maridos na mesmíssima proporção do fardo levado pelas esposas de homens de outras posições de destaque. Na maioria dos casos é difícil pensar na esposa de pastor como co-pastora com seu marido. Mas as virtudes nas quais Paulo insiste no versículo 11 são indispensáveis caso a esposa não queira ser um impedimento ao marido no desempenho de suas pesadas tarefas. Enfim, as esposas têm de ter profundo interesse pela obra da igreja de Deus, ser cuidadosas para nunca emprestar a língua e falar mal do que quer que seja, controladas em seu autodomínio e **fiéis em tudo**.

6. *Bom Marido e Pai* (3.12,13)

O versículo 12 repete para os diáconos as exigências já impostas aos bispos: Que sejam **maridos de uma mulher e governem bem seus filhos e suas próprias casas** (12). Paulo acreditava que a virtude do tipo que ele estava promovendo não

deixaria de ter sua recompensa. De fato, o versículo 13 dá a entender em parte qual será essa retribuição: **Porque os que servirem bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus (13).** O significado não pode ser que os **diáconos** que exemplificarem estas qualidades terão a probabilidade de serem promovidos ao mais alto cargo. Tal interpretação seria um insulto aos princípios que Paulo se esmerava em estabelecer. Nem pode significar que a fidelidade nestes detalhes lhes dará posição elevada aos olhos de Deus. O único significado possível é que, por meio disso, eles ganharão a reputação de serem homens bons e fiéis. Simpson resume a questão: “A influência é um subproduto do caráter, e a mente do apóstolo estava enfatizando os elementos que contribuem para uma humanidade forte tendo por base a espiritualidade”.⁹ Disse o sábio: “Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas riquezas” (Pv 22.1). Não é recompensa ruim para quem determinou ser, a qualquer preço, verdadeiro com Cristo, que as pessoas digam a seu respeito, como disseram de Barnabé: “Ele era um homem bom” (At 11.24, NVI). Phillips interpreta **confiança na fé** (13) por “a capacidade de falar com desenvoltura a respeito de questões da fé cristã” (CH).

SEÇÃO V

PAULO DEFINE A IGREJA

1 Timóteo 3.14-16

A passagem que agora analisaremos é o ponto divisor da epístola, formando uma ponte entre a ênfase do apóstolo na conduta do culto público e nas qualificações para a obra do ministério e as instruções e exortações práticas que se seguem. Mas a passagem é importante por méritos próprios. Paulo revela sua esperança de logo se reunir com Timóteo, se não em Éfeso, então com certeza em Mileto. Mas ele reconhece que este plano pode não dar certo; por isso, ele se vale de escrever uma carta para ter certeza de que suas instruções alcancem o jovem pastor: **Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te bem depressa, mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade** (14,15).

É difícil acreditar que o apóstolo esteja preocupado somente com o comportamento na igreja. O contexto dá a entender que o seu cuidado era com a seriedade e gravidade que devem assistir à obra contínua da igreja em todas as suas fases. Sua inquietação era pelo tipo de pessoas que se tornam ministros e líderes na igreja. Particularmente importante é que os ministros da igreja sejam homens que conheçam, amem e profundamente reverenciem os mistérios de nossa fé santa. A igreja existe para preservar, interpretar e perpetuar estes mistérios. Paulo dá uma estimulante definição da igreja, apresentando-a em três partes: **A casa de Deus, a igreja do Deus vivo e a coluna e firmeza da verdade** (15). Nós, que amamos a igreja, faríamos bem em ponderar nesta definição, descobrir sua validade permanente e investigar o que ela exige de nós em nossos dias.

A. A CASA DE DEUS, 3.14,15

A idéia de família está implícita na expressão a **casa de Deus** (15; cf. “família de Deus”, CH, NTLH). A igreja é a família de Deus. Os crentes se tornam filhos de Deus e, portanto, “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8.17). O Novo Testamento emprega as metáforas de nascimento e adoção para descrever o milagre da experiência cristã (Jo 3.3; Gl 4.5). A idéia de família também insinua que esta nova relação com Deus por meio de Cristo, ainda que individual, é igualmente societária. A igreja é a sociedade dos remidos; a **casa de Deus** é formada por aqueles que nasceram de novo na comunidade cristã.

Em seguida, Paulo descreve que esta comunidade inigualável é a **igreja do Deus vivo** (15). O termo **igreja** tem muitos significados, todos muito importantes. Mas em seu significado básico, abrange todos que ouviram e atenderam a vocação divina, que são os “chamados por Deus”. Neste sentido, é formada por todos os cristãos, a **igreja** militante e triunfante: nós que hoje corremos a carreira e a nuvem de testemunhas triunfantes que nos cerca (Hb 12.1). É a **igreja do Deus vivo**, pois é a presença vivificadora de Deus que impulsiona o todo.

A terceira descrição que o apóstolo faz da igreja é a **coluna e firmeza** (“baluarte”, RA) **da verdade** (15). O que Paulo quer dizer com **verdade**? Refere-se ao fato de que “Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores” (1.15). Mas não há dúvida de que o apóstolo tem particularmente em mente o “mistério da piedade” que ele elabora no versículo 16: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória”.

B. O MISTÉRIO DA PIEDADE, 3.15,16

A expressão **mistério da piedade** (15) ocorre só aqui nos escritos de Paulo, embora a palavra **mistério** apareça mais vezes. Por que o apóstolo usou esta frase em particular? Guthrie sugere que “a resposta está na comparação implícita entre a piedade prática previamente ordenada para os ministros da igreja e o caráter interior do segredo da piedade revelado e aqui descrito”.¹

O propósito do versículo 16 mostra o que contém este **mistério da piedade**. Aqui, como em outras ocasiões, supomos que o apóstolo está usando o fragmento de um hino cristão primitivo que, a seu modo, esboça o drama do evento-Cristo. Barrett o analisou em seis proposições concisas, que juntas abarcam a maravilha da redenção. Diz ele: “No conjunto, é melhor reconhecermos uma progressão cronológica no hino (supondo que o seja), e propormos que diz respeito a: 1) a encarnação, 2) a ressurreição, 3) a ascensão, 4) a pregação do Evangelho, 5) a resposta dada ao Evangelho e 6) a vitória final de Cristo”.² **Justificado em espírito** (16) pode ser traduzido por “vindicado no Espírito” (RSV), quer dizer, ressuscitado pelo poder do Espírito Santo.

Este é, então, o **mistério da piedade** ou, como traduz certa versão, “a verdade revelada da nossa religião” (NTLH). É esta mensagem da qual a igreja coletivamente e cada cristão individualmente é “coluna e baluarte”. Como crentes, nosso testemunho

básico e individual desta verdade deve ser a vida que vivemos — a vida transformada pelo poder de Cristo. Atualmente, é da maior urgência que a igreja volte a dar este testemunho claro ao mundo. A prescrição de Lancelot Andrewes para a igreja dos seus dias também pode ser adotada como meta do empenho sério da igreja de hoje: “A restauração das coisas que estão em falta; o fortalecimento das coisas que permanecem”.

SEÇÃO VI

AMEAÇAS À INTEGRIDADE DA IGREJA

1 Timóteo 4.1-16

A. O PERIGO DO ASCETICISMO DESCOMEDIDO, 4.1-5

1. *Surgirão Falsos Ensinos* (4.1,2)

O apóstolo passa a tratar dos falsos ensinos que vinham infestando a igreja em Éfeso, cuja dificuldade ele alude no capítulo 1. O erro sempre se opõe à verdade do evangelho, conflito ao qual Deus prepara a sua igreja: **Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé** (1). Paulo está se referindo ao **Espírito** Santo, que é o espírito de profecia. É impossível determinar que profecia em particular o escritor tinha em mente. Às vezes, o apóstolo era movido pelo **Espírito** para profetizar. Um dos numerosos exemplos dessa inspiração envolvia esta igreja efésia, onde Timóteo servia: “Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si” (At 20.29,30). Este desdobramento, tão claramente previsto poucos anos antes, está próximo; na verdade, já começou. Guthrie entende que “nos últimos tempos” é expressão que indica um futuro mais iminente que ‘nos últimos dias’ (usado em 2 Tm 3.1). [...] Como é comum ocorrer em declarações proféticas, o que é predito acerca do futuro concebe-se que já está em operação no presente, assim as palavras têm significação contemporânea específica”.¹

Não só amanhã, mas esta levedura de erro está em ação hoje. **Alguns** já se desviaram **da fé**, seduzidos pelos “estratagemas de Satanás e seus aliados” (Kelly). Paulo de-

nomina essas forças sobrenaturais de “principados, [...] potestades, [...] príncipes das trevas deste século, [...] hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12). A palavra grega traduzida por **espíritos enganadores** (1) significa, de fato, “curandeiros ambulantes” ou “vagabundos, errantes” (Simpson), indicando o poder de iludir e enganar. Esses espíritos malignos empregam suas vítimas sucessivamente como agentes dos seus propósitos abomináveis. Prosseguindo na descrição destes agentes do erro, diz o apóstolo: **Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência** (2). O termo **hipocrisia** fala do esforço consciente e deliberado em enganar, o conhecimento moral de que os ensinamentos que eles propagam são **mentiras**. Esses indivíduos estão tão cegos pela incredulidade e são tão endurecidos de coração que a **consciência** não é mais capaz de exercer suas funções designadas. Ela está **cauterizada** (transliteração do termo gr. constante no Texto Recebido). Em Efésios 4.19, o apóstolo descreve a pessoa nesta condição moral: “havendo perdido todo o sentimento”.

2. *Asceticismo Sem Sentido* (4.3-5)

Paulo define dois detalhes do ensino que ele está denunciando: **Proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças** (3). Esta proibição de casar-se e comer certos alimentos mostra que o erro que ganhara posição segura na igreja em Éfeso era um tipo inicial de gnosticismo. O principal ataque do gnosticismo em busca de um lugar de influência na igreja primitiva ocorreu somente no século II. Mas uma forma incipiente desta heresia, forma de caráter amplamente judaico, já havia assumido proporções ameaçadoras no século I. Todas as formas de gnosticismo defendiam em comum a idéia de um dualismo fundamental entre matéria e espírito. Isto significava que tudo que pertencesse ao corpo era intrinsecamente mau. Estes mestres mal orientados promoviam um asceticismo rígido e essencialmente falso. Seus adeptos tinham de evitar o **casamento** e praticar a **abstinência** de certos alimentos.

O primeiro destes dois ensinamentos Paulo condena, mas, como ressalta Kelly, “não refuta por argumentação. A explicação provável é que ele já deixara perfeitamente clara sua posição acerca da naturalidade e decoro do **casamento**, quando falou das qualidades exigidas para os detentores de cargos”.² É verdade que o apóstolo preferia para si o estado de solteiro ao de casado, e que ao escrever aos crentes coríntios (1 Co 7) ele sugere que seria melhor que outros cristãos seguissem seu exemplo. Contudo, a razão para este julgamento estava muito longe das opiniões errôneas às quais ele se opunha em Éfeso. No texto coríntio, ele destaca a “instante necessidade” (1 Co 7.26) e lembra os leitores que “o tempo se abrevia” (1 Co 7.29). Ambas as passagens são, ao que parece, insinuações veladas à expectativa paulina da vinda próxima de Cristo. Em vista do fato de que “a aparência deste mundo passa” (1 Co 7.31), muitas coisas que em si são certas e adequadas assumem importância secundária, entre elas a questão do celibato e **casamento**. Mas ele não pôde ser tolerante com a proibição do **casamento** pela razão *errada*, como ocorria em Éfeso.

Contra o segundo falso ensino — a **abstinência** de certos alimentos —, o apóstolo apresenta razões cuidadosamente argumentadas: **Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças** (4). Paulo

mantém sua posição de liberdade das proibições impostas pelos rituais dos judeus. Estas proibições tinham sido ab-rogadas claramente pela visão de Pedro no terraço da casa em Jope (At 10.9-16). A única estipulação que Paulo estabeleceu concernente ao dom divino de alimentos nutritivos era que fosse recebido com **ações de graças**. E a maneira em que tais **ações de graças** devem ser expressas é, pelo menos, sugerida: **Porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificada** (5; “consagrado”, CH; “sagrado”, NEB). É evidente que dar **graças** antes das refeições era um dos costumes mais antigos da igreja. Pelo visto, além da **oração de ações de graças**, era costume de os crentes primitivos empregarem trechos das Escrituras em suas expressões de gratidão a Deus. A **oração de ações de graças** antes de participar dos alimentos, por mais escassa que seja a comida, é a obrigação mínima do cristão. E não há **oração de ações de graças** mais adequada que a que João Wesley e seus pregadores empregavam:

*Invocamos tua presença a esta mesa, Senhor;
Aqui e em todos os lugares te adoramos;
Abençoa-nos, e concede que participemos
contigo do banquete no Paraíso.**

B. A ESTATURA DO BOM MINISTRO DE CRISTO, 4.6-10

1. Bom Ministro (4.6)

Agora o apóstolo trata Timóteo pessoalmente e lhe define a área da responsabilidade como pastor: **Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido** (6). Paulo sabia muito bem que a resposta ao erro não deve ser a simples denúncia negativa, que o mal é mais bem refutado pela proclamação positiva da verdade cristã. Timóteo tem de propor aos **irmãos** as instruções do apóstolo já dadas anteriormente: **Propondo estas coisas aos irmãos** (6) pode ser traduzido por “oferecendo estes conselhos à irmandade” (NEB; cf. NTLH). **Estas coisas** referem-se aos ensinamentos expostos nos versículos 4, 5 e 7 a 10. Os **irmãos** podem ser os líderes da igreja efésia ou os membros espiritualmente responsáveis daquela igreja como um todo. O apóstolo não está tentando coagir-lhes o pensamento, mas confia no caráter convincente da resposta cristã aos erros ameaçadores.

Recomendar com insistência estas considerações à igreja faz parte do **bom ministro de Jesus Cristo** (6). A palavra grega traduzida por **ministro** (*diakonos*) é a mesma palavra traduzida por “diáconos” em 3.8, embora seu verdadeiro significado seja “servo” ou “ministro”. É uma palavra que estava “em processo de especialização”, embora o significado mais geral ocorra com muito mais frequência no Novo Testamento do que o significado especializado.³

Na descrição do **bom ministro** que ele espera que Timóteo seja, Paulo adiciona a frase final deste versículo: “criado nos preceitos de nossa fé e da sã instrução que tens seguido” (NEB). O texto de 2 Timóteo 1.5 apresenta com mais detalhes a riqueza da

* Be present at this table, Lord; / Be here and everywhere adored; / These creatures bless, and grant that we / May feast in Paradise with Thee. (N. do T.)

herança cristã de Timóteo: “Lembro da sua fé sincera, a mesma fé que a sua avó Lóide e Eunice, a sua mãe, tinham. E tenho a certeza de que é a mesma fé que você tem” (NTLH). Acrescentado a este fato, havia a instrução incomparável do jovem pastor nos assuntos espirituais que ele recebeu aos pés de Paulo. Além destas grandes influências cristãs, Timóteo tivera momentos decisivos em sua experiência interior, alguns “ebenézeres” (1 Sm 7.10-12) erguidos como monumentos à graça transformadora de Deus em sua vida. Há o sentido de que a fé pode ser herdada; mas ela também tem de se tornar uma realidade genuína e articulada na experiência do crente para lhe sustentar a alma durante as adversidades da vida.

Não nos é suficiente clamar, como fizeram os judeus nos dias de João Batista: “Nosso pai é Abraão”. Somos os filhos de nossos pais, claro; mas as qualidades de vida e caráter que tornaram estes pais homens poderosos não podem ser transmitidas de pai para filho. Cada geração tem de alcançar sozinha, pela experiência vital com a graça de Deus, as qualidades que tornaram nossos pais homens santos, homens que amavam a Deus e a verdade, que segundo a vontade de Deus se tornaram fundadores e construtores que eram.

2. Mantenha Sóbrio Julgamento (4.7,8)

Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas e exercita-te a ti mesmo em piedade (7). O apóstolo não hesita em estigmatizar os falsos ensinamentos em Éfeso, colocando-os abaixo do seu desprezo. As **fábulas... de velhas** se tornaram expressão tradicional que descreve o tipo de noção supersticiosa que apóiam esses erros. Moffatt, em sua tradução, diz que são “mitos sem nexos” (“lendas [...] tolas”, NTLH; “mitos e lendas absurdas”, BV). Paulo observa que tais noções são **profanas** (“ímpias”, BJ; “pagãs”, NTLH). **Rejeita, diz o apóstolo, e exercita-te a ti mesmo em piedade.** Isto significa, segundo a interpretação de Phillips: “Faça de tudo para se manter espiritualmente preparado” (CH). O pensamento de Paulo faz imediatamente um contraste entre a disciplina do corpo e a disciplina da alma: **Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir** (8).

Não há justificativa para presumir que Paulo esteja desaprovando a idéia do bem-estar físico. Pelo contrário, há evidências de que o culto da aptidão física, que tanto fazia parte da vida no antigo mundo helênico, lhe despertava o interesse consideravelmente. Ele se serve dos esportes daquele mundo do século I bastante livremente para mostrar a necessidade de uma vida espiritual disciplinada. Mas tornar o cultivo de um físico sardado o alvo principal do homem era totalmente estranho à escala de valores de Paulo. Há a necessidade de um corpo saudável e vigoroso para estarmos no pico da eficácia para servir a Cristo — embora resultados surpreendentes sejam obtidos por pessoas que, ao longo da vida, têm de lutar incessantemente contra a má saúde. A prioridade na vida deve ser a saúde do espírito, e, neste ponto, a **piedade** é o fator importantíssimo. Ao descrever o valor da **piedade**, Paulo produziu uma dessas pedras preciosas de expressão retórica pelas quais seus escritos são merecidamente famosos: **tendo a promessa da vida presente e da que há de vir** (8). Não há descrição que melhor ressalte o valor no tempo e na eternidade da comunhão com Deus por Cristo. Este é o único valor que podemos levar deste mundo e vivenciá-lo no outro.

3. *Ensino Sadio* (4.9,10)

Esta palavra é fiel e digna de toda a aceitação (9). Encontramos de novo a fórmula que Paulo emprega para dar ênfase, idêntica à de 1.15. Os estudiosos não conseguem decidir com certeza se o apóstolo está enfatizando o versículo 8, que a precede, ou o versículo 10, que a segue. Phillips escolheu a primeira alternativa (CH), enquanto os tradutores da New English Bible escolheram a última (NEB). Mas qualquer que seja a escolha, o resultado é importante e bem merece a ênfase intencionada.

Porque para isto trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis (10). Paulo continua com a metáfora do versículo 8 com a tônica na vida disciplinada. Mas o pensamento muda para o preço que ele foi obrigado a pagar por ser fiel a Deus: **trabalhamos e lutamos**. Mas entre todas as adversidades dos trabalhos apostólicos ele é sustentado continuamente pela esperança **no Deus vivo**.

O trecho final do versículo 10 apresenta certas dificuldades. **O Salvador de todos os homens** dá a entender, superficialmente, certo tipo de universalismo. Mas de que tipo? Barrett sugere que “porque Deus é vivo e é a fonte da vida, ele é o *Salvador de todos os homens*, os quais ele preserva com vida, fazendo o sol brilhar e a chuva cair sobre maus e bons igualmente”.⁴ Compreendido nesta maneira, as palavras finais do versículo ficam inteligíveis: **principalmente dos fiéis**. Todas as pessoas recebem a misericórdia geral de Deus, e a maioria não tem senso de gratidão pelo que quer que seja. Mas o homem só recebe a *misericórdia salvadora* de Deus quando, convencido, se entrega totalmente a Cristo e com fé nele.

C. O MINISTRO COMO EXEMPLO, 4.11-16

1. *Paulo Admoesta Timóteo* (4.11-13)

No parágrafo final do capítulo 4, o apóstolo fica mais diretamente pessoal em seu tratamento com Timóteo: **Manda estas coisas e ensina-as** (11). A palavra grega traduzida por **manda** tem “conotação militar” e o jovem pastor deve tê-la ouvido com força resoluta. Todas as evidências levam à conclusão de que Timóteo estava recuando e sentia-se acanhado, pois era homem cuja autoconfiança precisava de constantes incentivos. A maior parte deste parágrafo sugere tal estimativa. Ele precisava ouvir esta comunicação autorizada do apóstolo para lhe renovar as convicções. Está nitidamente subentendido que é tarefa dos ministros cristãos pregar e ensinar com autoridade devidamente reconhecida. Não é sua tarefa exercer “como tendo domínio sobre a herança de Deus”, para usar a apropriada expressão de Pedro (1 Pe 5.3). Trata-se de autoridade espiritual que se origina de um andar diário em comunhão íntima com Cristo e um ministério de pregação e ensino que traga as marcas evidentes da unção do Espírito Santo. A recuperação desta qualidade espiritual peculiar chamada unção está entre as necessidades urgentes do ministério da igreja hodierna.

Concernente a **ninguém despreze a tua mocidade** (12), Simpson comenta que “não existe máxima grega mais bem conhecida que a subordinação da mocidade aos idosos”.⁵ A probabilidade é que entre os líderes ou anciãos da igreja efésia havia muitos que tinham mais idade que Timóteo. Seria fácil se sentir em crítica desvantagem no

exercício de suas funções de pastor em tal situação. **Mocidade**, claro, é um termo relativo. N. J. D. White observa que “a idade de 40 anos era considerada ultrapassada para um capitão do exército, pouca para um bispo e muito pouca para um primeiro-ministro”.⁶ Timóteo provavelmente tinha menos de 40 anos e, pelos padrões do mundo helenista do século I, era jovem. “Não deixes ninguém te menosprezar por conta disso”, previne Paulo, “mas porta-te de modo a inspirar o amor, o respeito e a confiança de tua congregação.”

No mundo da igreja hodierna, a **mocidade** é considerada como recurso e não como desvantagem. Claro que se a **mocidade** for a única qualidade excelente do ministro, a probabilidade é ter uma carreira muito curta. Mas é a velhice e não a **mocidade** que corre o risco de ser desprezada em nossos dias. Toda igreja que desqualifica automaticamente seu pastor só por ter 50 anos ou mais, está perigosamente perto de menosprezar a maturidade. Atualmente, esta é situação mais deplorável que a atitude que prevalecia antigamente para com a **mocidade** — atitude que Paulo aqui reprova.

O antídoto, prescreve o apóstolo, é: **Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA), **no espírito, na fé, na pureza** (12). É pelo comportamento reverente e semelhante a Cristo que o pastor, que talvez não seja talentoso, pode servir tão eficazmente, de modo a vencer as numerosas dificuldades que teriam um efeito debilitante em seu ministério.

As seis áreas estipuladas por Paulo para que Timóteo sirva de **exemplo** são reduzidas a cinco, porque a palavra **espírito** não ocorre nos manuscritos mais velhos e mais confiáveis: “Na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (RA; cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI). As duas primeiras áreas se relacionam com a vida e ministério público de Timóteo. Mas as três restantes são qualidades interiores. “Amor” é tradução do termo grego *agape* que denota o tipo de amor de Deus. **Fé** tem o sentido de fidelidade ou lealdade. **Pureza** não significa apenas castidade, mas também indica “sinceridade” (CH) e inculpabilidade.

Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá (13). A expressão **até que eu vá** lembra Timóteo o propósito declarado de Paulo lhe fazer uma visita em futuro próximo (3.14). **Até** então, o jovem é aconselhado a dedicar-se “à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino” (NVI; cf. NTLH). Isto nos lembra que a Bíblia da igreja primitiva era o Antigo Testamento na tradução grega (LXX). Os cultos da igreja primitiva foram moldados de acordo com o culto da sinagoga pelo menos no quesito de que a leitura do Antigo Testamento fazia parte da adoração a Deus. Kelly comenta que “esta é, na realidade, a referência mais antiga do uso da Bíblia na liturgia da igreja”.⁷ Esta prática foi pouco a pouco suplementada pela leitura de documentos cristãos, como as cartas de Paulo e de outros apóstolos. É provável que as igrejas já estivessem formando bibliotecas desses documentos e reputando-os como escritos inspirados pelo Espírito Santo. **Exortar** é comentar e proclamar a Palavra de Deus, ou seja, pregar (cf. CH, NTLH). **Ensinar** tem o sentido de instruir doutrinariamente na verdade cristã. Isto era particularmente importante para os novatos na fé, embora fosse essencial para todos os crentes de qualquer fase de maturidade.

2. *Cultive os Dons de Deus* (4.14-16)

Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério (14). Nesta passagem, o apóstolo reconhece que o

poder, que chamaríamos preparação carismática para o ministério, é decididamente o mais importante. Ele firma que Timóteo recebeu este dom **por profecia**, observação repetitiva de Paulo (1.18). O chamado de Deus para servir na obra do ministério é consideração anterior e principal. É o Espírito Santo que tem de instigar a escolha do homem para esta vocação santa. E com o seu chamado temos razão para crer que haverá as qualificações acompanhantes da “graça, dons e utilidade”. Pode haver casos excepcionais em que uma ou outra destas qualidades não esteja em evidência, mas Deus as vê em estado latente; contudo, a regra é conforme está declarada acima. Isto significa mais que “ter facilidade em falar”, ou “ser muito extrovertido”, ou “dar-se bem com as pessoas”, ou “ser líder nato”. Algumas destas qualidades podem complementar o equipamento espiritual essencial, mas nenhuma o substitui.

Além disso, seria erro presumir que a ordenação da igreja fornece esta qualidade mística quando em falta. A significação da ordenação da igreja e sua relação com a ação anterior do Espírito estão claramente expostas em Atos 13.2,3. Falando da igreja em Antioquia na Síria, Lucas relata: “Disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram”. O mero “contato manual”, como disse alguém, a **imposição das mãos do presbitério** não tem significado sem essa obra antecedente do Espírito Santo. A linguagem de Paulo dá a entender perfeitamente que, referindo-se à ordenação de Timóteo, a ação do **presbitério** (os pastores) era reconhecimento e confirmação da ação anterior do Espírito.

Medita estas coisas, ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento (ou “progresso”, AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) **seja manifesto a todos** (15). Hoje em dia, a palavra **medita** tem conotação de passividade, algo que está longe do que o apóstolo quis dizer. Significa a prática destas coisas com diligência comparável à mostrada pelo atleta que está em treinamento para disputar corridas. “Torna estes assuntos de tua conta e de teu profundo interesse” (NEB; cf. CH, NTLH). A prática dos procedimentos pastorais recomendada neste capítulo pelo apóstolo deve ser a principal atividade do verdadeiro ministro de Cristo. Não há lugar para indiferença ou devoção qualificada.

Os assuntos eternos dependem da maneira em que o ministro cumpre estas responsabilidades; estão ligadas à salvação de sua alma e à salvação daqueles a quem ele ministra. Por isso, Paulo adverte: **Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem** (16). Para o ministro do evangelho este é um dos versículos mais sérios e sensatos do Novo Testamento. É possível que o indivíduo tenha interesses irregulares quanto ao sucesso ministerial. Se ele o usa como padrão para medir o grau de primazia que desfruta, ou de promoção para responsabilidades cada vez maiores com o concomitante aumento salarial, ele pode acabar perdendo a salvação. Paulo confessa possuir este medo, quando diz: “Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado” (1 Co 9.27). Não nos esqueçamos de que, em nossos esforços em promover a obra da igreja de Cristo, a salvação de nossa alma está pendente, e que temos de dar atenção a nós como também ao nosso ensino e ministério.

SEÇÃO VII

A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA

1 Timóteo 5.1-25

A. A MOCIDADE DEVE RESPEITAR A VELHICE, 5.1,2

Com o início do capítulo 5, Paulo lança instruções de natureza mais específica dirigidas a Timóteo como pastor e líder da igreja em Éfeso. O apóstolo interessa-se, sobretudo, que Timóteo prossiga alegremente e de modo acima de repreensão com todos os grupos idosos sob sua responsabilidade. **Não repreendas asperamente os anciãos, mas admoesta-os como a pais** (1). A igreja de então como a de hoje era composta de homens e mulheres de todas as faixas etárias. O sucesso ministerial de Timóteo e a felicidade da igreja dependiam, em grande parte, de sua habilidade manifesta em lidar com cada um destes grupos. Este fato era particularmente importante para um jovem pastor como Timóteo, quando surgissem problemas envolvendo os membros mais velhos da congregação. A advertência **não repreendas asperamente** não se relaciona com os ministros ordenados na igreja, “não com os ‘anciãos’ no sentido eclesiástico, mas com os homens mais velhos na comunidade cristã”.¹

Nenhum ministro ordenado tem o direito de invocar esta palavra de Paulo para escapar de ser repreendido por alguma loucura cometida. A diretiva do apóstolo visa somente orientar um jovem em seus procedimentos com pessoas mais velhas. O verbo grego traduzido por **repreendas asperamente** é bem forte (“nunca sejas severo com um ancião”, NEB; “não repreendas duramente o ancião”, BJ). Isto não quer dizer que a correção e disciplina não tenham lugar nas atividades do pastor. Antes, enfatiza a importância de tato ao lidar com casos que exijam correção e melhoria. Ninguém exibiu esta qualidade essencial mais magnificamente que o próprio Paulo. Por exemplo, ao escrever

a Epístola a Filemom (obra excelentemente perfeita), rogando misericórdia e perdão por Onésimo, ele diz: “Ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar em nome do amor” (Fm 8,9, RA). O conselho de Paulo a Timóteo está de acordo com sua prática. Em vez de repreender o mais velho, solicite-lhe; “apela a ele como se ele fosse teu pai” (NEB; cf. CH).

O mesmo verbo grego, traduzido por **admoesta** (ou “apele”, CH), rege as três frases restantes nos versículos 1 e 2: **Aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães, às moças, como a irmãs, em toda a pureza.** É inequívoco que a analogia da família está na mente do apóstolo quando ele define estas relações sociais delicadas. A igreja é a família ou casa de Deus, e o amor que une cada um ao outro nessa comunidade é como o amor de pais e filhos, de **irmãos e irmãs**. Se não nos esquecêssemos disso e fosse exemplificado por todos os interessados na igreja de Cristo, veríamos o fim de erros e discussões que tão freqüentemente dividem a igreja.

Falando da relação de Timóteo com as mulheres mais jovens, o apóstolo adiciona a frase significativa **em toda a pureza** (2). Scott é exato ao observar que “a mais delicada de todas as relações nas quais [...] [Timóteo] foi colocado, como conselheiro espiritual, seja mencionada primorosamente em palavras simples que dizem tudo”.² Quantos homens ao longo dos séculos acabaram com seu ministério de modo vergonhoso e cheios de remorso por não atenderem esta palavra!

B. A RESPONSABILIDADE PELAS VIÚVAS DEPENDENTES, 5.3-16

Estes versículos falam de um problema sério que a igreja em seus primeiros tempos foi compelida a enfrentar, qual seja, a situação difícil das viúvas no mundo antigo. Este problema surgira cedo na história da igreja em Jerusalém. A narrativa de Atos 6.1 diz: “Naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano”. O tremendo apuro das viúvas era particularmente doloroso, porque existia pouca oportunidade econômica para elas no mundo romano. Como escreve Holmes Rolston: “A mulher que enviuvava tinha pouquíssimas oportunidades de entrar no mercado de trabalho para ganhar a vida”.³ É evidente que a igreja efésia fora atormentada por este problema, e Paulo oferece a Timóteo algumas orientações para resolver a situação. Parry destaca que esta porção que fala das viúvas “divide-se naturalmente em duas subdivisões: 1) versículos 3 a 8, e 2) versículos 9 a 16. Na primeira subdivisão, o assunto é o socorro das viúvas em necessidade; o objeto é insistir no dever particular dos parentes e no caráter pessoal das viúvas, dois aspectos a serem analisados antes de a igreja prestar assistência. Na segunda subdivisão, as viúvas são consideradas como empregadas da igreja para certos fins. A igreja tem de fazer uma lista dessas viúvas conforme regras estabelecidas. Estas viúvas têm de ser sustentadas pela igreja, a menos que possuam um parente que possa sustentá-las e, assim, isentar a igreja da responsabilidade”.⁴

1. Deveres da Igreja para com as Viúvas (5.3-8)

Honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas (3). Por **viúvas que verdadeiramente** o apóstolo quer dizer “viúvas que estão realmente sozinhas no mundo”

(CH). Estas seriam mulheres não só desoladas pela perda do marido, mas que não tivessem filhos, netos ou outros parentes que pudessem contribuir para o seu sustento. As **viúvas** desta categoria deviam ser tratadas “com grande consideração” (CH). É provável que Wesley esteja correto quando interpreta imparcialmente que o verbo **honra** significa “mantém fora do fundo público”.⁵ Paulo estava muito preocupado que as **viúvas** que estivessem verdadeiramente necessitadas, com direito à assistência da igreja, recebessem o devido sustento. É interessante fazer uma análise rápida da situação em que a igreja faz suas obras de caridade. No princípio, tais distribuições eram amplamente delegadas ao estado ou às agências de assistência social, como hoje.

O apóstolo também está preocupado com parentes gananciosos que, em vez de assumirem o sustento da viúva necessitada, deixavam alegremente que a igreja a sustentasse. Para evitar tal eventualidade, diz Paulo: **Mas, se alguma viúva tiver filhos ou netos, aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria família e a recompensar seus pais; porque isto é bom e agradável diante de Deus** (4). Eis um padrão de responsabilidade familiar que em nossos dias é honrado mais na contravenção do que na observância. Como é freqüente vermos o triste espetáculo de pais e avós idosos compelidos a viver parcamente à custa do estado, enquanto os filhos e netos gastam egoisticamente os bens e capitais desses mesmos pais e avós idosos! Os pais que dão de tudo para os filhos deviam sentir a discrepância de suas ações, quando dão pouca importância às privações suportadas por seus pais velhinhos. A primeira responsabilidade por tal cuidado deve ser arcada, como insiste Paulo, pela família da qual a **viúva** faz parte. Só quando este recurso for exaurido é que o sustento dessas viúvas se torna a responsabilidade da igreja.

O apóstolo reconhece que há diferenças qualitativas entre as pessoas na categoria das viúvas, diferenças que afetam a obrigação da igreja. **Ora, a que é verdadeiramente viúva e desamparada** (i.e., aquela completamente só no mundo; cf. NTLH), **espera em Deus e persevera de noite e de dia em rogos e orações** (5). O texto está descrevendo alguém que, não só por causa de sua viuvez desamparada, mas por causa de sua devoção consistente e genuína a Cristo e sua igreja, tem direito a toda consideração que a igreja puder lhe dar. Mas o apóstolo admite que nem todas as viúvas têm esse direito. Ele reconhece que, entre as viúvas da igreja, pode haver algumas que, longe de colocar a esperança em Cristo, são comodistas e pessoas de atitudes e conduta sensuais. Sobre tais pessoas o apóstolo observa: **Mas a que vive em deleites** (“prazeres libertinos”, NASB; cf. CH), **vivendo, está morta** (6). A implicação disso é que a igreja não tem obrigação de assumir o sustento da viúva que é apegada às coisas do mundo.

Estas são as diretrizes que Timóteo tem de seguir na determinação do programa de ação da igreja pertinente às obras assistenciais. **Manda** (“prescreve”, BJ, RA), **pois, estas coisas, para que elas sejam irrepreensíveis** (7). O pronome **elas** diz respeito obviamente às viúvas que são sustentadas pela igreja. É importante que o sustento da igreja seja reservado para as viúvas que verdadeiramente têm direito a isso.

Antes de encerrar o assunto da responsabilidade familiar, Paulo é forçado a adicionar uma observação calculada a estigmatizar todo aquele que negligenciar este dever fundamental. **Mas, se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel** (8). Não devemos deduzir que o apóstolo esteja equiparando essa conduta com a infidelidade, embora seja igualmente

repreensível. Ele está falando presumivelmente, “porque até os não-crentes, que não conhecem os mandamentos ou a lei de Cristo, reconhecem e dão grande importância às obrigações dos filhos para com os pais”.⁶

2. Deveres das Viúvas para com a Igreja (5.9-16)

Agora o apóstolo trata de outro aspecto da relação das viúvas com a igreja. Sobre esse assunto temos informação extremamente escassa: **Nunca seja inscrita viúva com menos de sessenta anos, e só a que tenha sido mulher de um só marido; tendo testemunho de boas obras, se criou os filhos, se exercitou hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se socorreu os aflitos, se praticou toda boa obra** (9,10). A expressão **seja inscrita** pode ser traduzida por “coloque na lista” (NTLH). É algo mais que um cadastro de viúvas, embora os estudiosos não estejam de acordo quanto a isso. Rolston está provavelmente certo quando diz: “Pelo visto, na ocasião em que Paulo escreveu, havia na igreja uma ordem mais ou menos organizada de viúvas mais velhas que serviam as pessoas em nome de Cristo e sua igreja, e que eram sustentadas, pelo menos em parte, pela igreja”.⁷

Examinando superficialmente, temos a impressão de que a ordem das viúvas que Paulo descreve era formada por diaconisas, ou no mínimo eram mulheres que faziam o trabalho de diaconisa. Segundo identificação de Wesley, estas viúvas eram “diaconisas que ajudavam as mulheres doentes ou os pregadores itinerantes”.⁸ Mas os intérpretes, em sua maioria, hesitam em ir tão longe assim. O ponto claro é que estas viúvas faziam parte de um grupo altamente seletivo. A idade mínima de **sessenta anos** garantiria a maturidade. A fim de ser qualificada para esta lista, a **viúva** deveria ter **sido mulher de um só marido**. Pode significar, como Wesley interpreta, “depois de ter vivido em casamento legal com uma ou mais pessoas sucessivamente”.⁹ No mínimo, significa que tal **viúva** tem de possuir um bom caráter moral. Em vista das exigências impostas nos bispos e diáconos, temos justificativa em identificar aqui um reflexo do preconceito do século I contra casar-se de novo, ainda que legitimamente, segundo nosso ponto de vista. Scott ressalta que “o sentimento antigo dava um crédito especial à viúva que não se casasse de novo”.¹⁰

Outra qualificação para a inclusão na lista das viúvas que serviam a igreja era a reputação de **boas obras** (10) de qualquer tipo. Entre estas **boas obras** incluíam-se a habilidade de cuidar e criar **filhos**; a disposição à hospitalidade, que era questão vital na vida da igreja primitiva, quando evangelistas, apóstolos, mensageiros e cristãos comuns estavam constantemente indo e vindo; a boa vontade de fazer qualquer tarefa, ainda que servil, como, por exemplo, lavar **os pés aos santos**; e o zelo de socorrer os **aflitos** de qualquer necessidade. Não há dúvida de que estas eram **obras** que faziam parte do cargo de diaconisa, e as viúvas que faziam parte da lista tinham de praticá-las diligentemente.

A seguir, o apóstolo justifica sua exigência de as viúvas da lista terem pelo menos 60 anos de idade: **Mas não admitas as viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se; tendo já a sua condenação** (“tornando-se condenáveis”, BAB, RA) **por haverem aniquilado a primeira fé** (11,12). Para serem incluídas na ordem das **viúvas**, a candidata tinha de se comprometer a não se casar outra vez, e o apóstolo percebia que **as viúvas mais novas** teriam muita dificuldade em

manterem-se fiéis a tal compromisso. O descumprimento deste quesito as colocaria sob **condenação**. Nesta tradução os versículos ficam bastante claros: “As viúvas mais jovens não podem ser aceitas na lista. Pois quando suas paixões as afastam de Cristo, elas desejam ardentemente casar-se e tornam-se condenáveis por quebrar a promessa de fidelidade feita a ele” (NEB).

Paulo dá mais uma razão para que somente as viúvas mais velhas sirvam a igreja neste ministério: **E, além disto, aprendem também a andar ociosas de casa em casa; e não só ociosas, mas também paroleiras e curiosas, falando o que não convém** (13). Este é o padrão usual de conduta. A maioria dos pastores experientes já teve de lidar, em um momento ou outro do ministério, com os resultados trágicos da fofoca e calúnia. Sejamos francos e admitamos que, às vezes, as viúvas mais velhas são tão culpadas deste tipo de conduta quanto as mais novas, e que tanto os homens como as mulheres podem se ocupar deste passatempo maldoso. Pelo visto, o apóstolo contava que as viúvas mais velhas tivessem aprendido por experiência e maturidade a loucura desse comportamento.

É nítido que Paulo está convencido de que o campo de serviço apropriado para as viúvas mais jovens não está nesta área sensível dos contatos sociais. Ele é muito franco ao dizer: **Quero, pois, que as que são moças se casem, gerem filhos, governem a casa e não dêem ocasião ao adversário de maldizer. Porque já algumas se desviaram, indo após Satanás** (14,15). Seja qual for o ideal que Paulo manteve com relação às viúvas se casarem de novo, o seu melhor parecer reconhece que o novo casamento, a manutenção de uma casa e a criação de filhos têm maior probabilidade de lhes satisfazer os desejos instintivos. A advertência concernente a **já algumas se desviaram, indo após Satanás** pode ter sido baseada em exemplos de viúvas menos etariamente maduras que assumiram compromissos que depois lastimaram e violaram. Talvez tenham sido experiências como estas que o propeliram a fixar a idade mínima de 60 anos para as viúvas empregadas pela igreja.

Esta passagem se encerra com o versículo 16: **Se algum crente ou alguma crente tem viúvas** (entre seus parentes), **socorra-as, e não se sobrecarregue a igreja, para que se possam sustentar as que deveras são viúvas**. Esta é recapitulação do argumento de Paulo exposto nos versículos 4 a 8, e enfatiza o fato adicional de que os recursos que a igreja tinha para as assistências sociais devem ser gastos somente em casos mais dignos e merecidos.

C. A HONRA DEVIDA AO PASTOR, 5.17-25

1. *Recompensa Adequada pelo Serviço Fiel* (5.17,18)

As palavras “anciãos” (1) e **presbíteros** (17; aqui quer dizer “pastores”, cf. BV) são tradução da mesma palavra grega; os significados, embora distintos, estão correlacionados. No versículo 1, significa os membros mais idosos da congregação; mas aqui diz respeito aos indivíduos separados para a obra do ministério: **Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina** (17). Há comentaristas que entendem que este versículo antecipa a distinção entre “pastores” **que governam** e “pastores que ensi-

nam”, que é a prática em certas igrejas reformadas. Mas isso é improvável, quando lembramos que Paulo já havia declarado especificamente que todo bispo (ou pastor) tem de ser “apto para ensinar” (3.2).

O apóstolo está estipulando a Timóteo que o pastor que combina a capacidade de líder da igreja com o serviço fiel e talentoso como pregador e professor deve receber **duplicada honra**. É difícil acreditar que signifique “pagamento em dobro” (NTLH; cf. BAB, BJ, RA). Lógico que incluiu o aspecto monetário, como as observações adicionais de Paulo deixam claro; mas junto do honorário deve ser incluída a **honra**. Ainda não havia chegado o dia em que os ministros da igreja seriam totalmente sustentados. O costume que então vigorava era que os líderes da igreja se sustentassem, da mesma maneira que o apóstolo o fazia. Na opinião de Paulo, o bom serviço merece reconhecimento e recompensa. Aquele cujo tempo era tomado quase todo pelo trabalho da igreja deveria receber maior compensação.

Paulo sustenta seu conselho com um argumento que lembra 1 Coríntios 9.9: **Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: Digno é o obreiro do seu salário** (18). A primeira destas passagens é um preceito do Antigo Testamento encontrado em Deuteronômio 15.4, e em sua situação original é uma ordenação humanitária. Mas em outro texto Paulo argumenta que tem um significado mais profundo: “Porventura, tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós?” (1 Co 9.9,10). O apóstolo também cita outra passagem para a qual dá importância igual: **Digno é o obreiro do seu salário**. Esta é declaração de nosso Senhor registrada em Lucas 10.7. O fato surpreendente é que os estudiosos do Novo Testamento não conseguem achar evidências para provar que o Evangelho de Lucas tinha acesso geral quando estas palavras foram escritas. Alguns expositores, claro, concluem imediatamente que as Epístolas Pastorais devem ter sido escritas muito depois que a data que lhes designamos. Mas o mais provável é que o Evangelho de Lucas fosse conhecido por Paulo e também por Timóteo. E. K. Simpson assume a posição, junto com B. B. Warfield, de que “temos aqui uma citação verbalmente exata do Evangelho de Lucas, tratada como porção integrante das Santas Escrituras”.¹¹ Nesta passagem, o apóstolo deixa clara sua opinião de que o serviço fiel e eficaz merece reconhecimento e remuneração adequada. É óbvio que a igreja começava a mudar rumando para um ministério assalariado.

2. *Disciplina Justa e Imparcial* (5.19-21)

Da remuneração adequada daqueles que servem bem a igreja, Paulo agora se dedica à questão de censurar os remissos. O versículo 19 é muito significativo: **Não aceites acusação contra presbítero** (aqui quer dizer “pastor”, cf. BV), **senão com duas ou três testemunhas**. Aqui é citado um dos princípios mais básicos da jurisprudência judaica: “Uma só testemunha contra ninguém se levantará por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for o pecado que pecasse; pela boca de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o negócio” (Dt 19.15). Nosso Senhor apela para este princípio legal em Mateus 18.16, e Paulo em 2 Coríntios 13.1. Se a igreja seguisse este princípio rigorosamente, nenhum membro ou ministro jamais se tornariam vítima de um indivíduo vingativo. Trata-se de um princípio que toda denominação responsável incorpora em seus procedimentos disciplinares.

O apóstolo vai mais a fundo no versículo 20: **Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor**. Se e quando a falta

for comprovada pela boca de duas ou três testemunhas independentes, o culpado tem de sofrer as consequências do seu pecado, por mais dolorosas e humilhantes que sejam. O pecado não pode ser abafado, mas deve ser exposto e reprovado “em público” (NVI; cf. CH, NTLH). Na ótica de Paulo, tal procedimento ressaltaria o fato de que ninguém, nem mesmo o ministro da igreja, pode pecar impunemente.

Há uma nota extraordinariamente solene no versículo 21: **Conjuro-te, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos** (“escolhidos”, NASB; “santos”, BV, CH, NTLH), **que, sem prevenção, guardes estas coisas, nada fazendo por parcialidade**. O tom desta passagem dá a entender que no passado houvera escândalos por causa de tratamento preferencial aos infratores, e com esta determinação o apóstolo eliminaria definitivamente tamanha injustiça. Moffatt traduz assim o trecho final do versículo: “Não sejas preconceituoso na execução destas ordens; sê absolutamente imparcial” (cf. BJ, CH, NTLH, NVI). E. F. Scott comenta: “A exortação é dupla: ‘Não pré-julgar um caso, aceitando acusações duvidosas, porque você não gosta do indivíduo; e não ser brando em qualquer base pessoal, quando o caso for comprovado’”.¹²

3. Não Tenha Pressa nas Ordenações (5.22-25)

A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem participes dos pecados alheios (22). É quase certo que esta deliberação do apóstolo se refere à imposição de **mãos** no ritual da ordenação ao ministério cristão. Há excelentes razões para o candidato ser provado ao longo de um período de anos até que sua aptidão ao cargo de pastor se torne devidamente perceptível. Mesmo quando a igreja toma as mais rigorosas precauções, há na maioria das vezes erros administrativos neste ponto. A demora nesses assuntos pode ser cansativa e frustrante para o candidato, mas é importante. O ministro que trai a confiança e cai em pecado traz repreensão sobre si e sobre a igreja, cuja confiança ele traiu. Paulo chega a ponto de dizer que, de certo modo, os que impuseram as **mãos** no homem que se comprovou indigno do cargo, tornam-se participantes **dos pecados** de outras pessoas. Lógico que isto não acarreta culpabilidade, mas pode causar-lhes sofrimento e aflição. Paulo deixa a determinação muito clara com a ordem concisa: **Conserva-te a ti mesmo puro** (22). A respeito disso, Rolston observa que “o ministro tem de ter muito cuidado para não transigir com a justiça ao aprovar homens que não são dignos de confiança”.¹³

O apóstolo interrompe a linha de pensamento injetando conselhos puramente pessoais: **Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago** (“da tua digestão”, NEB) **e das tuas freqüentes enfermidades** (23). Este é reconhecidamente um versículo difícil de interpretar por causa de nossa atual ênfase cristã na abstinência total. Não há leitor atencioso da Bíblia que não deixe de notar que a atitude para com o uso do **vinho** no Novo e no Antigo Testamento difere distintamente da crença cristã hodierna. D. Miall Edwards mostra que “a questão da bebida é mais complexa e crítica atualmente do que nos tempos bíblicos, e que as condições do mundo moderno deram origem a problemas que não estavam no horizonte dos escritores do Novo Testamento”.¹⁴ Ainda que a prática da abstinência não seja estipulada formalmente no Novo Testamento, há vastos princípios de responsabilidade cristã que, em virtude das condições modernas, exigem a abstenção de todas as bebidas alcoólicas (cf. Rm 14.13-21; 1 Co 8.13). Como comenta Barclay, o conselho de Paulo a Timóteo meramente “aprova o uso de vinho em situações em que o vinho pode ser medicinalmente útil”.¹⁵

Tendo aconselhado Timóteo, Paulo retorna ao assunto geral sob análise: **Os pecados de alguns homens são manifestos... e em alguns manifestam-se depois** (24). O significado é que **os pecados de alguns homens** são tão públicos e óbvios que ninguém sonharia em promovê-los a cargo de pastor na igreja; ao passo que, com outros homens, os pecados são tão secretos e sutis, que só quando os conhecemos de perto e pessoalmente é que descobrimos as desqualificações ocultas ao cargo. Em todo caso, Timóteo é aconselhado a agir com muita cautela quando se tratar de aprovar **homens** para lugares de liderança na igreja.

No versículo 25, o apóstolo trata do oposto do versículo 24: **Assim mesmo também as boas obras são manifestas, e as que são doutra maneira não podem ocultar-se**. Phillips esclarece o texto confuso deste versículo assim: “De maneira semelhante, algumas virtudes são fáceis de ver, ao passo que outras, embora de modo algum visíveis, no fim se tornarão conhecidas” (CH). Os pecados e as virtudes ocultas acabarão aparecendo visivelmente. Estes fatos dão impressividade ao conselho do apóstolo de Timóteo ser extremamente cauteloso e prudente no importante assunto de selecionar líderes.

SEÇÃO VIII

INSTRUÇÕES DIVERSAS

1 Timóteo 6.1-19

A. ESCRAVOS CRISTÃOS E SENHORES CRISTÃOS, 6.1,2

1. *Padrão de Conduta* (6.1)

A instituição escravagista era uma das maldições do mundo antigo. Alguém disse que os escravos carregavam o império romano nas costas. Quando a igreja cristã invadiu o mundo do século I era inevitável que o fato da escravidão suscitasse uma multidão de problemas. Entre os que acolheram com alegria a mensagem do evangelho, e impetuosamente adotaram a nova crença estavam muitos que se achavam nos grilhões da servidão involuntária. Com o passar do tempo, muitos senhores de escravos aceitaram a fé, apresentando a situação em que senhor e escravo, embora distantes em âmbitos econômicos e sociais, agora eram irmãos em Cristo na comunhão da igreja. As epístolas de Paulo tratam deste problema e esboçam padrões de conduta para orientar senhores e escravos. O primeiro versículo deste capítulo é um resumo perfeito do padrão de conduta detalhado em outros textos paulinos: **Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de toda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados** (1). C. K. Barrett sugere que Paulo tinha em mente os membros da igreja que eram escravos e também os pastores que eram escravos.¹ Sendo assim, a linguagem do apóstolo dá a entender que esta passagem é mais uma especificação sobre o assunto geral do pastorado.

Era impossível a igreja cristã atacar abertamente e de modo eficaz a instituição escravagista. Mas indiretamente, a igreja anunciou sinistramente o fim desta institui-

ção quando enfatizou a dignidade do homem e o valor supremo da individualidade. Enquanto isso, o conselho de Paulo é que os **senhores**, mesmo os pagãos, devem ser considerados “dignos de todo respeito” (BAB, BJ; cf. NVI).

2. Os Membros da Igreja (6.2)

Este versículo trata expressamente da situação em que **senhores** e escravos eram membros da mesma igreja cristã: **E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados** (2). A expressão **porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados** significa “pois com isso estão beneficiando aqueles que possuem a mesma fé e amor que eles próprios têm” (CH). Seria cruel tentação os escravos cristãos tirarem vantagem dos senhores cristãos, por serem irmãos em Cristo e estarem em base de igualdade diante de Deus. Deve ter havido a necessidade de grau surpreendente de paciência de ambas as partes para que esta relação desse certo. A menção freqüente de Paulo ao assunto sugere que era um problema melindroso e presente em todos os lugares durante o primeiro século da igreja. A exortação final: **Isto ensina e exorta** mostra a sensibilidade do assunto.

B. CONSEQÜÊNCIAS DO ENSINO FALHO, 6.3-5

Nestes versículos, o apóstolo retorna à sua polêmica contra os culpados de corromper a fé na igreja efésia: **Se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas** (3,4). Esta é acusação tirânica e quase amarga contra os indivíduos descritos no capítulo 1, os quais estavam se desviando da posição cristã. Novidades doutrinárias são afastamentos do ensino sadio que a igreja herdou do seu Senhor — ensino que por si leva à graça transformadora de Deus. A caracterização que Paulo faz de tais apóstatas da fé é, para dizer o mínimo, pitoresca. As opções tradutórias de **soberbo e nada sabe** (4) são várias: “prepotente e nada entende” (BAB); “cego, nada entende” (BJ); “tanto é orgulhoso como tolo” (BV); “tolo convencido” (CH); “ignorante presunçoso” (NEB); “orgulhoso e nada entende” (NVI); “ênfatuado, nada entende” (RA); “pessoa inchada de orgulho” (J. N. D. Kelly; cf. NTLH). Isto está tão perto de ser uma crítica violenta como jamais o apóstolo se aproximou.

Paulo passa a mostrar que de tais ensinos e atitudes **nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho. Aparta-te dos tais** (4,5). Atitudes como estas denunciadas aqui pelo apóstolo podem gerar uma progênie má, como “ciúmes, brigas, difamações, suspeitas malignas e discussões sem fim” (NEB; cf. NVI, NTLH). Estas coisas destroem a unidade e comunhão da igreja, entristecendo o Espírito Santo e aniquilando a eficácia do evangelho. “Esta é acusação triste, copiosamente exemplificada (meu Deus!) nos anais da igreja visível, recordando o ditado mordaz de que ‘a sucessão apostólica de Judas nunca falha’”.²

As palavras **cuidando que a piedade seja causa de ganho** (5) dão a entender que estes traidores da fé contavam em obter lucro monetário com os falsos ensinamentos. Parry desdobra essa ofensa em três itens: “Subentende-se: 1) que estes mestres confessavam ensinar o evangelho, 2) que, baseado nessa premissa, eles exigiam pagamento pelo trabalho, e 3) que o pensamento de ganhar dinheiro tinha primazia em seus motivos”.³

Este era o único procedimento que Timóteo tinha de implementar contra essa invasão de erro na igreja: **Aparta-te dos tais** (5). Não devemos tolerar semelhante infidelidade a Cristo. Este é um espírito com o qual não devemos argumentar ou tentar persuadir. Paulo aconselha ação categórica contra todos os que têm este temperamento profano.

C. OS PERIGOS DAS RIQUEZAS, 6.6-10

1. O Verdadeiro Ganho da Piedade (6.6-8)

Ao expor os falsos mestres, que não só corromperam a fé cristã, mas estipularam um preço para suas deturpações, o apóstolo é inspirado a dar uma palavra de sabedoria infinita: **Mas é grande ganho a piedade com contentamento** (6). A fé cristã é altamente rentável para quem a aceita com humildade e por inteiro e descobre para si a satisfação infinita que é viver para Cristo. Servir a Deus e aceitar alegremente tudo que ele enviar é a vida mais feliz que podemos imaginar. O **contentamento** não vem quando todos os nossos desejos e caprichos são satisfeitos, mas quando restringimos nossos desejos às coisas essenciais. Não há verdade que fale mais diretamente com a condição de nossa geração empanturrada do que esta. Quando perguntaram a Epicuro o segredo do contentamento, ele respondeu: “Não acrescente nada às posses de um homem, mas leve-o para longe do que ele deseja”. O próprio Paulo confirmou este segredo quando disse: “Já aprendi a contentar-me com o que tenho” (Fp 4.11). A palavra grega traduzida por **contentamento** denota esta independência das circunstâncias, que é exatamente o que o apóstolo atesta com sua vida.

O versículo 7 é uma declaração bem conhecida, que ocorre em outras passagens bíblicas (Jó 1.21; Ec 5.15) e na literatura antiga: **Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele**. Barrett comenta com propriedade que “a nudez final da morte mostra e sublinha a nudez inicial do nascimento”.⁴ Entre estes dois pontos da história, podemos juntar muito ou pouco, mas na hora final teremos de deixar tudo. Podemos levar para a eternidade somente os valores inerentes ao nosso espírito, e só estes constarão na coluna *crédito* do livro-razão no dia de nossa prestação de contas final.

O apóstolo agora indica a que ponto tem de ir nosso “despojamento” para prestarmos serviço total a Cristo: **Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes** (8). João Wesley, no sermão “O Perigo das Riquezas”, faz a pergunta: “O que é ser rico?” e responde: “Tendo [...] sustento e com que nos cobrirmos” (lit., *coberturas*; a palavra grega diz respeito a alojamento e roupa) ‘estejamos com isso contentes’. ‘Mas os que querem ser ricos’ [...] [significa aqueles] que terão mais que isso; mais alimentos e *coberturas*. A conclusão óbvia é que tudo que for mais que estes, que, no sentido do apóstolo, são *riquezas*; tudo que estiver acima das coisas necessárias mínimas, ou no máximo das conveniências, para a subsistência da vida. Quem tem suficiente

comida para comer e roupa para vestir, com um lugar onde pôr a cabeça e com algo para pôr acima [teto] é rico”.⁵ Este é um padrão rigoroso, e por ele muitos de nós seríamos considerados ricos. Claro que a vida é infinitamente mais complexa hoje do que no século XVIII, e a prudência sensata requer que tenhamos uma visão um pouco mais ampla. Mesmo assim, temos de vigiar para não tornar o ganho financeiro a preocupação suprema da vida. Nunca devemos perder de perspectiva o aviso de nosso Senhor contra a “sedução das riquezas” (Mt 13.22).

2. O Perigo da Ganância (6.9,10)

Nestes versículos, o apóstolo aprofunda sua exortação: **Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências** (“desejos”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI) **loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína** (9). É verdade que nada ataca o homem com maior impetuosidade que o desejo de ganho financeiro, assim que der lugar em sua alma para este demônio da ganância. Os homens são ludibriados para pontos cada vez mais distantes dos princípios da honestidade e honra pelo prospecto de lucros fáceis. Quantos na vida pública se acham impotentes em resistir à tentação de obter vantagens ilícitas em fragorosa violação de escrúpulos outrora honrados! Paulo não exagerou os perigos que aguardam os que trilham esse caminho, quando disse que os tais afundarão num pântano de iniquidade, acabando em ruína total.

O versículo 10 é igualmente mordaz na apresentação desta verdade: **Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores**. O apóstolo quer dizer que o amor do dinheiro é a raiz de males de todos os tipos. É lógico que nem **toda espécie de males** tem sua origem no **amor do dinheiro**. Não obstante, temos razão em afirmar que o **amor do dinheiro** é uma das fontes mais prolíficas do mal. Paulo não foi o primeiro a sentenciar o **amor do dinheiro**; este conceito ressoava em grande parte da literatura ética judaica e gentia do século I. Mas a exortação do apóstolo elucida a ameaça especial à fé cristã. Sua análise relembra a advertência de Jesus: “Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lc 16.13).

D. METAS E RECOMPENSAS DA VIDA PIEDOSA, 6.11-16

1. Fuja e Siga (6.11)

Depois de pintar em cores tão sombrias os males do desejo de lucro, o apóstolo volta a lidar com o bem-estar espiritual de Timóteo: **Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, BJ, CH, NTLH, RA), **a paciência, a mansidão**. Paulo não poderia ter feito apelo mais eloquente que este no qual ele distingue Timóteo como **homem de Deus**. Esta era a descrição habitual dos servos de Deus no Antigo Testamento. Ao usar esse título, o apóstolo fala da dignidade, da responsabilidade sublime e solene do cargo que Timóteo mantinha e que é mantido igualmente por todo líder cristão. A determinação de Paulo é: **Foge destas coisas**. O significado não é fugir somente da sedução das riquezas, mas de todas as atitudes más que foram expressas desde o capítulo 4. Há uma antítese interessante na ordem de fugir **destas coisas** e, de outro lado, seguir as virtudes particularmente desig-

nadas. É uma lista notável de virtudes que Paulo quer infundir. A lista começa com **justiça**, a mais inclusiva das virtudes; significa dar a Deus e aos homens o que lhes é devido. As três virtudes seguintes formam um grupo dirigido a Deus. **Piedade** é a consciência reverente que tudo na vida é vivido na presença e sob os olhos de Deus. **Fé** é a fidelidade que nos mantém firmes, mostrando lealdade a Deus em todas as situações. Amor (*agape*) é a expressão de gratidão e louvor de nossa alma pela maravilha da graça redentora. Por fim, Paulo infunde **paciência** e **mansidão**, que podem ser traduzidas por “firmeza” (CH; “constância”, BAB, RA; “perseverança”, NVI); e “bondade” (RSV). Estas são as características da vida cristã conforme é vivida em contato e companheirismo com as pessoas. O contraste entre estas virtudes e os males que Paulo denuncia não podia ser mais impressionante.

2. *Milite a Boa Milícia* (6.12)

Este versículo nos traz a imagem mental de um treinador instilando coragem e espírito de luta em seu time pouco antes do início de um jogo decisivo: **Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas** (12). A figura de linguagem que o apóstolo usa é derivada mais das competições esportivas do século I do que da vida militar. Devemos entender que o verbo **milita** é a luta agonizante requerida caso a pessoa quisesse vencer uma partida de luta romana. Paulo se servia de analogias visuais, tanto da vida do soldado quanto da do atleta. Todo cristão é chamado a batalhar a luta pessoal contra o mal em todas as suas formas. E, como destaca Kelly, “é de propósito que o imperativo está no presente, indicando que a luta é um processo contínuo. Por outro lado”, continua Kelly, “o imperativo aoristo ‘toma posse’ sugere que Timóteo pode tomar posse da vida eterna (aqui concebida como o prêmio para o evento esportivo) imediatamente e em um único ato”.⁶ Assim, o atleta cristão desfruta do prêmio ao mesmo tempo em que ainda se engaja na competição.

Paulo diz que Timóteo foi **chamado** para esta campanha vitalícia. Na verdade, ele possuía um **chamado** duplo: o **chamado** para seguir a Cristo, que foi selado na confissão pública de fé no batismo; e o **chamado** para pregar o evangelho, a cuja tarefa ele fora ordenado pelo próprio apóstolo e colegas que o ajudavam. Muitos intérpretes acham difícil determinar a qual destes chamados se refere a frase final do versículo. Esta tradução interpreta que o **chamado** ocorreu “quando você deu o seu belo testemunho de fé na presença de muitas testemunhas” (12, NTLH). Contudo, seria mais adequado considerar que essa frase final é outra alusão que o apóstolo faz à ordenação que ele frequentemente menciona (e.g., 4.14).

3. *Incumbência Sagrada* (6.13-16)

Estes versículos estão investidos de alto grau de solenidade: **Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão, que guardes este mandamento** (“seu chamado”, CH; “sua missão”, NTLH) **sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo** (13,14). Paulo deseja estampar na mente e consciência de Timóteo a importância de ser fiel à responsabilidade impressionante que está sobre ele na função de homem de Deus e líder de sua santa igreja. Temos de considerar esta obrigação

inviolável, na expectativa momentânea da volta de Cristo para julgar e recompensar. O apóstolo sempre se prendia ferrenhamente à esperança de que ele estaria vivo naquele glorioso Dia do Senhor. Mas aqui, diante de Timóteo, sua esperança é que o mais jovem possa estar vivo na ocasião para testemunhar essa consumação maravilhosa. Paulo nunca vacilou em sua certeza do retorno de Cristo; só a esperança de estar vivo no momento daquele evento é que lhe parece improvável agora. Mas bem que Timóteo poderia testemunhar a vinda daquele Dia. A ele, o apóstolo diz: “Eu o encargo de viver e trabalhar sempre mantendo nitidamente em vista aquele Dia”.

Há solenidade na ordem do apóstolo, quando ele ressalta que todos os trabalhos e serviços de Timóteo são feitos sob os olhos de **Deus**, “que dá vida a todas as coisas” (13, CH; cf. BJ), e de **Cristo**, que não titubeou em sua confissão quando estava na presença de **Pilatos**. A consciência de que os olhos de Deus estão nele e a inspiração do exemplo corajoso do Senhor na hora da suprema prova dariam força ao coração e mãos do jovem. Há certo tom litúrgico nestes versículos. O apelo de Paulo à **boa confissão** que **Cristo** testemunhou **diante de Pôncio Pilatos** parece muito semelhante a uma frase no Credo Apostólico: “Sofreu diante de Pôncio Pilatos”. Esta linguagem estabelece o tom apropriado para a doxologia que se segue imediatamente.

A doxologia abrange os versículos 15 e 16: **A qual, a seu tempo, mostrará o bem-aventurado e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; aquele que tem, ele só, a imortalidade e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver; ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém.** A primeira frase do versículo 15, **a qual, a seu tempo**, refere-se obviamente à **aparição de nosso Senhor Jesus Cristo** do versículo 14. “Essa aparição Deus mostrará no devido tempo, que só Deus, na bem-aventurança eterna, domina” (NEB). Nosso Senhor declarou que estes grandiosos acontecimentos que se darão na consumação final são intercalados pelo próprio poder do Pai (At 1.7). E é onde têm de ficar.

Scott disse que esta doxologia é “mais semelhante aos hinos de louvor do Apocalipse do que às doxologias de Paulo. A sugestão pouco improvável é que se trata de um hino cristão moldado na liturgia da sinagoga”.⁷ Mas seja qual for a origem, é indiscutivelmente magnífica. **Rei dos reis e Senhor dos senhores** (15) pode ser um ataque sutil ao ato de cultuar o imperador, prática que fazia parte do paganismo crescente que a igreja foi forçada a resistir. **Aquele que tem, ele só, a imortalidade** (16) “não a nega a outrem, mas apresenta a singularidade da imortalidade divina no ponto em que só Deus a possui inerentemente, sendo ele mesmo a fonte de toda vida”.⁸ Esta é afirmação clara de sua transcendência e invisibilidade eterna — “aquele que vive em luz inatingível” (CH). Quando nos colocamos na presença de Deus, que palavras proferir? Paulo conclui este peão de louvor com a atribuição de **honra e poder**, em lugar do mais habitual “honra e glória” (cf. 1.17).

E. A ADMINISTRAÇÃO ADEQUADA DAS RIQUEZAS, 6.17-19

1. O Perigo das Riquezas (6.17)

À primeira vista, estes versículos parecem uma queda súbita da sublimidade à trivialidade. Logo após a magnífica doxologia de Paulo, ele imediatamente se volta a problemas práticos e mundanos: **Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos,**

nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos (17). Esta descida abrupta do tom apostólico, esta intrusão aparente de coisas terrenas, não é absolutamente intrusão. Na verdade, a intrusão são os versículos 11 a 16. No versículo 10, Paulo estava falando das riquezas mundanas e seus perigos potenciais. Mas nos versículos 11 a 16 ele divaga de modo totalmente paulino — e que esplêndida divagação! Agora, no versículo 17, ele retoma o tema que os parênteses inspirados tinham posto de lado.

Quando tratou este assunto pouco antes neste capítulo, o apóstolo tinha em mente as pessoas que almejavam riquezas. Aqui ele se dirige aos que já são **ricos**. Esta é revelação interessante sobre a situação econômica de pelo menos alguns membros da igreja em Éfeso. Nem todos os cristãos primitivos eram escravos e artesãos humildes. Havia homens de posse e boa situação financeira entre eles — e há perigo no aumento das **riquezas**. A sobriedade, empenho e prudência que o evangelho introduz na vida do crente têm de conduzir inevitavelmente ao aumento da prosperidade; e a prosperidade pode arruinar a fé cristã que é a base dessas novas disciplinas. Assim, as **riquezas** tornam-se inimiga da alma. E, como Paulo vê claramente, o principal perigo são os homens ficarem **altivos** (“arrogantes”, NVI; “orgulhosos”, BAB, BJ, NTLH, RA). Há algo relacionado às **riquezas** que promove um falso senso de segurança; é difícil ter muitas **riquezas** sem deixar de confiar nelas em certa medida. Paulo mostra discernimento ao se referir às **riquezas**, chamando-as **incerteza das riquezas** (ou “instabilidade da riqueza”, BAB, BJ, RA).

Outra razão para evitarmos o orgulho relacionado às **riquezas** é que **Deus... nos dá todas as coisas para delas gozarmos** (17). Tudo é de Deus, tanto as **riquezas** quanto a capacidade de adquiri-las. Na realidade, tudo que o homem desfruta das satisfações da vida, sejam quais forem as formas em que se apresentem, vem da generosidade de Deus.

2. A Verdadeira Mordomia das Riquezas (6.18,19)

Que façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente e sejam comunicáveis (“generosos em dar e prontos a repartir”, AEC, RA; cf. BAB); **que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna** (18,19). Esta é a orientação cristã sobre o uso adequado das riquezas. Lembramos o conselho triplo de João Wesley dado aos metodistas que estavam prosperando: “Ganhem tudo que puderem, economizem tudo que puderem e dêem tudo que puderem”.⁹ O dinheiro nunca compra a salvação; mas o uso adequado e cristão do dinheiro contribui para a formação do caráter cristão e nos capacita a agarrar a vida eterna com mais firmeza. Phillips traduz o versículo 19 claramente: “A segurança deles deve ser investida na vida vindoura, a fim de se certificarem de que terão parte na vida que é real e permanente” (CH).

SEÇÃO IX

APELO FINAL DE PAULO

1 Timóteo 6.20,21

Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência; a qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém! (20,21). Nestas palavras, o apóstolo resume a grande preocupação que o levou a escrever esta carta, e dá ao jovem sua exortação final. Kelly afirma que “o tom fortemente pessoal é sinal de que, como de hábito, Paulo acrescentou estas linhas finais de próprio punho”.¹

O apóstolo fala sobre o **depósito** que fora **confiado** a Timóteo, usando “um termo legal que conota algo que é entregue à guarda de outra pessoa”.² É lógico que Paulo está se referindo à fé cristã, o “modelo das sãs palavras” (2 Tm 1.13), que Timóteo recebera do seu pai em Deus, o apóstolo. Timóteo é exortado a “fingir-se de surdo às conversas vazias e mundanas e às idéias contraditórias do assim chamado ‘conhecimento’” (NEB; cf. NTLH, NVI). Em nossos dias, o termo **ciência** assumiu significado altamente especializado que torna seu uso no contexto exortativo de Paulo altamente enganoso. O apóstolo se refere aos falsos ensinamentos que ele denuncia ao longo da carta. Concernente a estas “contradições do que é falsamente chamado ‘Conhecimento’” (Moffatt), Scott diz que “aqui, temos, talvez, a indicação mais clara nas epístolas de que o falso ensino era um tipo de gnosticismo. Seus representantes reivindicavam possuir uma ‘gnose’ ou conhecimento superior, embora, na opinião do escritor, eles estavam fazendo mal-uso de uma importante palavra”.³ As pessoas que sustentavam estes pontos de vista “tinham errado o alvo no que tange à fé” (21, tradução de Kelly).

A carta termina com uma palavra de bênção: **A graça seja contigo. Amém!** (21). O pronome grego traduzido por **contigo** está no plural; portanto, a tradução correta é: “A graça seja convosco” (AEC, BAB, RA; cf. BJ, CH, NVI). Ainda que a carta do apóstolo fosse endereçada a Timóteo, é claro que ele tinha em mente toda a igreja efésia quando escreveu a bênção de despedida.

Notas

A PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

INTRODUÇÃO

- ¹Donald Guthrie, *New Testament Introduction: The Pauline Epistles* (Chicago: InterVarsity Press, 1961), p. 198.
- ²Alfred Plummer, "The Pastoral Epistles", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1898), p. 5.
- ³Guthrie, *op. cit.*, p. 202.
- ⁴*Ib.*, p. 203.
- ⁵W. J. Lowstuter, "The Pastoral Epistles: First and Second Timothy and Titus", *The Abingdon Bible Commentary*, editado por F. C. Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 1.275.
- ⁶Edwin Hatch, *The Organization of the Early Christian Churches* (Londres: Longmans, Green & Company, 1901), p. 63.
- ⁷Plummer, *op. cit.*, p. 33.
- ⁸Citado por Plummer, *op. cit.*, p. 34.
- ⁹N. J. D. White, "Introduction to the Pastoral Epistles", *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), p. 59.
- ¹⁰J. N. D. Kelly, "A Commentary on the Pastoral Epistles", *Harper's New Testament Commentaries*, editado por Henry Chadwick (Nova York: Harper & Row, 1963), pp. 25ss.

SEÇÃO I

- ¹John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, 1950), p. 771.
- ²Fred D. Gealy, "The First Epistle to Timothy" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. XI (Nova York: Abingdon Press, 1955), p. 376.
- ³White, *op. cit.*, vol. IV, p. 90.
- ⁴Plummer, *op. cit.*, pp. 21, 22.
- ⁵Wesley, *op. cit.*, p. 771.

SEÇÃO II

- ¹Plummer, *op. cit.*, p. 54.
- ²John Whitehead, *Lives of John and Charles Wesley* (Nova York: R. Worthington, 1881), p. 222.
- ³Wesley, *op. cit.*, p. 774.
- ⁴J. H. Jowett, *The Preacher: His Life and Work* (Nova York: Harper & Brothers, 1912), grifos meus.

SEÇÃO III

- ¹E. K. Simpson, *The Pastoral Epistles* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954), p. 40.

²G. Campbell Morgan, *The Answers of Jesus to Job* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1935), cap. II.

³D. M. Baillie, *God Was in Christ* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1948), p. 188.

⁴C. H. Dodd, *The Apostolic Preaching and Its Developments* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), p. 7.

⁵Kelly, *op. cit.*, p. 65.

⁶Plummer, *op. cit.*, pp. 98, 99.

⁷Donald Guthrie, "The Pastoral Epistles", *The Tyndale New Testament Commentaries*, editado por R. V. G. Tasker (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957). p. 75.

⁸Kelly, *op. cit.*, p. 69.

SEÇÃO IV

¹Kelly, *op. cit.*, p. 75.

²E. F. Scott, "The Pastoral Epistles", *The Moffatt New Testament Commentary* (Londres: Hodder & Stoughton, 1936), p. 31.

³Kelly, *op. cit.*, p. 77.

⁴Simpson, *op. cit.*, p. 52.

⁵Barret, *op. cit.*, p. 60.

⁶B. S. Easton, *The Pastoral Epistles* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1947), p. 132.

⁷Kelly, *op. cit.*, p. 81.

⁸Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 84.

⁹Simpson, *op. cit.*, p. 57.

SEÇÃO V

¹Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 89.

²Barrett, *op. cit.*, p. 66.

SEÇÃO VI

¹Guthrie, "The Pastoral Epistles", pp. 91, 92.

²Kelly, *op. cit.*, p. 95.

³Kelly, *op. cit.*, p. 68.

⁴Barrett, *op. cit.*, p. 70.

⁵Simpson, *op. cit.*, p. 70.

⁶N. J. D. White, "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus", *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), p. 126.

⁷Kelly, *op. cit.*, p. 105.

SEÇÃO VII

¹Scott, *op. cit.*, p. 55.

²*Ib.*, p. 56.

- ³Holmes Rolston, "1—2 Thessalonians, 1—2 Timothy, Titus, Philemon", *The Layman's Bible Commentary*, editado por B. H. Kelly *et al.*, vol. 23 (Richmond: John Knox Press, 1963), p. 86.
- ⁴R. St. John Parry, *The Pastoral Epistles* (Londres: Cambridge University Press, 1920), p. 29.
- ⁵Wesley, *op. cit.*, p. 780.
- ⁶Kelly, *op. cit.*, p. 115.
- ⁷Rolston, *op. cit.*, p. 87.
- ⁸Wesley, *op. cit.*, p. 781.
- ⁹*Ib.*
- ¹⁰Scott, *op. cit.*, p. 60.
- ¹¹Simpson, *op. cit.*, p. 78.
- ¹²Scott, *op. cit.*, p. 66.
- ¹³Rolston, *op. cit.*, p. 89.
- ¹⁴D. Miall Edwards, "Drunkenness", *International Standard Bible Encyclopaedia*, editado por James Orr *et al.*, vol. II (Chicago: The Howard-Severance Company, 1925), p. 881.
- ¹⁵William Barclay, "The Letters to Timothy, Titus, Philemon", *The Daily Study Bible* (Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1956), p. 139.

SEÇÃO VIII

- ¹Barrett, *op. cit.*, p. 82.
- ²Simpson, *op. cit.*, p. 84.
- ³Parry, *op. cit.*, p. 39.
- ⁴Barrett, *op. cit.*, p. 84.
- ⁵Wesley, *Works*, vol. VII, p. 3.
- ⁶Kelly, *op. cit.*, p. 141.
- ⁷Scott, *op. cit.*, p. 79.
- ⁸Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 117.
- ⁹Wesley, Sermão sobre "The Use of Money" (O Uso do Dinheiro), *Works*, vol. VI, pp. 124ss.

SEÇÃO IX

- ¹Kelly, *op. cit.*, p. 150.
- ²*Ib.*
- ³Scott, *op. cit.*, p. 83.

Esboço

A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

I. SAUDAÇÃO, 1.1,2

- A. O Escritor, 1.1
- B. O Destinatário, 1.2

II. TRIBUTO À ANTIGA FÉ DE TIMÓTEO, 1.3-5

- A. A Preocupação pelo Bem-Estar de Timóteo, 1.3,4
- B. A Herança de Timóteo, 1.5

III. PAULO ANIMA TIMÓTEO, 1.6-14

- A. Desperte o Dom de Deus que Existe em Você, 1.6,7
- B. Seja Destemido em Seu Trabalho, 1.8-10
- C. A Própria Designação de Paulo, 1.11,12
- D. A Importância do Ensino Sadio, 1.13,14

IV. LEALDADE E INFIDELIDADE, 1.15-18

- A. Falsos Amigos, 1.15
- B. Um Verdadeiro Amigo, 1.16-18

V. PAULO ACONSELHA TIMÓTEO, 2.1-26

- A. Seja Inflexível no Zelo pela Verdade, 2.1,2
- B. Seja Bom Soldado de Jesus Cristo, 2.3,4
- C. Recompensas Geradas pela Fidelidade, 2.5-7
- D. Pela Morte para a Vida, 2.8-13
- E. Como Lidar com os Falsos Mestres, 2.14-19
- F. Ensine a Verdade em Amor e Paciência, 2.20-26

VI. VIRÃO TEMPOS PERIGOSOS, 3.1-9

- A. Marcas de Degradação Moral Iminente, 3.1-5
- B. Até Hoje estas Condições se Mantêm, 3.6-9

VII. LEMBRE-SE DO MEU EXEMPLO, 3.10-15

- A. Os Sofrimentos de Paulo pela Causa de Cristo, 3.10,11
- B. A Firmeza é Essencial, 3.12-15

VIII. A INSPIRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS, 3.16,17

IX. AS DETERMINAÇÕES FINAIS DE PAULO, 4.1-18

- A. Pregue a Palavra, 4.1-5
- B. O Discurso de Despedida do Apóstolo, 4.6-8
- C. Pedidos Pessoais, 4.9-13
- D. Conselho Particular, 4.14,15
- E. Paulo se Alegra com a Fidelidade de Deus, 4.16-18

X. SAUDAÇÕES FINAIS E BÊNÇÃO, 4.19-22

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

2 Timóteo 1.1,2

Notamos diferença marcante quando passamos de 1 Timóteo para 2 Timóteo. A situação de Paulo mudou claramente para pior. Ele não é mais um homem livre fazendo planos para o futuro, com a mente repleta de altas expectativas. Agora ele é prisioneiro sem esperança humana. Não há prospecto de absolvição final, senão a resignação à pena de morte inevitável. Contudo, não há diferença no poder de recuperação espiritual do apóstolo, pois seu espírito indomável se eleva acima do que teria sido humor desesperadamente tenebroso. A fé de Paulo está sob a maior prova e mostra-se totalmente adequada. Há implicações emocionais que podem ser claramente detectadas, implicações que sua situação trágica não podia deixar de produzir. A carta é uma mensagem de adeus de alguém que sabe que a morte está muito próxima.

A. O ESCRITOR, 1.1

Paulo ainda é um homem engajado numa missão divinamente designada. Seu corpo está em cadeias, e a liberdade de movimento não lhe pertence mais, porém ele ainda é apóstolo de Cristo: **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus** (1). A expressão **pela vontade de Deus** tem autêntico tom paulino, pois é assim que ele descreve o seu chamado em 2 Coríntios, Efésios e Colossenses. A frase **segundo a promessa da vida que está em**

Cristo Jesus é digna de nota por duas razões. Paulo sente-se portador de uma mensagem vivificadora, cuja significação de modo algum é depreciada pelo fato de seu portador designado estar sob sentença de morte. Temos aqui um paradoxo que só os remidos entendem. A mensagem é significativa, porque traz a inconfundível assinatura paulina na expressão **que está em Cristo Jesus**. O princípio básico do misticismo de Paulo encontra-se no conceito “em Cristo”, e esta é uma ressonância óbvia desse conceito nas Epístolas Pastorais. Esforços valorosos têm sido feitos para provar que há um significado totalmente diferente aqui do que a expressão transmite nas outras cartas paulinas, mas foram todos inúteis. De acordo com Kelly, tais teorias não recebem “apoio de uma passagem como esta, em que o senso místico ‘em união com Cristo’ seja completamente adequado e as alternativas propostas são forçadas e antinaturais”.¹

B. O DESTINATÁRIO, 1.2

A Timóteo, meu amado filho: graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai, e da de Cristo Jesus, Senhor nosso (2). A nota de afeto que soa na referência de Paulo **meu amado filho** é mais forte e mais emocionante que a descrição em 1 Timóteo 1.2. Isso revela a consideração afetuosa e carinhosa que o apóstolo sentia por seu filho favorito no evangelho. A tríade na bênção paulina **graça, misericórdia e paz** é repetição exata da primeira carta (1 Tm 1.2). Como destaca M. P. Noyes: “Hoje, as palavras deste versículo são freqüentemente usadas como bênção no encerramento de um culto na igreja ou de uma reunião religiosa”.²

SEÇÃO II

TRIBUTO À ANTIGA FÉ DE TIMÓTEO

2 Timóteo 1.3-5

A. A PREOCUPAÇÃO PELO BEM-ESTAR DE TIMÓTEO, 1.3,4

Era habitual nas cartas dos tempos antigos colocar, imediatamente depois da saudação, expressões de preocupação pelo bem-estar do destinatário. Em geral, Paulo segue esta convenção, embora por alguma razão, dentre as três Epístolas Pastorais só aqui ele o fez: **Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com uma consciência pura, porque sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, noite e dia** (3). O apóstolo está falando de seu histórico até certo ponto totalmente diferente do que escreveu na primeira carta. Lá (1 Tm 1.13), ele diz que outrora era “blasfemo, e perseguidor, e opressor”, ao passo que aqui ele fala em servir ao **Deus** dos seus **antepassados** com uma **consciência** boa. Estas duas atitudes não são mutuamente excludentes. Na primeira carta, ele estava pensando em sua oposição a Cristo, a quem, até que os seus olhos se abriram, ele considerava impostor. Nesta carta, ele admite que houve em sua vida certa continuidade entre judaísmo e cristianismo. Ainda que reconhecesse as fraquezas inerentes ao judaísmo sem o seu cumprimento em Cristo, ele nunca deixou de apreciar os valores permanentes de sua herança. Esta verdade se mostra claramente em Romanos 9.3-5 e novamente em Filipenses 3.4-6.

O apóstolo nos dá quase que casualmente um vislumbre da intensidade e continuidade de sua vida de oração. Timóteo é levado ao trono da graça **noite e dia** (3). Paulo declara o mesmo fato concernente às suas igrejas e companheiros no evangelho. Como é ampla a solidariedade e como é grande a preocupação de alguém que tinha responsabi-

dade tão constante! Chegamos a pensar que entre as pressões da vida prisional ele tenha querido dar uma pausa nessa tremenda responsabilidade. Contudo, sua responsabilidade pela obra de Deus é ainda maior que antes, agora que a voz pregadora fora silenciada.

Vemos claramente o profundo sentimento do apóstolo por Timóteo e a grande solidão de sua situação: **Desejando muito ver-te... para me encher de gozo** (4). Paulo era uma pessoa que tinha saudades de seus amigos e que se sentia confortado e fortalecido com a solidariedade e entendimento de seus companheiros em Cristo. Encontramos essa atitude repetidamente nesta carta; por exemplo, em 4.9: “Procura vir ter comigo depressa”; e em 4.21: “Procura vir antes do inverno”. Suas cartas às igrejas também contêm expressões de afeto a indivíduos a quem ele nomeia. Não há palavras que expressem a preciosidade de companheirismo dessa qualidade, o qual só ocorre no contexto da fé cristã.

O apóstolo recorda a aflição de Timóteo na despedida da última vez que se viram: **Lembrando-me das tuas lágrimas** (4). O texto não diz quando isso ocorreu, mas poderia ter sido a ocasião em que Paulo foi encarcerado pela segunda vez e levado para Roma para o aprisionamento final. Ver de novo o jovem Timóteo, como diz esta versão, “torna minha felicidade completa” (NEB; cf. BAB, NVI).

B. A HERANÇA DE TIMÓTEO, 1.5

Neste momento, Paulo lembra a herança de fé de Timóteo: **Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti** (5). Ao falar da **fé não fingida** de Timóteo, o apóstolo não está pensando na fé que “é dom de Deus” (Ef 2.8), mas na reação ao amor de Deus em Cristo que fluía espontaneamente do coração de Timóteo. Esta mesma reação caracterizou a atitude da **mãe** e da **avó** do jovem. Talvez isso queira dizer que a **avó Lóide** foi o primeiro membro da família a aceitar Cristo como Salvador e Senhor, e que ela foi instrumento para levar os demais membros a aceitar a fé cristã. Ou, como é mais provável, Paulo está se referindo à atitude de fidelidade e devoção religiosa que vinham caracterizando a família de Timóteo por, no mínimo, três gerações, começando no judaísmo e atingindo sua plenitude e desenvolvimento no reconhecimento de Cristo Jesus como Messias e Senhor. No versículo 3, Paulo falou com apreço de um histórico semelhante a este sobre sua própria vida. Paulo e Timóteo tinham crescido entre os judeus da Dispersão que estavam “esperando a consolação de Israel” (Lc 2.25) e a acharam em Jesus.

SEÇÃO III

PAULO ANIMA TIMÓTEO

2 Timóteo 1.6-14

A. DESPERTE O DOM DE DEUS QUE EXISTE EM VOCÊ, 1.6,7

Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos (6). Phillips traduz as palavras **por este motivo** assim: “por causa dessa fé” (CH). Isso dá a entender que é a confiança resoluta de Paulo na realidade da devoção de Timóteo a Cristo que ocasiona a exortação: **Despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos**. Em 1 Timóteo 4.14, o apóstolo expressa de forma negativa este mesmo conselho: “Não desprezes o dom que há em ti”. Esta é uma necessidade perene no coração de todos os cristãos, sobretudo daqueles que são promovidos à posição de líderes na igreja. Corremos o perigo constante de nosso ardor diminuir e de nossos passos afrouxarem. Precisamos renovar periodicamente nosso compromisso e reafirmar nossa lealdade; “ponhas em chamas o dom de Deus” (NEB; cf. NVI). Este é o significado básico de despertamento, o qual tem de ocorrer periodicamente em todos nós.

A alusão à **imposição das minhas mãos** (6) mostra que Paulo tem em mente as qualificações divinamente dadas a Timóteo para a obra do ministério. Se estas qualificações não foram dadas no culto de ordenação, foram certamente afinadas e postas em evidência nessa experiência.

No versículo 7, Paulo destaca pelo menos uma parte deste dom espiritual: **Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação** (7). Esta tradução é boa: “Pois o espírito que Deus nos deu não é espírito covarde,

mas de inspirar força, amor e autodisciplina” (NEB). Não temos justificativa em presumir, como fazem alguns, que Timóteo estivera desempenhando o papel de covarde em seu trabalho em Éfeso, pelo que está sendo categoricamente repreendido. Na verdade, Paulo é gentil em sua repreensão, não usando o pronome “te”, mas **nos**, como se se incluísse com Timóteo. A tarefa que Timóteo foi chamado a fazer pode ter exigido qualidades que não eram inatas a alguém de índole calma, mas que devem ser desenvolvidas para que a obra de Deus prospere. Um espírito de ousadia santa é a ordem do dia; uma força vigorosa, um amor que é de qualidade e origem divinas e um autodomínio que torna o espírito submisso a Deus, o dominador do corpo.

B. SEJA DESTEMIDO EM SEU TRABALHO, 1.8-10

Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu (8). Este sentimento incipiente de vergonha concernente ao testemunho de Cristo pode não fazer parte da experiência de alguém tipicamente extrovertido. Mas para pessoas naturalmente tímidas, como Timóteo evidentemente era, pode ser penosa prova de lealdade. Paulo exorta a Timóteo a livrar-se disso resolutamente. A propensão a ter vergonha de Paulo, o **prisioneiro** de Deus, pode advir do fato de que o apóstolo fora inserido no rol dos criminosos e agora sentia o peso cruel da justiça pagã. Além disso, o cristianismo estava vivendo sob condições novas e perigosas. Já não era tolerado como antes, mas era considerado (equivocadamente, claro) como inimigo do estado. Dar testemunho franco e aberto da fé que alguém tivesse em Cristo poderia pôr a vida em risco de quem o desse. Testemunhar destemidamente exigia coragem de determinado tipo. Paulo manda Timóteo não recuar: **Antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus** (8). Esta ordem significa, literalmente, “tomar parte nos maus-tratos de outrem”.¹ E Paulo lhe garante que ele suportará “com a força que vem de Deus” (NTLH; cf. CH).

Os versículos 9 e 10 fazem um resumo paulino tipicamente do milagre da graça divina que Deus revelou na obra de redenção em Cristo: “Deus” (NTLH) **nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos** (9). Já é um fato realizado que Deus **nos salvou**. Esta é a posição segura do verdadeiro cristão. A salvação, neste sentido, não é transferida para o futuro distante, mas é a experiência atual do crente. Não obstante, há um propósito crescente na misericórdia de Deus e um crescimento na graça que levam a um enriquecimento contínuo dessa experiência. Deus **nos chamou com uma santa vocação**. Isto significa mais que uma santidade existente só de nome ou que é meramente imputada ao crente pela santidade suprema de Deus; significa que o crente é liberto dos seus pecados e da culpa e poder que neles há. A **vocação** de Deus é a uma experiência e vida que acarreta numa consagração completa, da parte do crente, e numa limpeza interior completa, da parte de Deus. Mas Paulo avisa imediatamente que isto **não é segundo as nossas obras**, pois estas são totalmente indignas. Mas é **segundo o próprio propósito e graça** de Deus. A iniciativa é de Deus neste assunto. É ele que nos desperta de nossa morte no pecado e nos chama à santidade; e é através de suas intercessões pelo seu Espírito

que o aceitamos — aceitação que é possibilitada unicamente por sua **graça** capacitadora. O milagre da transformação humana é totalmente proveniente de Deus, embora nosso consentimento em total liberdade seja essencial para a sua realização. E tudo isto pertence aos conselhos e propósitos eternos de Deus, uma misericórdia **que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos** (9; ou “antes do início dos tempos”, CH; cf. BV, NTLH).

O versículo 10 revela que a resolução de Deus redimir e salvar os homens do pecado **é manifesta, agora, pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo**. O plano de salvação de Deus não é uma reflexão tardia ou plano emergencial encontrado pelo Criador depois que outros planos fracassaram. A entrada de Deus na história por meio de Cristo é um cumprimento no tempo certo do grande desígnio de Deus Todo-poderoso concebido na eternidade.

A vinda de Cristo representa uma invasão no tempo pela eternidade, uma escatologia realizada, como C. H. Dodd² a concebeu; um desfrute nesta vida atual das “virtudes do século futuro” (Hb 6.5). Paulo afirma, por conseguinte, que Jesus **aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho** (8). Esta é afirmação surpreendente, e de certo modo estranha na boca de alguém que está a ponto de morrer! (cf. 4.6-9). Em que sentido ousamos crer que Cristo **aboliu a morte**? Simpson diz que o verbo grego traduzido por **aboliu**, conforme Paulo o empregou, “significa fazer nugatório, frustrar, anular, desmantelar”.³ Repare nesta tradução: “Jesus Cristo [...] quebrou o poder da morte” (BV; cf. NTLH, NVI). A própria vitória de nosso Senhor sobre a morte privou-a de qualquer terror que ela tivesse, de cujo fato o testemunho triunfante de Paulo nesta carta é prova clara. Porque Cristo trilhou este caminho antes de nós, não precisamos temer em segui-lo. Não só a **morte** foi abolida, mas a **vida** e a **incorruptão** foram trazidas à plena **luz** e colocadas ao alcance da fé. Temos aqui uma mistura estranha, mas sublime, de dois mundos. A **vida** diz respeito ao tempo, enquanto que a **incorruptão** pertence à eternidade; mas, por Cristo, ambas são postas ao nosso alcance aqui e agora.

C. A PRÓPRIA DESIGNAÇÃO DE PAULO, 1.11,12

Temos de admitir que o versículo 11 pertence gramaticalmente ao versículo 10. Contudo, no versículo 11 a direção do pensamento de Paulo muda de uma avaliação sublime da obra da graça de Deus para a sua responsabilidade a essa obra: **Para o que fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor** (“mestre”, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA) **dos gentios** (11). Os termos **pregador, apóstolo e doutor** talvez tivessem diferenças claras na igreja primitiva, mas Paulo não está pensando em tais distinções quando cita estes termos no esforço de mostrar a magnitude de sua tarefa como arauto do evangelho de Cristo. Sua confiança na designação divina para esta tarefa nunca vacilou. Em certa passagem ele chega a afirmar que mesmo antes de nascer ele foi escolhido de Deus para este ministério (Gl 1.15). Se o seu sentimento de missão fosse vacilar, seguramente seria nas circunstâncias atuais: prisioneiro e, quase certo, condenado à morte. Contudo, sua consciência vocacional é tão radiantemente clara nestas circunstâncias quanto em tempos mais propícios.

O apóstolo admite francamente que foi sua lealdade inflexível ao chamado de Deus que lhe ocasionou essas atuais dificuldades: **Por cuja causa padeço também isto** (12). O verdadeiro segredo de sua fortaleza acha-se na confissão magnífica da certeza que se segue imediatamente: **Porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia** (12). É digno de nota que neste testemunho Paulo use **em quem** e não “no que”. O que ele está confessando não é mera assinatura a uma proposta, mas amor e lealdade a uma Pessoa. Esta é uma característica essencial da fé cristã. Não é suficiente termos um *credo* pessoal relativo a Cristo, por mais importante que isso seja no seu devido lugar. Tem de haver uma comunhão de amor com uma Pessoa — ninguém mais que Jesus — para que nossa fé seja verdadeiramente cristã.

Concernente à certeza de Paulo de que Cristo pode **guardar** aquilo que lhe foi depositado, encontramos certa ambigüidade no original grego. As palavras **o meu depósito** são tradução literal do termo grego; e esta é uma palavra que ocorre frequentemente nas Epístolas Pastorais. Exceto aqui, sempre se refere à mensagem cristã que foi depositada ou entregue a Paulo e Timóteo. Este **depósito** pode significar “o que lhe confiei” (NVI) ou “aquilo que ele me confiou” (NTLH). Pelo original grego cabem ambos os significados. Considerando que qualquer interpretação é correta, o leitor faz a sua escolha.

Esta incerteza de interpretação, porém, tem solução. É provável que o coração devoto dos cristãos de todas as eras recebe maior consolo e autoconfiança na tradução mais conhecida: **Eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia**. Nas crises de nossa experiência da graça de Deus, quando colocamos o futuro desconhecido à disposição da vontade de Deus, nossa alma se consola e se fortalece na certeza do poder mantenedor de Deus. E nos momentos em que a obediência é difícil e o caminho à frente está encoberto em escuridão e incerteza, encontramos nessa certeza a força para prosseguir sem transigir ou hesitar. O grande testemunho de Paulo torna-se um brado de ânimo ao espírito extremamente provado e um dos textos mais queridos e amados do Novo Testamento.

D. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SADIO, 1.13,14

Agora Paulo dedica-se à exortação relativa à integridade da mensagem cristã que Timóteo recebeu: **Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, CH, NTLH) **que há em Cristo Jesus** (13). Esta é uma passagem que os proponentes de uma data recente destas cartas e da autoria não-paulina se agarram com avidez. Superficialmente, a exortação *parece* vagamente de época posterior, quando fórmulas de credo se tornaram questão de maior importância. Mas o apóstolo não está exigindo adesão servil à fórmula de palavras fixas e aceitas, na qual as palavras por si só expressem a fé ortodoxa. Como ressalta Kelly: “Paulo não está dizendo que Timóteo deva reproduzir seu ensino palavra por palavra. [...] O termo grego traduzido por ‘modelo’ denota o croqui ou projeto básico usado por um artista ou, na literatura, o rascunho rudimentar que forma a base para uma exposição mais ampla”.⁴ Não era a responsabilidade de Timóteo “papaguear” a mensagem do seu mentor apostólico, mas falar a palavra de Deus com plena liberdade, ao mesmo tempo em que cuida para que a autenticidade da mensagem cristã não sofra mudanças.

A mesma observação é feita mais inteiramente no versículo 14: **Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós**. Moffatt traduz este versículo assim: “Mantém intactas as grandes certezas de tua fé, pela ajuda do Espírito Santo que mora em nós”. Ao falar assim, o apóstolo reconhece uma das grandes verdades da experiência cristã: que o **Espírito Santo que habita em** nosso coração é o grande Conservador da ortodoxia. Os períodos na vida da igreja em que o **Espírito Santo** esteve evidentemente presente em poder sumamente vivificador também foram os períodos em que a verdade foi pregada com pureza e poder. Estas duas realidades são inseparáveis e sempre têm de permanecer assim.

SEÇÃO IV

LEALDADE E INFIDELIDADE

2 Timóteo 1.15-18

A. FALSOS AMIGOS, 1.15

A firme confiança em Deus, da qual o apóstolo tem falado, e a devoção a Cristo e sua igreja, que ele e Timóteo têm em comum, suscita em Paulo recordações dolorosas e infelizes de sofrimentos causados por falsos amigos: **Bem sabes isto: que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim; entre os quais foram Fígelo e Hermógenes.** A Ásia mencionada aqui é a província romana da Ásia, cuja capital era Éfeso (ver Mapa 1). É evidente que no tempo de extrema necessidade do apóstolo, provavelmente quando ele foi encarcerado pelas autoridades romanas, muitos de quem ele tinha razões para esperar amizade e assistência contentaram-se covardemente em abandoná-lo ao seu destino. Esse abandono não significa que essas igrejas repudiaram totalmente a autoridade apostólica de Paulo; nem o uso que o apóstolo faz da palavra **todos** quer dizer que ele não teve nenhum amigo corajoso. Dois homens de quem ele esperava certa medida de ajuda foram **Fígelo e Hermógenes**, os quais se afastaram dele. Paulo não está reprovando-os, mas informa o que já era fato notório. Kelly traduz as palavras iniciais do versículo 15 assim: “Tu deves estar ciente” (cf. RA). Se Timóteo estava bem informado sobre esta falta de coragem dos dois homens nomeados, então provavelmente era assunto de conhecimento geral.

B. UM VERDADEIRO AMIGO, 1.16-18

Nesse contexto, a lealdade e cuidado de **Onesíforo** se destacam em cores fortes e vívidas, e Paulo lhe expressa gratidão eterna por isso: **O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou** (“reanimou”, BAB, CH, NVI; cf. NTLH, RA) e **não se envergonhou das minhas cadeias** (16). O fato de o apóstolo falar da **casa** (ou “família”, BJ, NTLH) de **Onesíforo** dá a entender que, quando Paulo estava escrevendo esta carta, **Onesíforo** já havia morrido. Certos intérpretes chegam a ponto de acreditar que ele morreu por agir como amigo de Paulo. Seja como for, a amizade fiel e a fraternidade cristã deste homem reanimaram o apóstolo **muitas vezes** (Moffatt traduz assim: “ele me deu forças”).

O versículo 17 elucida até que ponto **Onesíforo** estava disposto a ir para ajudar Paulo: **Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou**.

Podemos apenas imaginar o que deve ter significado para o apóstolo, que definhava na prisão, ver um rosto conhecido e amigável. Há algo extremamente comovedor quando Paulo declara que **Onesíforo com muito cuidado me procurou e me achou** (17). P. N. Harrison escreve que “há uma história dramática por trás do registro suscito, mas sugestivo, que Paulo faz dessa procura em **Roma**. Temos um vislumbre de alguém de rosto determinado em meio de multidão aglomerada, e seguimos com interesse cada vez maior este estrangeiro proveniente do distante litoral do mar Egeu, enquanto ele se enfia pelo labirinto de ruas desconhecidas, batendo em muitas portas, checando toda pista, avisado dos riscos que corre, mas não demovido de sua busca; até que numa prisão obscura uma voz conhecida o cumprimenta, e ele encontra Paulo preso a um soldado romano”.¹ Não admira que Paulo sentisse gratidão tão profunda por esse exemplo de fraternidade cristã!

No versículo 18, o apóstolo expande sua bênção: **O Senhor lhe conceda que, naquele Dia, ache misericórdia diante do Senhor. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu**. A expressão **naquele Dia** refere-se evidentemente ao Dia do Julgamento.

Este versículo apresenta um problema para muitos intérpretes, porque, na suposição de que **Onesíforo** tenha morrido antes da escrita da carta, o linguajar do apóstolo parece uma oração pelos mortos. Na verdade, este assunto não merece a quantidade de atenção que recebeu. Como destaca Kelly: “A oração em questão [...] é sumamente geral, equivalendo apenas à recomendação do falecido à misericórdia divina”.² Este problema desaparece completamente se aceitarmos a interpretação de E. K. Simpson de que **Onesíforo** não estava morto, mas longe da família e provavelmente ainda em Roma, tendo adiado sua volta para casa por ter-se preocupado com o amado apóstolo.³

SEÇÃO V

PAULO ACONSELHA TIMÓTEO

2 Timóteo 2.1-26

A. SEJA INFLEXÍVEL NO ZELO PELA VERDADE, 2.1,2

No capítulo 1, Paulo mencionou o fracasso de alguns homens na devoção ao evangelho e, colocando em contraste, falou da lealdade infalível de Onesíforo. Tendo formado este contexto, ele direciona sua exortação a Timóteo: **Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus** (1). O tom do tratamento inicial do capítulo é enfático, mal aparecendo na tradução. Kelly oferece esta opção tradutória: “Cabe a ti, então, meu filho, ser forte”. Paulo lembrou Timóteo da ordenação, dos votos assumidos e do exemplo de maior dedicação que o próprio apóstolo está lhe mostrando. Agora chegou a vez de o jovem mostrar o valor que nele há e, por seu turno, dar exemplo semelhante de consagração abnegada à tarefa cristã. O dia do apóstolo está quase no fim; mas a presente época pertence a Timóteo, e a mensagem cristã está, para o bem ou para o mal, em suas mãos. Não em si mesmo, porém, nem na própria força ele conseguirá desempenhar a tarefa. Só pela graça de Deus ele será leal à sua missão.

Além disso, Paulo está olhando muito à frente do período em que Timóteo for o guardião da mensagem de salvação. O jovem também tem de cuidar da integridade futura deste grandioso depósito da verdade: **E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros** (2). Em sentido literal, Timóteo recebeu a mensagem do apóstolo. Fora ele que declarara a verdade relativa a Jesus para a família de Timóteo, resultando em três gerações de seguidores de Cristo. Mas Timóteo também testemunhara a pregação missionária de Paulo em numerosas situações — experiência que muito deve ter aumentado seu

conhecimento do evangelho. Além disso, o apóstolo, auxiliado por outros pastores da igreja, ordenara Timóteo para a obra do ministério. Não há que duvidar que nesta ocasião fora colocada uma missão séria no coração do jovem. Nada disso fora feito às escondidas, mas **entre muitas testemunhas**. Há suficiente razão para concluirmos que o apóstolo tinha todas estas informações em mente quando falou do **que de mim... ouviste**. E agora Paulo o admoesta a transmitir o que recebeu **a homens fiéis**, os quais, por sua vez, os transmitirão a outros com toda a pureza e poder originais.

É verdade séria e tremenda que a mensagem salvadora que trouxe tais riquezas espirituais à nossa vida tenha vindo de inumeráveis gerações de crentes que nos precederam. É nossa responsabilidade garantir sua autenticidade, mantê-la intacta e passá-la adiante aos que vierem depois de nós, sem lhe diminuir a riqueza, pureza e poder. Nem é preciso dizer que este ideal não foi atingido em todas as ocasiões. O resultado é que a mensagem cristã às vezes fica diluída ou é poluída, requerendo que em toda geração haja a restauração da glória e poder primitivo do evangelho. Este poder surpreendente de auto-renovação na mensagem cristã é uma das maravilhas e glórias do evangelho.

B. SEJA BOM SOLDADO DE JESUS CRISTO, 2.3,4

De que forma o líder cristão pode se condicionar para esta tarefa? A resposta de Paulo está nestes versículos. **Sofre, pois, comigo** ("suporte comigo", NVI), **as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo** (3). Aqui e nos versículos seguintes, o apóstolo se serve de três analogias: o **soldado**, o atleta e o agricultor. A analogia militar é a favorita de Paulo, não porque ele fosse de mente militar, mas porque no império romano era comum as pessoas verem soldados, e, mais ainda, porque a vida de **soldado** era uma analogia esplêndida para a vida cristã. Infelizmente, nós também estamos familiarizados com as exigências impostas no **soldado**. Servir nesta atividade rigorosa requer um extensivo condicionamento físico. Todos que passam pelo campo de treinamento de recrutas sabem como é difícil fortalecer o corpo ao ponto em que a força seja igual às exigências requeridas. Mas é necessário algo comparável a isso para o cristão, sobretudo para o ministro. **Sofre... as aflições**, diz Paulo. Aceite as dificuldades, privações e perigos com um espírito submisso como parte da tarefa de **soldado** no exército de Cristo.

O apóstolo amplia esta analogia no versículo 4: **Ninguém que milita se embarça com negócio desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra**. Seria difícil achar analogia mais adequada que esta para a consagração exigida do cristão. Quando o indivíduo se tornar soldado, ele é separado da sociedade, com a qual esteve familiarizado por toda a vida, e apresentado a uma comunidade nova e altamente especializada. Ele é despido de roupas próprias e vestido com um equipamento fornecido pelo governo. Suas idas e vindas são feitas unicamente sob ordens ou com permissão expressa. Dorme onde lhe dizem para dormir e come o que lhe for dado. Na verdade, sua vida está à disposição do governo; caso surja ocasião, ele pode ser considerado sacrificável por motivos estratégicos. Essa é a consagração de alguém alistado **para a guerra**; em cada detalhe, temos um paralelo total à vida do crente inteiramente entregue a Cristo. O soldado não pode dar baixa a qualquer momento, por mais desejável que seja. Ele não é de si mesmo, mas pertence a outrem.

C. RECOMPENSAS GERADAS PELA FIDELIDADE, 2.5-7

No versículo 5, Paulo passa para a analogia do atleta: **E, se alguém também milita, não é coroado se não militar legitimamente**. Esta declaração revela vividamente outro dos interesses de Paulo: a bravura física. O apóstolo tinha em mente os Jogos Olímpicos da Grécia antiga. Isto era algo obsessivo no mundo antigo, onde cada cidade tinha um estádio e as competições atléticas eram a ordem do dia. Esta tradução do versículo torna o significado mais claro: “Semelhantemente, nenhum atleta é coroado como vencedor, se não competir de acordo com as regras” (NVI; cf. AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, RA). Isto significa as regras estipuladas para determinado jogo ou competição atlética. Mas é provável que haja um significado mais amplo. Como destaca Scott: “É a preparação para a competição que está em discussão e não a competição em si. O atleta não tem chance de vitória a menos que obedeça a certas condições prévias; ele tem de passar pelo treinamento necessário e limitar-se a determinada dieta. Como o soldado, ele precisa deixar tudo com o único objetivo de ganhar a disputa”.¹

A terceira das analogias de Paulo é o agricultor: **O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos** (6). Para fazer a colheita, o agricultor tem de se consumir no trabalho, preparando a terra, semeando a semente, vigiando contra secas e pragas, até finalmente **gozar dos frutos** do seu trabalho.

Com essas analogias, Paulo quer dizer uma coisa só. Pois, quer seja a expectativa do soldado em obter a vitória final, a visão do atleta em receber a coroa ou a esperança do agricultor em fazer a colheita, “cada um se submete à disciplina e labuta por causa da glória que haverá”.²

O apóstolo deseja que Timóteo entenda em que ele está insistindo: **Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo** (7). Por advertência, aviso, exortação e, agora, por analogia, Paulo detalhou o tipo de dedicação que ele espera do seu jovem assistente. “Reflete no que eu digo”, diz o apóstolo, “e confia em Deus que te dará sabedoria e orientação” (cf. BAB, BV, CH, NTLH, NVI, RA).

D. PELA MORTE PARA A VIDA, 2.8-13

1. *O Exemplo de Nosso Senhor* (2.8-10)

No empenho do apóstolo em encorajar e inspirar Timóteo a se dar sem reservas à tarefa de liderança cristã, Paulo culmina seu apelo destacando o Senhor Jesus: **Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho** (8). O Mestre santo é o exemplo supremo de devoção, ao qual Timóteo é exortado a imitar. A **descendência de Davi** é expressão que mostra a verdadeira identidade de Cristo Jesus com nossa raça humana. A tônica aqui está no “homem Cristo Jesus”. Mas junto com o reconhecimento da humanidade de nosso Senhor está o fato glorioso da sua ressurreição. Como ressalta Barclay: “O tempo do verbo grego que Paulo usa não implica num ato definido no tempo, mas num estado contínuo que dura para sempre. Paulo não está dizendo a Timóteo apenas: ‘Lembra-te da ressurreição de Jesus em si’; mas: ‘Lembra-te de Jesus para sempre ressuscitado e para sempre presente; lembra-te do teu Senhor ressurreto e sempre presente’”.³

Estas palavras do apóstolo relembram a passagem de Romanos 1.3,4: “Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos — Jesus Cristo, nosso Senhor”. C. H. Dodd acredita que nesta passagem em Romanos “Paulo está citando quase que exatamente uma confissão comum de fé”.⁴ Aqui em 2 Timóteo, o versículo que estamos analisando também poderia ser um trecho de um credo antigo e bem conhecido. A frase — **segundo o meu evangelho** — dá o autêntico tom paulino à oração gramatical.

Fora a lealdade inabalável do apóstolo a este evangelho que o levava à sua atual situação difícil: **Pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa** (9). A palavra grega traduzida por **malfeitor** quer dizer, literalmente, “criminoso comum” (cf. BV, NTLH). É a palavra usada em Lucas 23.32,33,39 para descrever os malfeitores que foram crucificados juntos com Jesus. A tradução de Phillips deixa o texto claro: “Por pregar isso, tenho de suportar a condição de algemado nesta prisão, como se fosse alguma espécie de criminoso” (CH). Mas embora o apóstolo estivesse preso, **a palavra de Deus não está**. Paulo descobrira esta verdade gloriosa no seu primeiro aprisionamento, quando relata que “as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho” (Fp 1.12). Não há dúvida de que o seu segundo encarceramento fora mais severo que o primeiro, contudo o evangelho ainda estava livre. Como diz Moffatt: “Não há prisão para a palavra de Deus”.

O apóstolo alcançou o ponto em que ele está disposto a suportar tudo sem se queixar de qualquer sofrimento que lhe ocorra pela causa de Cristo: **Portanto, tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna** (10). É o “amor ao povo escolhido de Deus” (NTLH) que capacita Paulo a continuar com coragem e firmeza. Os versículos 11 e 12 deixam claro que **os escolhidos** podem manter sua posição diante de Deus somente nas condições estipuladas. No primeiro aprisionamento, escrevendo aos crentes filipenses, Paulo disse: “Já aprendi a contentar-me com o que tenho” (Fp 4.11). Agora ele está em posição de pôr em prova mais severa sua submissão total à vontade de Deus. No sofrimento triunfante dos seguidores de Cristo, ele vê também certa extensão do sofrimento redentor de nosso Senhor. O seu exemplo de devoção máxima pode contribuir para a salvação dos outros.

2. Cristo é Completamente Confiável (2.11-13)

Palavra fiel é esta (11). Estes dizeres ocorrem repetidamente nas Epístolas Pastorais (cf. 1 Tm 1.15; 3.1; 4.9; Tt 3.8). Em geral, essa expressão introduz o fragmento de um credo, ou o trecho de uma oração litúrgica, ou o pedacinho de um hino. Os versículos 11b a 13 foram tirados de um hino que, sem dúvida, era bem conhecido por Timóteo e a igreja efésia. **Se morrermos com ele, também com ele viveremos**. É lógico que o apóstolo não está pensando na morte pelo martírio. Em outras passagens, particularmente em Romanos 6.1-11, Paulo desenvolve a doutrina mística de morrer com Cristo na morte ao ego e pecado, que leva à nova vida em Cristo. O texto: “Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos” (Rm 6.8), está refletido quase exatamente em 2 Timóteo 2.11. Essa morte é simbolizada no rito do batismo cristão (Rm 6.3); mas leva a tal identificação mística e espiritual com nosso Senhor que, de certo modo, tomamos parte nos seus sofrimentos. Esta consequência Paulo reverbera no versículo 12: **Se sofrer-mos, também com ele reinaremos**. Por sofrimento, Paulo queria dizer suportar os

sofrimentos por causa de Cristo, como era o que lhe acontecia. Mas o prospecto de reinar com Cristo mais que compensa a dor que se tenha de suportar. Certos intérpretes vêem o prospecto de reinar com Cristo como reflexão da “esperança cristã primitiva de que, quando Cristo voltar em glória para reinar (1 Co 15.24,25), os santos que tiverem sofrido com paciência se assentarão em tronos ao lado dele (Ap 5.10)”.⁵ Mas também significa quase tão apropriadamente que teremos a alegria rara de tomar parte no Reino de Cristo.

Há neste hino uma nota trágica que não devemos negligenciar: **Se o negarmos, também ele nos negará; se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo** (12,13). Se sob a pressão das adversidades a pessoa renegar Cristo, sua falta de fidelidade só pode resultar em ser ela mesma renegada. Nosso Senhor disse outro tanto em Mateus 10.33: “Qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus”. Mas uma nota de esperança é injetada nesta passagem que lida com avisos e julgamentos. **Se formos infiéis** (13); mesmo para tal indivíduo ainda resta esperança, pois Cristo **permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo** (13). Não há limite à compaixão divina e não há pecado terrível demais que o sangue não purifique. Tal é a magnitude da misericórdia de Deus.

E. COMO LIDAR COM OS FALSOS MESTRES, 2.14-19

1. *O que Promover* (2.14,15)

Traze estas coisas à memória (14). As pessoas precisam ser lembradas constantemente das coisas que já sabem, mas correm o risco de esquecer ou negligenciar. É óbvio que Paulo está pensando na verdade que foi sua missão de vida proclamar; a responsabilidade que agora está em grande parte nas mãos de Timóteo. O pastor fiel terá de ser, por necessidade, um tanto quanto repetitivo nos destaques do seu ministério. Há muitas verdades importantes que só podem ser ensinadas pelo método “mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento, regra sobre regra, regra e mais regra”. Paulo já havia exortado o jovem nesse sentido, e o que ele está dizendo agora é: “Continue a lembrar essas coisas a todos” (NVI; cf. BV, CH); mantenha o bom trabalho.

Paulo fica mais explícito, revertendo a um tema que já tratara em 1 Timóteo 1: **Ordenando-lhes diante do Senhor que não tenham contendas de palavras, que para nada aproveitam e são para perversão dos ouvintes** (14). O apóstolo está expressando novamente sua preocupação sobre a conduta dos autodenominados mestres na igreja efésia, cujas táticas promoviam controvérsia, amargura e divisão. Tal conduta teria o efeito de semear discórdia entre irmãos (cf. Pv 6.19). Isto “somente desmoraliza os ouvintes”, como traduz Kelly as palavras: **são para perversão dos ouvintes**.

Paulo então trata Timóteo diretamente acerca do ministério deste: **Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade** (15). Sobre a frase **procura apresentar-te a Deus aprovado**, esta tradução mostra o verdadeiro significado: “Esforça-te arduamente em te mostrar digno da aprovação de Deus” (NEB). Isto tem a ver com as horas gastas no tipo de trabalho intelectual que é indispensável ao verdadeiro sucesso ministerial; mas também diz respeito à postura de ardor incansável que deve caracterizar a atitude do ministro para com sua missão. Scott vê nas palavras **a Deus aprovado** referência velada ao julgamento

final, quando Timóteo enfim terá de prestar contas. A palavra grega traduzida por **obreiro** quer dizer, basicamente, trabalhador agrícola; por isso, as palavras **que maneja bem** são traduzidas pela expressão “que ara um sulco reto” (NEB). Mas seja qual for a imagem exata que a passagem queira mostrar, está claro que o apóstolo se preocupa que a Palavra de Deus seja submetida a exegese sadia e seu significado correto seja apropriadamente averiguado. Nada é mais essencial que isto para o manejo reverente da verdade bíblica.

2. O que Evitar (2.16-18)

Mas evita os falatórios (“as conversas vazias”, BAB) **profanos** (“mundanos”, NASB), **porque produzirão maior impiedade** (16). Esta é linguagem idêntica a 1 Timóteo 6.20 (ver comentários ali). Paulo está denunciando novamente os falsos mestres que vinham promovendo dissensão na igreja de Éfeso. Eles estavam fazendo a obra de Satanás, e a familiaridade fingida que mostravam ter com a verdade oculta tinha o efeito de profaná-la. O curso de ação de Timóteo deveria ser evitar tais ensinamentos. Nenhum acordo pode ser feito com o erro.

Esses **falatórios** “levam cada vez para mais longe do viver cristão” (CH), quer dizer, promovem a vida ímpia. O versículo 17 enfatiza a virulência de tais ensinamentos: **E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto**. A palavra seria o “ensino” (NVI) **desses** falsos líderes. O termo **gangrena** também é traduzido por “câncer” (AEC, NVI, RA); ao passo que Phillips emprega a frase: “Pois os ensinamentos deles são tão perigosos quanto a gangrena para o corpo e espalham-se como pus de uma ferida” (CH). Eis um perigo mortal cuja ameaça não deve ser mal avaliada. Paulo nomeia dois indivíduos em particular que se ocupavam em propagar esta infecção moral e espiritual: **Himeneu**, com quem já nos encontramos em 1 Timóteo 1.20 (além destas duas referências nada mais sabemos sobre ele); e **Fileto**, que encontramos aqui pela primeira e única vez.

O versículo 18 nos mostra a única indicação sobre a natureza do erro pertinente a essas pessoas: **Os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns**. Scott sugere dois possíveis significados para esta referência. “A idéia”, diz ele, “pode ter sido que esta mesma vida, na qual a alma renascia de alguma vida e morte anteriores, era a verdadeira ressurreição. Ou, mais provavelmente, eles interpretavam a doutrina cristã num sentido puramente espiritual; considerando que pela fé em Cristo os homens entram na vida imortal, a ressurreição não virá depois da morte, mas já aconteceu.”⁶ A doutrina da **ressurreição** era o ponto mais sensível no ensino cristão. Denotava o triunfo de Cristo sobre a morte e, por analogia, representava a nova vida em Cristo que os crentes batizados desfrutavam. Era também símbolo da esperança que o cristão tinha da vida eterna. Não deve haver adulteração com verdade tão vital como esta; daí a denúncia extrema à qual o apóstolo submete o ensino errôneo.

3. A Fundação Segura da Verdade (2.19)

O apóstolo não se prende a melindres quando se trata da estabilidade e segurança da igreja de Cristo, como demonstra nitidamente o versículo 19: **Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade**. A analogia de um edifício ou templo fora, por muito tempo, a favorita de Paulo para apresentar a doutrina da igreja. O **fundamento** pode ser interpretado de maneiras diversas: refere-se à igreja como um todo

ou aos membros experimentados e verdadeiros da congregação efésia. Em comparação com este **fundamento** robusto e resistente, os falsos mestres eram uma minoria instável.

De acordo com a analogia de um edifício e sua fundação e base devidamente **chumbados**, o apóstolo vê que o **fundamento de Deus** tem dois selos. Um **selo**, inspirado em Números 16.5, diz: **O Senhor conhece os que são seus**. Diante da rebelião de Corá, Moisés proclamou com estas palavras que Deus **conhece** e identifica **os que são seus** e, desse modo, defendeu a liderança de Moisés. Talvez Paulo tivesse em mente que Deus semelhantemente defenderia a liderança do apóstolo nesta situação em Éfeso. O segundo **selo** — **qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade** — não é citação exata de passagem do Antigo Testamento. É, porém, tão semelhante a Números 16.26, que temos justificativa em pensar que Paulo tinha em mente esta situação antiga quando tratou do problema efésio. Rolston resumiu muito bem a significação dos selos quando escreveu: “A primeira marca do obreiro aprovado é a pureza doutrinária, o manejo reto da palavra da verdade; a segunda marca é a pureza de vida”.⁷ Estes dois testes de autenticidade nunca devem ser separados.

F. ENSINE A VERDADE EM AMOR E PACIÊNCIA, 2.20-26

1. *Vasos para Honra* (2.20,21)

O apóstolo ainda está pensando na situação confusa que prevalece em Éfeso. Havia o núcleo sólido e excelente de pessoas dedicadas, cuja devoção é pincelada em cores mais vívidas pela deserção dos poucos dissidentes: **Ora, numa grande casa não somente há vasos** (“utensílios”, BAB, RA) **de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra** (20). Esta analogia não é de um edifício, mas de uma casa aparelhada com **vasos** honrosos e desonrosos, ou “caros” e “baratos” (BV). A analogia é longe de ser perfeita, pois **numa grande casa** há lugar para utensílios baratos e caros; mas na igreja, conforme Paulo via a questão, não havia lugar para esses faladores de conversas vazias e mundanas (16). Não obstante, a intenção do apóstolo é clara, e o versículo 21 a torna inconfundível: **De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda boa obra**. Existe um elemento de incerteza em torno do significado das palavras **destas coisas**. Pelo visto, essas **coisas** são os utensílios baratos e desonrosos que há nas grandes casas, embora Paulo, indubitavelmente, ainda tenha em mente os falsos mestres, a quem Timóteo é avisado a evitar.

Ser purificado **dessas coisas** é ser **vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda boa obra** (21). Temos aqui uma série de frases com uma história nobre e lugar seguro na tesouraria devocional da igreja. Ser **santificado** é ser dedicado para **uso** santo e limpo de contaminação. Ser **idôneo para uso do Senhor** é frase que enfatiza o privilégio extraordinário de os fiéis de Deus serem usados em tarefas santas. À primeira vista, **preparado para toda boa obra** é expressão quase extravagante. O apóstolo, falando sob inspiração do Espírito, nos coloca nas alturas para termos uma visão panorâmica da possibilidade gloriosa, a fim de que, pelo milagre da graça, os filhos de Deus estejam preparados para toda tarefa que ele os designar. O prospecto anunciado é quase de tirar o fôlego de tão maravilhoso!

2. A Conduta de um Mestre (2.22-26)

O versículo 22 menciona de novo que Timóteo ainda é jovem, com as tremendas potencialidades da mocidade, mas também com os perigos da mocidade a enfrentar, contra os quais ele deve ser fortalecido: **Foge, também, dos desejos da mocidade; e segue a justiça, a fé, a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, BAB, NVI, RA) **e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor** (22). A primeira frase do versículo oferece estas opções tradutórias: “Vire as costas para os desejos turbulentos da mocidade” (CH); “desvia-te dos impulsos inconstantes da juventude” (NEB); “foge das paixões juvenis” (Barclay; cf. ACF, BAB, BJ, NTLH, RA). Timóteo, ao que parece, estava chegando aos 40 anos de idade, não tendo necessidade de tal advertência. Contudo, Satanás não faz acepção de pessoas, não mais que Deus. Por ocuparem posição de destaque na igreja, os líderes de Deus tornam-se alvos de Satanás; por conseguinte, precisam redobrar a vigilância contra os ardis satânicos. O apóstolo sabia que a melhor defesa contra os ataques demoníacos é estar devidamente preparado para o melhor de Deus. **Segue a justiça, a fé, a caridade e a paz** (22), ou, como traduz Moffatt, “almeja a integridade, a fidelidade, o amor e a paz”. E nesta busca zelosa e cristã temos de nos considerar um com os filhos fiéis de Deus, seja onde for que eles estejam — **um com os que, com um coração puro, invocam o Senhor** (22).

Nestes versículos (22-26), Paulo retorna às suas advertências construtivas acerca da conduta pessoal de Timóteo. No versículo 23, ele enfatiza o tato e comedimento que devem caracterizar a liderança do jovem: **E rejeita as questões loucas e sem instrução, sabendo que produzem contendas**. Ao mesmo tempo em que se recusa a fazer um acordo com o erro, ele tem de evitar um grau de rigor injustificado ao denunciar o erro. Na liderança cristã, não devemos permitir que o zelo pela verdade nos iluda e acabemos nos tornando propensos a discussões. Não há substituto de um espírito de bondade e amor para lidar com os que se nos opõem. Esta observação está bastante clara no versículo 24: **E ao servo do Senhor não convém contender** (ou “brigar”, BJ, NVI; cf. CH, NTLH), **mas, sim, ser manso** (ou “brando”, AEC, RA; “amável”, BAB, NVI) **para com todos, apto para ensinar, sofredor** (ou “paciente”, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA). Que agrupamento fascinante de virtudes cristãs! E a lista prossegue no versículo 25: **Instruindo com mansidão os que resistem**. O verdadeiro propósito da ação disciplinar não é apenas defender a verdade, mas recuperar para a comunhão de Cristo as pessoas que se desviaram por causa dos falsos ensinamentos: **A ver se, porventura, Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em cuja vontade estão presos** (25,26). O infortúnio que sobrevém a esses falsos mestres não é somente ignorância e uma determinação voluntária em propagar a falsidade; pois é igualmente verdade que eles foram enganados e são enganados por Satanás. Foram vítimas dos **laços do diabo** e são seus cativos. Deus deseja ardentemente recuperá-los e salvá-los; ele aspira conceder-lhes o **arrependimento para conhecerem a verdade**. O ministro de Jesus tem de manter aberta a porta do **arrependimento** e esperança a fim de que essas pessoas voltem para a casa do Pai.

SEÇÃO VI

VIRÃO TEMPOS PERIGOSOS

2 Timóteo 3.1-9

A. MARCAS DE DEGRADAÇÃO MORAL IMINENTE, 3.1-5

Até este ponto da carta, Paulo lidou com as demandas impostas em Timóteo por sua tarefa como pastor. Mas agora, em espírito profético, ele se dirige à sociedade em que estava a igreja infante e descobre nela fatores que exerceriam influência trágica no povo de Deus: **Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos** (1). A expressão **nos últimos dias** refere-se ao período do fim da atual dispensação, imediatamente precedente à volta de Cristo; não há razão para crermos que o apóstolo tivesse algo diferente em mente. Paulo acreditava na proximidade da volta de Cristo, embora não vivesse para vê-la. O período que Paulo está descrevendo poderia estar logo à frente de Timóteo. E ele o chama **tempos trabalhosos**.

Servindo-se de uma lista, ele detalha as atitudes pecadoras dos homens as quais caracterizarão este período: **Homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus** (2-4). A lista inteira é somente uma frase. É descrição sórdida e deprimente dos pecados humanos. A literatura ética do século I continha semelhantes listas, e o próprio Paulo já havia recorrido a este dispositivo (Rm 1.30,31). Pecados de diversos graus de gravidade são reunidos mais ou menos indiscriminadamente, talvez com a idéia de mostrar que na ótica de Deus todos os

pecados são do mesmo jeito sérios, quer pecados da carne ou do espírito, quer cometidos contra Deus ou contra nosso semelhante. Estes pecados, comuns no século I, também vicejam em medida alarmante hoje em dia. Esta é indicação clara de que estamos nos últimos dias.

No versículo 5 está o pensamento perturbador deste parágrafo: **Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia** (“o poder”, AEC, BAB, BJ, NTLH, NVI, RA) **dela. Destes afasta-te**. Kelly afirma que o versículo 5 é uma “frase lancinante”, a qual o apóstolo “força, por via do clímax, [...] os praticantes dos erros efésios [...] a fazer uma grande parada do cristianismo”.¹ É deveras surpreendente que os culpados de tais pecados flagrantes ainda encontrem na religião formal um lenitivo para a consciência. Isto não quer dizer que na verdadeira religião não haja formalidade. A formalidade e o poder não são inimigos naturais ou mutuamente exclusivos. Na verdade, tem de haver um casamento entre formalidade e poder para que o culto a Deus tenha a graça e beleza que ele deseja. Há muitos modos de negar a **eficácia** da religião. O modo mais sutil e mortal é a disposição de viver dia a dia sem a presença do poder de Deus em nossa vida religiosa. Este é o risco que afronta muitas pessoas que corariam de vergonha só com a leitura da lista sórdida de pecados que Paulo enumera.

B. ATÉ HOJE ESTAS CONDIÇÕES SE MANTÊM, 3.6-9

Quando chegamos a esta subdivisão é visível que Paulo acreditava que esses males não só eram futuros, mas tais condições já eram reais: **Porque deste número são os que se introduzem pelas casas e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências, que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade** (6,7). O apóstolo mudou o tempo verbal do futuro para o presente e trata da situação que Timóteo enfrenta em Éfeso. Os métodos sutis empregados por tais indivíduos depravados são indicados pelo verbo **se introduzem**, que no grego pode ser traduzido por “se insinuam ardilosamente em” (cf. BAB, BV, CH, RA). **Mulheres néscias** pode ser traduzido por “mulheres fracas” (NTLH). Tais pessoas são facilmente seduzidas e levadas a uma multiplicidade de pecados. Paulo “tem tão pouca simpatia por mulheres dissolutas, que cultivam a religião junto com outros interesses que as instigam, quanto tem pelos mestres desonestos que as saqueiam”.²

No versículo 8, Paulo faz uma analogia muito interessante: **E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé**. Os dois homens aqui nomeados faziam parte do grupo de mágicos de faraó que tentaram duplicar as obras maravilhosas de Deus e, assim, **resistiram a Moisés** (Êx 7.11; 9.11). Seus nomes não ocorrem na narrativa de Êxodo, mas aparecem na tradição judaica. Desta fonte, os nomes foram levados para a literatura cristã primitiva. É evidente que estes nomes eram bem conhecidos a Timóteo, pois a referência do apóstolo a eles não necessita explicação. Nesse período, as narrativas do Antigo Testamento eram interpretadas tipologicamente. A experiência de Israel na época da grande libertação do Egito era considerada antecipação das experiências que sobrevieram à igreja primitiva e

seus líderes. Paulo pode ter visto um paralelo entre a experiência de Moisés no Egito e a oposição que ele teve de suportar de homens como Himeneu e Fileto.

O apóstolo está tremendamente confiante de que estes destruidores da fé não conseguirão infligir dano permanente na igreja: **Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesto o seu desvario, como também o foi o daqueles (9).** Deus confunde com sua verdade todos os esforços empreendidos contra o progresso da igreja.

SEÇÃO VII

LEMBRE-SE DO MEU EXEMPLO

2 Timóteo 3.10-15

A. OS SOFRIMENTOS DE PAULO PELA CAUSA DE CRISTO, 3.10,11

Agora o apóstolo fala sobre o exemplo de resistência que ele mesmo fixou: **Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BV, CH, NVI), **paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou** (10,11). No original grego, o verbo traduzido por **tens seguido** é muito mais forte que a leitura casual sugere. Significa que Timóteo acompanhara Paulo e, assim, teve conhecimento de primeira mão dessas experiências. Como destaca Kelly: “Também é um termo técnico que define a relação do discípulo para com seu mestre, podendo ser parafraseado por ‘estuda de perto’, ‘segue em espírito’, ‘observa cuidadosamente com a intenção de reproduzir’ [cf. BV] e, daí, ‘toma como exemplo’”.¹ Phillips traduz a passagem assim: “Mas você [...] tem seguido de perto meus ensinamentos e minha maneira de viver” (CH; cf. NTLH; cf. tb. “tens seguido de perto”, AEC, BAB, BJ, NVI, RA).

Estes exemplos de **perseguições e aflições** que Paulo suportou foram tirados da primeira viagem missionária do apóstolo à região da Ásia Menor (ver Mapa 1), onde Timóteo morara. O jovem pode ter sido testemunha ocular de algumas dessas **perseguições e aflições**, ocorridas, talvez, antes de se converter. É possível que esta série de acontecimentos na vida de Paulo tenha sido o fator decisivo para ganhar a família de Timóteo para Cristo. Barclay observa que “é prova de coragem e consagração o fato de

Timóteo ter visto às claras o que poderia e realmente aconteceu a um apóstolo, e, ainda assim, não ter hesitado em participar da mesma sorte com Paulo”.²

O ponto que o apóstolo realça é a fidelidade de Deus em livrar seu servo. Ele não buscou ser perseguido ou a glória ligada a isso para o seu próprio bem; ele recorda esses fatos apenas para louvar a Deus pela força e graça que o salvou.

B. A FIRMEZA É ESSENCIAL, 3.12-15

Paulo está convencido de que não há caminho fácil para os filhos de Deus: **E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições** (12). Jesus declarou que a cruz seria inevitável para quem o seguisse, e assim sempre tem sido. Podemos ser cristãos nominais sem sofrer muitos inconvenientes. Mas os que **querem** ser cristãos genuínos têm de pagar o preço inevitável do sofrimento, embora tenham a garantia do poder libertador de Deus.

Viver em rebeldia à vontade de Deus e entregar-se à propagação de erros resultarão na intensificação da desgraça: **Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados** (13). Aqueles que se deixam ser seduzidos pelos erros dos desviadores efésios estão fadados a situação cada vez pior; eles enganam outras pessoas e sua condição passará **de mal para pior** até que fiquem em total cegueira espiritual. A experiência humana confirma seguramente que este é o destino final daqueles que rejeitam Cristo.

Com Timóteo o caso é diferente. O apóstolo o exorta: **Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido** (14). Indubitavelmente, o jovem tivera o benefício de muitos mestres cristãos, o principal dos quais foi o próprio Paulo. Que privilégio extraordinário e deveras invejável! Continue nessa herança da verdade, exorta o apóstolo. Mas Paulo sabe muito bem que, na vida de Timóteo, o edifício da verdade está sobre fundamento que outros fundaram: **E que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus** (15). Este é um tributo à instrução fiel que Timóteo recebera de sua mãe e avó piedosas. A instrução nas Escrituras era considerada responsabilidade sagrada em toda casa judaica ortodoxa e deve ser reputada com seriedade igual em toda casa verdadeiramente cristã. Não há nada maior que isso que enriqueça a vida de nossos filhos.

SEÇÃO VIII

A INSPIRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

2 Timóteo 3.16,17

Esta é uma passagem que se tornou principal texto de prova para a doutrina cristã da inspiração da Bíblia: **Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça** (16). Pelo visto, Paulo tinha em mente o Antigo Testamento, pois na ocasião em que escrevia esta carta, os documentos veterotestamentários eram as Escrituras da igreja primitiva. Aqui, como ressalta Scott, “a palavra crucial [**inspirada**] significa, literalmente, ‘respirada por Deus de fora para dentro’, ou seja, existe uma qualidade divina na Bíblia, que a distingue de toda expressão vocal humana”.¹ Com o desenvolvimento do cânon do Novo Testamento ao lado do cânon do Antigo Testamento, foi natural e altamente adequado que este conceito de inspiração fosse atribuído a estes escritos mais novos que se desenvolveram no contexto da igreja cristã. Concernente à **Escritura**, João Wesley chama nossa atenção para o fato de que “o Espírito de Deus não só inspirou as pessoas que a escreveram, mas continuamente inspira e sobrenaturalmente ajuda as pessoas que a lêem com oração fervorosa. É por isso que é tão ‘proveitosa para ensinar’, para instruir os ignorantes, ‘para redargüir’ ou repreender ou condenar aqueles que estão no erro ou no pecado, ‘para corrigir’ ou restabelecer ou retificar o que estiver errado e ‘para instruir’ ou educar ou treinar os filhos de Deus em toda a ‘justiça’”.²

O verdadeiro propósito de entendermos a Bíblia está claro no versículo 17: **Para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra**. Paulo está dizendo que ninguém está preparado para servir a **Deus** adequadamente na **obra** do ministério sem o conhecimento completo da Palavra de Deus. Sejam quais forem as qualificações que o ministro **de Deus** possua, ele tem de ter esta em preeminência — ser estudante minucioso e consciencioso da Palavra inspirada de Deus. Só assim o **homem de Deus é perfeito**, no sentido de completo em sua preparação para a tarefa santa, ou seja, **perfeitamente instruído para toda boa obra**.

SEÇÃO IX

AS DETERMINAÇÕES FINAIS DE PAULO

2 Timóteo 4.1-18

A. PREGUE A PALAVRA, 4.1-5

Há extraordinário grau de solenidade ligada a estas palavras finais do apóstolo. Ele escreve na plena consciência do fato de que o tempo está se esgotado e, com toda a probabilidade, este é o adeus ao seu “amado filho” Timóteo.

Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino (1). A palavra **conjuro-te** é enfática e “tem peso de afirmação legal, podendo ser traduzida por *adjuro-te*”.¹ O apóstolo elaborara detalhadamente a responsabilidade que está sobre o ministro cristão. Agora ele incumbe Timóteo de assumir este encargo em plena conscientização de que, no desempenho de suas obrigações, ele é responsável **diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo**. Pois **os vivos e os mortos** se apresentarão **diante** do Juiz de toda a terra. Tudo que no fim das contas importa são os assuntos que importarão **na sua vinda e no seu Reino**. Depois que os tronos e domínios de terra saírem de cena, e todas as soberanias das nações não existirem mais, **Deus** ainda reinará. Na presença de **Jesus Cristo**, designado por **Deus** como o Juiz de toda a terra, todos os homens prestarão contas. Ninguém entre as miríades de seres humanos da terra achará esse dia mais solene do que os que o servem como ministros de **Cristo**.

É no contexto dessas considerações sérias que Paulo profere suas exortações: **Que pregues a palavra, instes** (“insiste”, BAB, BJ; cf. NTLH) **a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina** (2). Por **a palavra** o apóstolo quer dizer a mensagem relativa a Cristo como Redentor, Salvador e Senhor. É o que o Novo Testamento quer dizer por querigma ou proclamação.² Este deve ser o teor da pregação cristã. Nenhum sermão é realmente sermão, a menos que deixe explícita a verdade bíblica. **Instes a tempo e fora de tempo** pode ser tra-

duzido por “insista em todas as ocasiões, convenientes ou inconvenientes” (NEB; cf. BJ, BV, CH, NTLH). Esta determinação nos mostra o senso de urgência que deve caracterizar nossa pregação. Isso acarreta necessariamente a responsabilidade de corrigir e repreender (**redarguas e repreendas**; cf. BAB, BV, RA), e o dever mais positivo de animar (**exortes**; cf. CH, NTLH). Temos de provocar em todos que nos ouvem a disposição de reagir em total obediência à Palavra de Deus. Acima de tudo, o servo de Deus deve cultivar a graça da paciência (**longanimidade**; cf. BJ, CH, NTLH, NVI) em seus esforços de levar as pessoas a Cristo e ministrar-lhes o ensino segundo a verdade cristã (**doutrina**; cf. AEC, CH, NTLH).

O versículos 3 a 4 revelam o que Paulo vê que é uma tendência crescente por parte daqueles que rejeitam os rigores do caminho cristão: **Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão** (“coceira”, AEC, NVI, RA; cf. BAB) **nos ouvidos, amontoarão para si doutores** (“mestres”, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) **conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas**. Estas palavras descrevem a situação que já existia nos dias de Timóteo. Mas os ímpios sempre mostram preferência pelo profeta que profetiza “o que é agradável aos ouvidos sensíveis do cliente”. Lembramos a história da aliança profana entre o rei Josafá e o rei Acabe. Quando o rei de Judá sentiu-se inquieto acerca das predições otimistas dos profetas de Acabe e pediu a opinião de, pelo menos, mais um profeta, Acabe admitiu de má vontade que “ainda há um homem por quem podemos consultar o SENHOR; porém eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim bem, senão sempre mal” (2 Cr 18.6,7). Assim, as pessoas hoje em dia têm **ouvidos** que “coçam” por palavras agradáveis e promissoras. A disposição de encontrar alguém que fale somente o que desejam ouvir é tamanha que recompensam generosamente quem abrir mão da **sã doutrina**. Os ouvintes deste tipo rejeitam a **verdade** e preferem ouvir a mentira.

Diante de tal situação, o dever de Timóteo é claro: **Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério** (5). “Mantém a calma e o equilíbrio mental em todas as situações”, diz certa tradução (NEB) da primeira frase. O jovem é alertado a ser constantemente alerta, servindo a Cristo com a cabeça e com o coração. **A obra de um evangelista** indica uma ordem ministerial especial que havia na igreja primitiva, uma ordem à qual Timóteo pertencia, segundo pensava o apóstolo. Esta incumbência dá a entender que na guerra do evangelho é bom aplicar o princípio militar de que a melhor defesa é o ataque. Proclame a mensagem de salvação em toda sua pureza, poder e rigor, e assim confunda e derrote os inimigos do Senhor, “cumprindo por completo”, como traduz Phillips, “a missão que Deus lhe deu” (CH).

B. O DISCURSO DE DESPEDIDA DO APÓSTOLO, 4.6-8

O tipo de lealdade corajosa que o apóstolo recomenda veementemente torna-se a mais necessária por causa do seu destino iminente: **Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo** (6). Paulo sabia muito bem que ele estava diante do sacrifício supremo. Uma tradução literal de suas palavras seria: “Eu já estou sendo derramado como libação, ou oferta de bebida,

no altar” (cf. AEC, NVI). Percebemos um tom patético em suas palavras, e certo sentimento de tristeza humana pelo fato da separação iminente daqueles a quem ele amava. As palavras **o tempo da minha partida** trazem em si a imagem do navio zarpando ou do soldado levantando acampamento.

Mas Paulo não se deixa vencer nem fica confuso pelo prospecto que está à frente. Em vista disso, ele revisa calmamente o caminho que seguiu e o aprova: **Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé** (7). A figura de linguagem não é da guerra, mas da competição atlética. De acordo com esta idéia, Kelly traduz assim a primeira frase: “Lutei na nobre competição”.³ Esta outra tradução vai mais longe, fazendo a primeira frase concordar mais plenamente com a segunda: “Corri a grande corrida, completei o circuito” (NEB). Não há pesar nesse testemunho. As labutas, tristezas e sofrimentos são esquecidos na certeza de um trabalho bem feito. E o testemunho mais sublime de todos é a frase **guardei a fé**.

Isto se relaciona inteiramente com o passado. Caso o testemunho do apóstolo tivesse de terminar aqui seria valoroso e esperançoso: **Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda** (8). As palavras **desde agora**, que significam, literalmente, “quanto ao mais”, são tradução de um termo grego que chama “atenção para o que resta ser realizado em comparação às coisas já realizadas”.⁴ A **coroa da justiça** continua a imagem de correr uma corrida, na qual o prêmio seria uma guirlanda de folhas de oliveira. Aqui é a **coroa da justiça** que, como destaca White, é “a coroa que pertence à justiça ou é a coroa que é a devida recompensa da justiça”.⁵ A expressão paulina **naquele Dia** refere-se obviamente ao **Dia** do julgamento e recompensa final, o **Dia** do qual ele lembrou Timóteo no primeiro versículo deste capítulo.

O conforto que estes versículos dão aos corações cristãos não se acha só na manifestação do espírito triunfante do apóstolo, mas também na certeza de que todos os seguidores de Cristo podem ter entrada igualmente abundante na presença gloriosa de nosso Senhor. **Todos os que amarem a sua vinda** podem desfrutar deste prospecto reconfortante.

C. PEDIDOS PESSOAIS, 4.9-13

A porção principal da carta de Paulo está encerrada, e assuntos pessoais ocupam sua conclusão: **Procura** (“faça o máximo para”, CH) **vir ter comigo depressa** (9). Estas palavras expressam o desejo ardente e afetuoso do coração do apóstolo por mais uma visita do seu protegido amado. Seria um pedido difícil de atender. O fator tempo era crítico, pois a comunicação e as viagens eram lentas naquela época. A dúvida tremenda era se havia tempo suficiente para Timóteo receber o pedido de Paulo e atendê-lo. Também colocava Timóteo em perigo pessoal, embora fosse improvável que ele se intimidasse a esse respeito. Mas o anelo do coração de Paulo é compreensível. Em 1.4, ele declarou: “Desejando muito ver-te”, e agora volta ao tema.

Não há dúvida de que o anseio de Paulo ver Timóteo tornou-se mais dolorosamente intenso com a partida de vários amigos que eram bons companheiros: **Porque Demas me desamparou** (“me abandonou”, AEC, BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA), **amando o presente século** (ou “este mundo”, BAB, CH, NTLH, NVI; cf. BJ), **e foi para**

Tessalônica; Crescente, para a Galácia, Tito, para a Dalmácia (10). Quanto a **Demas** pouco sabemos além da informação contida nesta passagem. Em Colossenses 4.14 e em Filemom 24 ele é citado entre os companheiros de confiança do apóstolo. Será que **Demas** se desviou e se tornou apóstata da fé? As tradições antigas e a maioria das traduções apóiam esta interpretação, mas não temos justificativa para julgamentos inaptos. Paulo não diz que **Demas** abandonara Jesus, mas que abandonara o apóstolo. É fato que as pessoas se desassociam de nós sem renunciarem a Jesus. O amor de **Demas** por este mundo é evidência circunstancial e não prova conclusiva. Na tradução da passagem, Phillips introduz um elemento apropriado de reserva: “Receio que Demas, por amar este mundo, deixou-me e foi para Tessalônica” (CH). Ainda que sejamos tolerantes em nosso julgamento, dois pontos de interrogação importantes levantam dúvidas sérias sobre a fidelidade cristã de um homem. **Demas** deu mostras de ter amado o mundo, e desamparado um dos grandes líderes de Deus da igreja. É lógico que ele não correspondeu às altas expectativas que Paulo lhe nutria e escolheu um caminho mais fácil. Não podemos fugir do sentimento de que **Demas**, de alguma maneira, não tinha a capacidade de ajudar Paulo nesse momento difícil.

Crescente é mencionado somente aqui no Novo Testamento, e nada mais sabemos sobre ele, a não ser escassas referências nas tradições antigas. Seu destino — **Galácia** — podia ter sido a **Galácia** da Ásia Menor, para cuja região Paulo enviou uma de suas cartas, ou um distrito na Europa ocidental conhecido no século I pelo nome de Gália (BJ e NEB sugerem “Gália” como leitura alternativa). Mas por falta de evidências claras, estamos mais seguros em optar por **Galácia** da Ásia (ver Mapa 1). **Dalmácia**, para onde **Tito** fora enviado, é, como ressalta Kelly, “o ponto mais sulista da província imperial do Ilírico, no litoral oriental do mar Adriático (a atual Croácia). De Romanos 15.19 ficamos sabendo que a atividade missionária de Paulo se estendera até lá”.⁶ Diferente de **Demas**, provavelmente estes dois homens foram enviados por Paulo em missões às igrejas nas áreas designadas.

A solidão de Paulo só foi aliviada pela presença de um dos seus mais fiéis amigos: **Só Lucas está comigo** (11). O “médico amado” foi o único membro do círculo íntimo de Paulo a estar a seu lado. Por isso o apelo insistente a Timóteo: **Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério** (11). **Marcos** fora personagem controversa no ministério inicial do apóstolo, imediatamente antes da segunda viagem missionária. Paulo e Barnabé tiveram opiniões tão discrepantes sobre a adequação de levar **Marcos** que ambos tiveram de se separar. Pelo visto, **Marcos** se redimira do insucesso principiante e agora seria recebido alegremente na companhia do apóstolo.

Outro dos amigos de Paulo fora incumbido de nova missão: **Também envie Tiíquico a Éfeso** (12; ver Mapa 1). Este era um amigo de confiança que acompanhara Paulo em sua última visita a Jerusalém (At 20.4). As cartas de Paulo aos Colossenses e aos Efésios foram entregues pela mão de **Tiíquico** (Cl 4.7,8; Ef 6.21,22). Agora ele estava distante em outra missão para o apóstolo, talvez levar esta carta a Timóteo, talvez substituir Timóteo em Éfeso para tornar possível a almejada visita deste a Paulo na prisão.

Se há marca inconfundível de autenticidade nesta carta, ela está no versículo 13: **Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade** (ver Mapa 1) **em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos**. A **capa** era uma peça de roupa muito simples, feita de uma manta com um buraco no meio por onde se enfia a cabeça. Em

muitas regiões do mundo ainda se usam capas de tipo similar. Os **livros** eram rolos de papiro que compunham uma pequena biblioteca ambulante que o apóstolo normalmente levava consigo. Os **pergaminhos** eram peles ou velinos preparados para se escrever sobre eles. Por outro lado, Moffatt traduz **pergaminhos** pela expressão “meus documentos”, acreditando que a referência seja a documentos oficiais de que Paulo precisava, possivelmente para provar o fato de sua cidadania romana. Mas trata-se de conjectura.

D. CONSELHO PARTICULAR, 4.14,15

Há uma situação sobre a qual Paulo é suficientemente gabaritado para proferir uma palavra de advertência: **Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras** (14). A última frase do versículo é mais bem traduzida por “O Senhor lhe retribuirá segundo suas obras” (BJ; cf. CH, NTLH, NVI). Aqui não há espírito vingativo, mas é a entrega de julgamento às mãos de Deus, a quem pertence de direito. Não temos certeza da identidade deste indivíduo, pois **Alexandre** era nome muito comum na época e **latoeiro** era profissão das mais comuns. Entre as possibilidades, a maior é que este homem seja o Alexandre mencionado em 1 Timóteo 1.20, pois seria raro o apóstolo ter tido dificuldade séria com duas pessoas do mesmo nome em espaço de tempo relativamente limitado. Mas também sobre este ponto só podemos conjecturar. De qualquer modo, Paulo avisa Timóteo solenemente: **Tu, guarda-te também dele** (“tome cuidado com ele”, BV, NTLH; cf. BAB, NVI), **porque resistiu muito às nossas palavras** (15). Tratava-se de homem perigoso, e Timóteo deveria estar de sobreaviso contra ele.

E. PAULO SE ALEGRA COM A FIDELIDADE DE DEUS, 4.16-18

Na ocasião em que foi abandonado por todos, Paulo recorda como Deus foi fiel: **Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam** (“me abandonaram”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). **Que isto lhes não seja imputado** (16). A referência é à primeira audiência do seu caso (cf. “a primeira vez que eu fui levado perante o juiz”, BV). Será que significa, como defendem certos expositores, sua citação depois do primeiro aprisionamento? O versículo 17, ao que parece, apóia esta opinião. Mas a referência mais provável é ao segundo aprisionamento, porque ele fala como se fosse acontecimento relativamente recente. De qualquer forma, ele foi totalmente abandonado pelos amigos na hora de extrema necessidade. Contudo, ele se recusou a ficar amargurado por esta experiência. Sua oração pelos que o abandonaram é quase idêntica à oração de Estêvão por seus assassinos: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7.60).

Mas Deus permaneceu fiel: **Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão** (17). O apóstolo está se referindo à preponderância que teve ao enfrentar ousadamente seus inimigos na audiência e ao testemunho fiel do evangelho de Cristo, de quem recebeu capacitação para testificar na mesma ocasião. Ficar **livre da boca do leão** foi um triunfo interior e espiritual em toda essa dificuldade que os lacaios de Satanás puderam lhe causar.

Paulo conclui este recital vitorioso com uma confissão de fé pelo futuro e um brado de louvor: **E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!** (18). Claro que o apóstolo não está se referindo ao livramento físico da morte e do poder dos seus inimigos. Pelo contrário, seu discurso de despedida comovente nos versículos 6 a 8 dá a entender que ele espera e está preparado para o pior. Durante anos, ele nutria o desejo de estar vivo para ver o cumprimento da bem-aventurada esperança da volta de Cristo. Mas agora ele está pronto a admitir que isso lhe será negado. Não obstante, ele está longe de sentir-se desesperado. Se agora ele estivesse escrevendo 1 Tessalonicenses 4.15, ele poderia mudar os pronomes e as formas verbais, mas a certeza continuaria a mesma, a saber: “*Vós, os que ficardes vivos para a vinda do Senhor, não precedereis a nós, os que dormem*” (grifos meus). Ele ainda está radiantemente confiante da vinda gloriosa e do **Reino celestial** que o prenunciará.

SEÇÃO X

SAUDAÇÕES FINAIS E BÊNÇÃO

2 Timóteo 4.19-22

Pouco importando quão trágicas fossem as circunstâncias do apóstolo, ele permaneceu agradecidamente atencioso para com seus amigos: **Saúda a Prisca, e a Áquila, e à casa de Onesíforo** (19). **Prisca**, conhecida por Priscila (At 18.2), e seu marido, **Áquila**, estavam entre os mais velhos amigos de Paulo no evangelho. Eles eram romanos e tinham ido a Corinto (ver Mapa 1), onde o apóstolo os conheceu. Depois se mudaram para Éfeso e tiveram influência na fundação da igreja. O cumprimento do apóstolo sugere que eles estavam em Éfeso. A menção saudadora **à casa de Onesíforo** dá a entender que este excelente cristão, que já foi citado em termos elogiosos nesta carta (1.16), estava na verdade morto; caso contrário, ele teria sido incluído na saudação.

O versículo 20 contém informação relativa a mais dois dos primeiros companheiros do apóstolo: **Erasto ficou em Corinto, e deixei Trófimo doente em Mileto** (ver Mapa 1). Dois homens chamados **Erasto** constam em outros textos do Novo Testamento. Um ocorre em Romanos 16.23, onde Paulo diz que **Erasto** é “procurador da cidade” de Corinto. O outro é mencionado em Atos 19.22, que informa que ele é companheiro de Timóteo numa missão à Macedônia. Provavelmente é sobre este último **Erasto** que Paulo noticia o paradeiro ao seu velho amigo Timóteo. A nota concernente a **Trófimo** é ambígua. Este homem fora um companheiro do apóstolo em diversas viagens importantes. Mas nada sabemos sobre o motivo de ter ficado **doente em Mileto**.

Agora Paulo volta a insistir na visita de Timóteo antes que seja tarde demais: **Procura vir antes do inverno** (21). Aqui aparece novamente o senso de urgência que

permeia esta carta. Logo as tempestades de inverno tornarão a navegação perigosa e ele exorta Timóteo a fazer a viagem sem tardança.

Há certos cristãos em Roma cujos nomes foram imortalizados por terem sido incluídos na carta de Paulo: **Êubulo, e Pudente, e Lino, e Cláudia, e todos os irmãos te saúdam** (21). Além dos nomes, nada mais sabemos sobre esses crentes. Não devemos entender que a menção desses amigos romanos seja infração da declaração no versículo 16, quando o apóstolo disse que todos o abandonaram, pois ali ele está falando da audiência perante o juiz. Havia alguns cristãos em Roma que, embora tímidos, ainda amavam o apóstolo.

A bênção final é comovente. São as últimas palavras de Paulo para a posteridade. São dirigidas a Timóteo, mas nos incluem a todos: **O Senhor Jesus Cristo seja com o teu espírito. A graça seja convosco. Amém!** (22).

Notas

A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

SEÇÃO I

¹Kelly, *op. cit.*, p. 154.

²M. P. Noyes, "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus" (Exposition), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. XI (Nova York: Abingdon Press, 1951), p. 460.

SEÇÃO III

¹Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 128.

²C. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1936), pp. 197-206.

³Simpson, *op. cit.*, p. 125.

⁴Kelly, *op. cit.*, p. 166.

SEÇÃO IV

¹P. N. Harrison, *The Problem of the Pastoral Epistles* (Londres: Oxford University Press, 1921), p. 127.

²Kelly, *op. cit.*, p. 171.

³Simpson, *op. cit.*, p. 129.

SEÇÃO V

¹Scott, *op. cit.*, p. 102.

²Barclay, *op. cit.*, p. 188.

³*Ib.*, p. 189.

⁴C. H. Dodd, "The Epistle of Paul to the Romans", *The Moffatt New Testament Commentary* (Londres: Hodder & Stoughton, 1949), p. 5.

⁵Kelly, *op. cit.*, p. 180.

⁶Scott, *op. cit.*, p. 111.

⁷Rolston, *op. cit.*, p. 105.

SEÇÃO VI

¹Kelly, *op. cit.*, p. 195.

²Scott, *op. cit.*, p. 121.

SEÇÃO VII

¹Kelly, *op. cit.*, p. 198.

²Barclay, *op. cit.*, p. 227.

SEÇÃO VIII

¹Scott, *op. cit.*, p. 127.

²Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament*, p. 794.

SEÇÃO IX

¹Simpson, *op. cit.*, p. 152.

²Cf. C. H. Dodd, *The Apostolic Preaching and Its Developments* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), pp. 7-35.

³Kelly, *op. cit.*, p. 208.

⁴Guthrie, *The Pastoral Epistles*, p. 170.

⁵White, *op. cit.*, p. 178.

⁶Kelly, *op. cit.*, p. 213.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

9

Gálatas a
Filemom

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

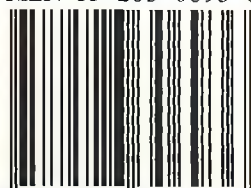
Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

ISBN 85-263-0693-6



9 788526 130693 6

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO